

Letícia Araújo Moreira da Silva

**O clima escolar e sua associação com a vitimização e a polivitimização por
violência contra adolescentes do município de São Paulo**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Ciências

Programa de Saúde Coletiva

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda
Tourinho Peres

(Versão corrigida. Resolução CoPGr 6018/11, de 1 de novembro de 2011. A versão original está disponível na Biblioteca da FMUSP)

São Paulo

2022

Letícia Araújo Moreira da Silva

**O clima escolar e sua associação com a vitimização e a polivitimização por
violência contra adolescentes do município de São Paulo**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Ciências

Programa de Saúde Coletiva

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda
Tourinho Peres

São Paulo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Silva, Letícia Araújo Moreira da
O clima escolar e sua associação com a vitimização
e a polivitimização por violência contra
adolescentes do município de São Paulo / Letícia
Araújo Moreira da Silva. -- São Paulo, 2022.
Tese (doutorado) -- Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo.
Programa de Saúde Coletiva.
Orientadora: Maria Fernanda Tourinho Peres.

Descritores: 1.Exposição à violência 2.Maus tratos
infantis 3.Instituições acadêmicas 4.Proteção da
criança 5.Adolescentes

USP/FM/DBD-146/22

Responsável: Erinalva da Conceição Batista, CRB-8 6755

Dedicatória

Para minha avó, Luzia (*in memorian*),
e meu avô, Joaquim (*in memorian*), que sempre
torceram por mim, estiveram presentes
e souberam me acolher com simplicidade e muito amor.

Saudades!

Agradecimentos

À minha orientadora, Maria Fernanda Tourinho Peres, que com muita paciência e generosidade me apoiou durante estes cinco anos de percurso. Sou grata não apenas pelo tanto que aprendi, mas também pela empatia com os momentos críticos que fizeram parte da minha trajetória durante o doutorado. Sempre muito disponível, com sua tranquilidade, me transmitiu segurança para enfrentar as adversidades, aceitou me orientar apesar de eu trabalhar 40h semanais, me acolheu quando descobri que estava grávida, me guiou nas mudanças necessárias quando tive que reorientar o trabalho por conta da pandemia e esteve comigo, lado a lado, para enfrentar o desafio das análises quantitativas. Não tenho palavras para expressar a imensa gratidão que sinto por você, Fernanda! Foi muito prazeroso contar com sua orientação neste trabalho!

Ao Cauê, hoje com 4 anos, por sua paciência impaciente, que me fez ter momentos de descanso e pausa durante esta jornada e por tornar a minha vida tão alegre!

Ao Lucas, amigo e companheiro, por suas palavras de incentivo e apoio nestes anos que estamos juntos. Por me proporcionar momentos inesquecíveis, de boas conversas e risadas, repletas de amor e carinho.

Aos meus familiares: minha mãe, Maria Alice, e meu pai, Plínio, pelo apoio constante e por estarem disponíveis sempre que precisei, minhas irmãs, Bia e Rê, e ao meu irmão, André, por serem tão especiais e presentes na minha vida. Meu tio Jara, pela disponibilidade em fazer a revisão ortográfica, e carinho de sempre. Minha sogra, Glacy, por todas as palavras de apoio e motivação.

Aos amigos e às amigas que fazem parte da minha vida e são fontes de apoio constante.

Ao Cenpec, por flexibilizar meus horários para realizar as disciplinas obrigatórias enquanto trabalhava.

Ao Programa de Saúde Coletiva pela oportunidade de realizar este trabalho e, em especial,
à Lilian, da Secretaria da Pós-graduação, por ser tão atenciosa e prestativa.

À equipe do SP-PROSO por toda troca e aprendizagem.

Aos estudantes e às estudantes que participaram da pesquisa do SP-PROSO, muito
obrigada por compartilharem um pedaço da vida de vocês conosco!

Normalização Adotada

Esta tese está de acordo com as seguintes normas vigentes no momento desta publicação:

Referências: formato adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors (Vancouver)*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Divisão de Biblioteca e Documentação. Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Júlia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena, 3^a ed. São Paulo: Divisão de Biblioteca e Documentação; 2021.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journal Indexed in Index Medicus*.

Sumário

Resumo

Abstract

Apresentação

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Revisão da literatura científica	1
1.1.1 A violência contra crianças e adolescentes: a realidade do fenômeno	1
1.1.2 A prevalência das diferentes formas de violência que vitimizam crianças e adolescentes	7
1.1.3 A polivitimização nas pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes	17
1.1.4 A escola e a violência contra crianças e adolescentes: algumas considerações sobre o fenômeno	24
1.1.5 O clima escolar como possível fator de proteção contra a vitimização por violência	28
2. JUSTIFICATIVA	33
3. OBJETIVOS	35
3.1 Objetivo geral	35
3.2 Objetivos específicos	35

4. MATERIAL E MÉTODOS	36
4.1 Composição da amostra do SP-PROSO	36
4.2 Instrumento de coleta de dados	40
4.3 Coleta de dados	44
4.4 Aspectos Éticos	45
4.5 Variáveis selecionadas para a pesquisa	46
4.6 Procedimento de análise dos dados	53
5. RESULTADOS	55
6. DISCUSSÃO	71
6.1 A prevalência da vitimização e polivitimização por violência na amostra estudada	72
6.2 A associação entre clima escolar e vitimização	81
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
8. LIMITAÇÕES	96
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
10. ANEXOS	112

RESUMO

Silva LAM. *O clima escolar e sua associação com a vitimização e a polivitimização por violência contra adolescentes do município de São Paulo* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2022.

Muito se sabe sobre os efeitos da vitimização por violência no desenvolvimento de crianças e adolescentes e no desempenho escolar. A vitimização por violência está associada não apenas a comprometimentos na saúde física e mental como também pode agravar o estabelecimento de relações interpessoais e o desenvolvimento psicossocial dos/as adolescentes. A polivitimização por diferentes tipos de violência é um fenômeno ainda pouco estudado na literatura científica, mas que apresenta dados de prevalências preocupantes. O estudo sobre fatores e características de ambientes que podem exercer um papel protetor contra a vitimização por violência se apresenta como uma possibilidade para a oferta de programas de prevenção efetivos. A escola, enquanto instituição educativa e promotora do desenvolvimento de crianças e adolescentes, possui potencial para ser um dos ambientes protetivos. Poucos estudos exploraram os possíveis efeitos do clima escolar na vitimização e polivitimização por violência em diferentes contextos. A nossa hipótese é que o clima escolar pode funcionar como um importante fator de proteção para as vitimizações por violência e que, quanto melhor a percepção dos estudantes sobre o clima escolar, menor será a ocorrência de vitimizações, na medida em que a escola é reconhecida como espaço que confere segurança e oportunidade para se estabelecer relações protetoras. Exploramos essas hipóteses em um estudo de corte transversal composto por uma amostra representativa de adolescentes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental II do município de São Paulo no ano de 2017. O objetivo do estudo foi analisar como a percepção dos estudantes sobre o clima escolar se associa à

vitimização por diferentes tipos de violências e a polivitimização. Para análise dos dados foram utilizadas a regressão logística e a regressão logística multinomial brutas e ajustadas. Os resultados apontaram uma associação negativa entre o clima escolar e a vitimização por todos os tipos de violência e a polivitimização. Observamos ainda que o clima escolar bom exerceu um efeito protetor maior do que o clima escolar intermediário em todos os casos, com OR menores do que os encontrados com o clima intermediário (práticas disciplinares parentais violentas: clima escolar bom 0,35; violência grave 0,44; bullying 0,20; violência comunitária média 0,56, e alta 0,26, vitimização por 2 a 3 tipos 0,84; vitimização por 4 a 6 tipos 0,47 e polivitimização 0,17). Os nossos resultados demonstram que climas escolares positivos, dotados de boas percepções sobre segurança, justiça e equidade em relação às normas e regras, apoio às dificuldades escolares, com bons relacionamentos interpessoais dos adolescentes entre si e destes com os professores, podem funcionar como fatores protetores importantes para a vitimização e polivitimização por violência contra adolescentes.

Descritores: Exposição à violência; Maus tratos infantis; Instituições acadêmicas; Proteção da criança; Adolescentes.

ABSTRACT

Silva LAM. *The school climate and its association with victimization and poly-victimization by violence against adolescents in the city of São Paulo* [thesis]. São Paulo: “Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo”; 2022.

Much is known about the effects of violence victimization on children and adolescents' development and school performance. Victimization by violence is associated not only with impairments in physical and mental health, but can also worsen the establishment of interpersonal relationships and the psychosocial development of adolescents. Poly-victimization due to different types of violence is a phenomenon that has not yet been studied in the scientific literature, but which presents worrying prevalence data. The study of factors and characteristics of environments that can play a protective role against victimization by violence presents itself as a possibility for the provision of effective prevention programs. The school, as an educational institution and promoter of the development of children and adolescents, has the potential to be one of the protective environments. Few studies have explored the possible effects of the school climate on victimization and poly-victimization by violence in different contexts. Our hypothesis is that the school climate can function as an important protective factor for victims of violence and that the better the students' perception of the school climate, the lower the occurrence of victimization will be, as the school is recognized. as a space that provides security and an opportunity to establish protective relationships. We explored these hypotheses in a cross-sectional study composed of a representative sample of adolescents who attended the 9th grade of Elementary School II in the city of São Paulo in 2017. The objective of the study was to analyze how students' perception of the school climate is

associated with victimization by different types of violence and poly-victimization. For data analysis, crude and adjusted logistic regression and multinomial logistic regression were used. The results showed a negative association between the school climate and victimization by all types of violence and poly-victimization. We also observed that the good school climate exerted a greater protective effect than the intermediate school climate in all cases, with OR lower than those found with the intermediate climate (violent parental disciplinary practices: good school climate 0.35; severe violence 0.44; bullying 0.20; average community violence 0.56, and high 0.26, victimization by 2 to 3 types 0.84; victimization by 4 to 6 types 0.47 and poly-victimization 0.17). Our results show that positive school climates, endowed with good perceptions about safety, justice and equity in relation to norms and rules, support for school difficulties, with good interpersonal relationships between adolescents and between them and teachers, can work as protective factors. important for victimization and poly-victimization by violence against adolescents.

Descriptors: Exposure to violence; Child abuse; Schools; Child welfare; Adolescents.

Apresentação

Desde a graduação em Psicologia, venho trabalhando na área de proteção à infância e adolescência. Logo que me formei, trabalhei com crianças e adolescentes em situação de rua e tive contato com muitas situações críticas vivenciadas por tantas crianças e adolescentes. Fiz o mestrado, na Espanha, com foco nas instituições de acolhimento e, ao retornar ao Brasil, comecei a trabalhar na área da educação integral, em que foi possível realizar uma ponte entre a educação, o desenvolvimento integral das crianças e adolescente e o papel das instituições, escolas e Organizações da Sociedade Civil, enquanto promotoras de desenvolvimento, mas também como agentes de proteção.

O olhar para a proteção das crianças e adolescentes sempre esteve presente na minha vida. Acredito na importância de colocarmos as crianças e adolescentes como o centro de nossas atenções para que possamos, de fato, protegê-las/os. E foi por isso que resolvi realizar o doutorado na área de violência contra crianças e adolescentes.

Apesar da dureza da temática, pois nem sempre é fácil nos debruçarmos em uma literatura que revela tanto sofrimento, acredito na importância de produzir conhecimento sobre este assunto e saí em busca de uma orientadora. Foi assim que conheci a professora Maria Fernanda Tourinho Peres que topou o desafio de me orientar, apesar de eu trabalhar 40 horas semanais. Sabia que seria um desafio, mas, ao projetar o futuro, via que conseguiria me organizar. Após alguns poucos anos de conversa, consegui escrever o projeto sobre o papel da escola em relação à vitimização de crianças e adolescentes. E, como a beleza da vida é não ser previsível, na mesma semana que ingressei no doutorado, descobri que estava grávida. Foi uma supresa, totalmente, inesperada! Mas, respirei fundo, tinha o apoio da minha orientadora, companheiro, familiares, amigos e amigas. Seria apertado, mas continuava otimista. Afinal de contas, tinha me desafiado a

desenvolver uma pesquisa mista, sempre trabalhei com análises qualitativas, mas estava disposta a entender melhor as análises quantitativas. Confesso, que poder realizar uma parte qualitativa me dava muita segurança. Qualifiquei o trabalho com a parte quantitativa e, o que estava por vir, era uma parte que dominava bastante. No entanto, chegou a pandemia...

A parte qualitativa envolvia grupos com professores/as e estudantes, algo impraticável para o momento vivido. Para além das muitas dores causadas pela pandemia, tive que lidar com um novo ajuste de rota, não queria abrir mão da parte qualitativa, era o coração da minha pesquisa, algo que me encantava e que me dava a sensação de escuta genuína às demandas dos/as adolescentes para pensarmos em possibilidades de proteção. Minha orientadora, novamente, teve papel crucial, vivíamos um cenário muito incerto com a pandemia e, provavelmente, não conseguiríamos realizar a parte qualitativa.

Novo ajuste de percurso, minha pesquisa deixa de ser mista e passar a ser um estudo quantitativo. Desespero total! Me aproximar da área quantitativa não era sinônimo de uma pesquisa inteirinha quantitativa. Não sabia nem por onde começar. Mas, com o apoio da Fernanda, conseguimos desenhar um novo caminho, também muito interessante. Passamos a olhar para tantas perguntas que fizemos sobre o ambiente da escola e nos perguntar, será que estas variáveis não estariam associadas à proteção dos/as estudantes contra a vitimização por violência? Os olhos voltaram a brilhar e começamos a estudar o clima escolar e seu possível potencial de proteção contra as vitimizações por violência.

Precisei de muito apoio para as análises, afinal de contas, teríamos que rodar os dados novamente. E, conforme me aproximava das análises, sentia a escuta, que eu tanto almejei, fazer eco nos meus ouvidos. A abertura que os/as adolescentes participantes tiveram para responder o questionário não me deixa dúvidas de que os/as escutamos. Ao compartilharem conosco suas vidas e suas dores, por meio do instrumento, pudemos ouvi-

los/as e compreender, um pouco, as adversidades enfrentadas. E assim, conseguimos desenvolver a pesquisa que apresentamos nesta tese.

Na pesquisa, exploramos como a vitimização por violência atinge tantas crianças e adolescentes no mundo todo e, em especial, destacamos como o fenômeno da polivitimização é algo importante de ser reconhecido e pesquisado para que possamos, de fato, elaborar ações preventivas e protetivas no campo da Saúde Coletiva e em outras áreas relacionadas à proteção infanto-juvenil.

Na perspectiva da importância da intersetorialidade, avançamos no estudo do clima escolar como fator de proteção para as vitimizações, em geral, que atingem crianças e adolescentes. Na pesquisa, tínhamos como hipótese que escolas com um clima escolar positivo poderiam estar associadas a uma menor ocorrência de vitimização por violência contra os/as adolescentes. Tendo como base a literatura científica que apontam esta associação, investigamos neste estudo a associação entre o clima escolar e as vitimizações e polivitimizações sofrida pelos/as adolescentes. Identificamos que o clima escolar pode funcionar como fator de proteção para as vitimizações por violência, evidenciando o papel relevante das escolas para a proteção das crianças e adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da violência dentro do campo da saúde é algo recente. A princípio restrita às áreas jurídica e policial, o estudo e a abordagem dos aspectos relacionados à violência vêm ganhando espaço de discussão dentro de outros setores devido à complexidade do fenômeno. Neste sentido, pesquisadores/as¹ reconhecem que, além das áreas jurídica e policial, as ciências humanas, as ciências sociais e a filosofia também foram precursoras na abordagem do tema, delegando à área da saúde, inicialmente, o tratamento dos agravos físicos e/ou emocionais da violência (Minayo, 2007; Scharaiber et al., 2009).

Segundo Minayo (2007), a violência é um fenômeno complexo e multicausal, exercida, sobretudo, enquanto processo social. Tal compreensão traz a perspectiva de que a problemática não seja tratada apenas pela área da saúde ou se torne objeto específico de outra área. Devido à complexidade do fenômeno, faz-se urgente que os casos relacionados à violência sejam vistos a partir de uma ótica intersetorial e interdisciplinar. Portanto, no que concerne ao campo da saúde, além de oferecer assistência às vítimas da violência, essa autora destaca a importância de o setor elaborar estratégias que previnam os agravos e que promovam a saúde em seu conceito ampliado de bem-estar individual e coletivo.

1.1 Revisão da literatura científica

1.1.1 A violência contra crianças e adolescentes: a realidade do fenômeno

No campo de estudo da violência, a vitimização de crianças e adolescentes é um problema grave a ser superado em vários países e, devido à sua complexidade, exige o envolvimento de profissionais das mais diferentes áreas. O desafio de se oferecer proteção

¹ Ao longo do texto, sempre que uma palavra significar os dois gêneros, as flexões serão realizadas no gênero masculino e feminino a fim de evitar o sexismo gramatical a partir do uso do “masculino genérico”.

e desenvolvimento integral às crianças e aos/às adolescentes brasileiros/as ainda é uma realidade a ser alcançada, apesar dos avanços ocorridos nos últimos anos, principalmente no que diz respeito à promulgação de legislação específica, como a aprovação do Estatuto da Criança e do/a Adolescente (ECA, 1990), e ao incremento de políticas públicas voltadas para tal questão.

No âmbito internacional, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2006) tem reiterado a importância da temática e conduzido pesquisas que revelam que crianças e adolescentes de todo o mundo enfrentam situações de violência, sendo um fenômeno multifacetado e que, em várias situações, encontra respaldo social para se perpetuar, por estar ligado a questões culturais, econômicas e sociais. No entanto, a continuidade da vitimização por violência, em longo prazo, está associada a sérios agravos à saúde física e psicológica, além de, em suas manifestações mais graves, poder levar a óbito milhares de crianças, adolescentes e jovens (Azevedo, Guerra, 1995; Minayo, 2007, Moreira, Souza, 2012).

Em recente publicação, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apresentou um levantamento dos casos, ainda altíssimos, de violência contra crianças e adolescentes que resultaram em óbito. Somente no ano de 2015, no mundo todo, foram 119.000 mortes de crianças, adolescentes e jovens com menos de 20 anos, sendo que de cada 3 vítimas, 2 tinham entre 10 e 19 anos. Dentro desta faixa etária, adolescentes que tinham entre 15 e 19 anos representavam um grupo potencialmente mais vulnerável, pois apresentavam o triplo de probabilidade de serem vítimas mortais das violências quando comparados/as aos/às adolescentes de 10 a 14 anos. Além de especificidades relacionadas às faixas etárias, devem ser consideradas também às de gênero, pois adolescentes do sexo masculino apresentavam uma taxa global de homicídios quatro vezes maior do que as do sexo feminino (UNICEF, 2017).

Outro fator importante de ser destacado diz respeito às regiões em que ocorreram as mortes de adolescentes decorrentes da violência: quase metade de todos os homicídios de adolescentes no mundo ocorreram na região da América Latina e Caribe, sendo que o Brasil compunha a lista dos cinco países que apresentavam as maiores taxas, assim como República Bolivariana da Venezuela, Honduras, Colômbia e El Salvador. São dados extremamente preocupantes, ainda mais se considerarmos que esses/as adolescentes representam 10% da população mundial nessa faixa etária. O cenário, além de adverso, evidencia a necessidade de que sejam adotadas medidas urgentes, pois se, mundialmente, não houver uma mudança significativa e as tendências atuais continuarem as mesmas, estima-se que até 2030 cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes serão mortos/as em decorrência de atos violentos (UNICEF, 2017).

A vitimização de crianças e adolescentes na realidade brasileira também apresenta desafios enormes a serem superados. Na publicação “Violência letal contra crianças e adolescentes no Brasil” (Waiselfisz, 2015), por exemplo, são apresentados dados sobre a violência, no ano de 2013, entre os quais se destaca a morte por causas externas² que representaram 29% dos óbitos de crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos. Deste percentual, cerca de 14%, a maior parcela, era devido aos homicídios. Foram 10.520 crianças e adolescentes de 0 a 19 anos assassinados/as, o que representava, aproximadamente, o extermínio de 29 vítimas por dia.

Não por acaso, o país ocupava, no estudo em questão, a 3ª colocação, entre os 85 países analisados, em relação aos altos índices de homicídios que vitimizaram crianças e adolescentes. Cenário extremamente preocupante, sobretudo pelo aumento dos índices nos últimos decênios: entre 1980 e 2013, os homicídios apresentaram uma taxa de

² No estudo, foram consideradas causas externas: acidentes de transporte, outros acidentes, suicídios, homicídios e outros fatores externos.

crescimento de 426, 9% levando a óbito 207.438 crianças e adolescentes (Waiselfisz, 2015).

Assim como nas pesquisas internacionais, no território nacional também foi possível observar a vulnerabilidade de determinadas faixas etárias em relação aos homicídios. Dados da mesma pesquisa apontam que, a partir dos 12 anos de idade, as taxas de homicídios começaram a crescer assustadoramente no período analisado (2013), passando de 6,7% para 14% aos 13 anos, aumentando para 25,1% aos 14 anos e assim progressivamente até os 17 anos de idade, quando representaram 48,2% das causas relacionadas à mortalidade de adolescentes (Waiselfisz, 2015).

Estudo recente conduzido pelo UNICEF e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (UNICEF, 2021) apresenta dados atuais importantes sobre a prevalência de violência contra crianças e adolescentes que resultaram em óbito no território nacional. Na pesquisa, foram analisados os dados dos registros de ocorrências de violência letal³ e violência sexual contra crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade entre os anos de 2016 e 2021. Durante o período estudado, foram identificadas 34.918 mortes violentas e intencionais que vitimizaram crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos, o que representa, em média, 7 mil mortes por ano. Assim como apontam outras pesquisas, os meninos representavam a grande maioria das vítimas letais da violência (91%) e a população negra foi a mais atingida, representando um índice de 75% das vítimas.

Ao analisar a prevalência por faixa etária e gênero, é possível identificar a discrepância que existe entre gêneros, pois conforme aumenta a idade das crianças e adolescentes, fica mais evidente o aumento da proporção de meninos vítimas letais da violência. Entre 0 e 4 anos, são 35% do sexo feminino e 65% do sexo masculino, dos 5

³ O estudo definiu a violência letal como as mortes violentas intencionais que incluem: o homicídio doloso, feminicídio, latrocínio, lesão corporal seguida de morte, e mortes decorrentes de intervenção policial.

aos 9 anos, 55% são meninas e 45% meninos. Para as crianças e adolescentes acima de 10 anos, as diferenças são maiores, dos 10 a 14 anos cerca de 78% das vítimas são meninos e dos 15 a 19 anos a diferença aumenta consideravelmente para 92% de meninos vítimas de morte violenta intencional. Em relação à raça/cor, crianças e adolescentes pardos/as e pretos/as são a maioria em todas as faixas etárias, sendo possível observar um aumento da proporção destas vítimas conforme as faixas etárias progredem: de 0 a 4 anos, as vítimas pardas e pretas representam 58% da amostra, entre 5 a 9 anos são 68% e acima de 10 anos, 80% das vítimas são crianças e adolescentes pardos/as e pretos/as (UNICEF, 2021).

Em relação à faixa etária, as maiores prevalências são encontradas entre as crianças e adolescentes dos 10 a 19 anos, representando 90% das vítimas. Crianças de 0 a 9 anos, ainda que em menor proporção, na maioria dos casos, são acometidas por situações de violência que levam a óbito dentro do ambiente doméstico e os/as perpetradores/as são pessoas conhecidas, geralmente pais, mães e/ou outros/as cuidadores/as. No entanto, conforme a idade aumenta e inicia-se a fase da adolescência, os óbitos passam a se relacionar, mais fortemente, à violência urbana fora do contexto familiar. Nesse cenário, os homicídios têm gênero e raça/cor, pois são os meninos pretos e pardos as principais vítimas deste tipo de violência (UNICEF, 2021).

Dada a gravidade do fenômeno e a necessidade urgente de uma conscientização e mobilização internacional, a violência contra as crianças e adolescentes foi incluída nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS⁴ fazem parte de um trabalho conjunto das Nações Unidas com governos, sociedade civil e outras parcerias para pactuar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da qual o Brasil é signatário. São 17 ODS com metas específicas, e os ODS 5 (Igualdade de Gênero) e ODS 16 (Paz,

⁴ <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Justiça e Instituições Eficazes) são os que propõem as metas relacionadas à vitimização de crianças, adolescentes e jovens. No ODS 5, são duas metas relacionadas à violência sexual que incluem eliminar a violência sexual e práticas nocivas, como o casamento forçado. No ODS 16, há uma meta relacionada ao fim de toda e qualquer forma de violência contra crianças, como tortura, abuso, exploração e tráfico.

Em 2018, o Brasil também passou a fazer parte de outra iniciativa lançada mundialmente: a Parceria Global pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes (*Global Partnership to End Violence Against Children*⁵) composta por governos, diversas agências da ONU, pesquisadores/as, fundações filantrópicas, grupos religiosos, setor privado, organizações internacionais, sociedade civil, acadêmicos/as, crianças e adolescentes. A iniciativa tem como objetivo erradicar a violência contra crianças e adolescentes em todo mundo e, atualmente, conta com a adesão de 26 países.

Visando apoiar estas ações, a Parceria Global lançou, em 2016, o documento INSPIRE, que contém um conjunto de estratégias que visa orientar governos, sociedade civil, cidadãos/ãs e demais instituições a enfrentar as questões relacionadas à violência contra crianças e adolescentes.

Iniciativas mundiais, como as citadas anteriormente, são de extrema importância para que seja dada maior visibilidade ao fenômeno da violência letal contra a infância e a adolescência. É cada vez mais urgente que governos e sociedade, como um todo, se conscientizem, se organizem e se mobilizem para que medidas eficazes sejam tomadas para garantir o direito à vida de tantas crianças e adolescentes.

⁵ <https://www.end-violence.org/>

1.1.2 A prevalência das diferentes formas de violência que vitimizam crianças e adolescentes

Ainda que algumas formas de violência não incidam diretamente, em um primeiro momento, na mortalidade de crianças e adolescentes, pesquisas indicam que a vitimização por violência está associada a agravos na saúde física e mental, além de acarretar prejuízos sociais importantes que afetam o desenvolvimento dessa parcela da população. No mundo todo, são cerca de um bilhão de crianças e adolescentes atingidos/as, anualmente, pela violência física, emocional e sexual, sendo que esta cifra corresponde a mais de 50% das crianças entre 2 e 17 anos de idade, em todo o mundo (Hillis et al., 2016; OMS, 2018). Se considerarmos a região da América Latina e Caribe, os dados tornam-se ainda mais alarmantes, pois estima-se que cerca de 99 milhões de crianças e adolescentes, que representam 58% da população infantojuvenil, são vítimas, anualmente, de violência física, sexual e emocional (Devries et al., 2019).

Apesar dos altos índices, pesquisadores/as ponderam que as prevalências de vitimização por violência ainda são subestimadas, mundialmente, devido às altas taxas de subnotificação e de casos que não são considerados nas estatísticas oficiais. Por exemplo, estima-se que o abuso sexual e a violência física apresentam taxas de subnotificação de 30 e 75 vezes maiores, respectivamente, das que são apresentadas nos relatórios oficiais, sendo urgente o desenvolvimento e o uso de ferramentas eficazes para detectar as vitimizações por violências contra crianças e adolescentes (Hillis et al, 2016).

Além das subnotificações, outro problema que dificulta dimensionar a realidade do fenômeno diz respeito à falta de padronização dos dados coletados pelas agências oficiais e pelas pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes. Especificamente, na região da América Latina e Caribe, uma revisão sistemática (Devries et al, 2019) sobre a prevalência de violência contra crianças e adolescentes relatou que os inquiridos não

apresentavam padronizações, em alguns casos específicos, em relação às variáveis de idade, sexo e perpetrador/a, não sendo possível identificar, com precisão, suas prevalências. Por exemplo, crianças menores de 9 anos, independentemente do sexo, tinham dados poucos disponibilizados para todos os tipos de violência. A violência sexual ainda era subnotificada para o sexo masculino e meninas menores de 15 anos. A violência por parceiro íntimo foi mais investigada para as adolescentes entre 15 e 19 anos, deixando uma lacuna para as outras faixas etárias. Poucas foram as pesquisas que abordaram a violência por figuras de autoridade não familiares, como professores/as, educadores/as e grupos. Além disso, a falta de informações sobre a violência contra meninos entre 16 e 19 anos é um dos dados que mais chama a atenção e expõe a vulnerabilidade desta faixa etária, pois sua invisibilidade limita o acesso destes/as adolescentes a serviços de apoio e programas de prevenção.

Apesar de haver desafios a serem superados em relação às notificações e à definição de padrões para estimar com maior precisão a prevalência da violência contra crianças e adolescentes, há um conjunto de pesquisas considerável que traz dados relevantes sobre a associação da violência e agravos à saúde (física e emocional) e ao bem-estar psicossocial. Diversas pesquisas indicam que a vitimização de crianças e adolescentes por violência está associada a agravos semelhantes para a saúde, independentemente do tipo de vitimização a que foram submetidos/as. Ressaltam ainda que os agravos são aditivos, isto é, tendem a aumentar conforme a gravidade do ato e a frequência das vitimizações. Os prejuízos para a saúde estão relacionados às principais causas de morte na idade adulta por doenças não transmissíveis, lesões, HIV, problemas relacionados à saúde mental, à saúde sexual e reprodutiva e ao suicídio (Finkelhor et al., 2005; 2007; Hillis et al., 2016; Devries et al., 2019).

A associação entre a vitimização por violência e prejuízos para o desenvolvimento biopsicossocial da população infanto-juvenil inclui baixa autoestima, dificuldades de concentração, baixo comprometimento escolar, presença de transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias psicoativas, depressão, ansiedade, comportamento antissocial e violento, entre outros agravos citados pela literatura científica internacional (Orpinas et al., 1995; O’Keefe, 1997; Lynch, 2003; Wright, 2006; Herrenkohl et al., 2007; Brown et al., 2009; Fowler et al., 2009; Apter et al., 2010; Sternthal et al., 2010; Loch et al., 2020).

São diversas as formas de se perpetrar a violência contra crianças e adolescentes, podendo se dar tanto por meio da violência física, violência sexual, violência psicológica, *bullying* e negligência, como também pela vitimização a estes tipos de violência de maneira indireta, sendo testemunha destes abusos cotidianamente.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como “o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.” (Krug et al., 2002, p. 5). Portanto, está contida nesta definição uma variedade ampla de situações que podem ser consideradas como violentas e podem ser atribuídas a diferentes pessoas, tanto pais, mães e/ou responsáveis, como pessoas, profissionais e instituições que estabelecem relações de proximidade, confiança e responsabilidade com as crianças e os adolescentes.

Nas pesquisas sobre vitimização por violência, são descritos vários tipos de violência que atingem as crianças e os adolescentes (Garbarino, Eckenrode, 1999; OMS, 2018; Peres et al., 2018). Abaixo, destacamos sete tipos de violência, direta e indireta, que comumente podem atingi-los/as ao longo de seu desenvolvimento, a saber:

- Maus-tratos: inclui a violência física (inclusive castigos corporais violentos), violência sexual, psicológica/emocional e negligência praticadas contra bebês, crianças e adolescentes, por diferentes pessoas responsáveis pelos seus cuidados, como pais, mães, cuidadores/as ou outras figuras de autoridade (Garbarino, Eckenrode, 1999; Gilbert et al., 2009; OMS, 2018).
- Violência sexual: é descrita como todo contato sexual não consensual, efetivado ou tentado, inclui também atos que não envolvem contato sexual, e não são consensuais, mas são de natureza sexual como *voyeurismo* ou assédio sexual. Atos de tráfico sexual cometidos contra alguém incapaz de recusar ou consentir, e exploração sexual *on-line* também são considerados violência sexual (Gilbert et al., 2009; OMS, 2018).
- *Bullying*: todo comportamento repetitivo, intencional e agressivo indesejável praticado por uma criança (ou adolescente) ou por um grupo de crianças (ou adolescentes) que não são irmãos/ãs e não têm relações afetivas com a vítima. Neste tipo de violência, há um desequilíbrio de poder, real ou percebido, em que as vítimas se sentem vulneráveis e impotentes para se defenderem. A prática do *bullying* pode se dar por meio da violência física, sexual e/ou psicológica, além da exclusão social, e há uma incidência grande, em geral, nas escolas, mas também em outros contextos em que as crianças e adolescentes se reúnem. Nesta definição também deve ser considerado o *bullying* praticado por meio do uso da cultura digital, o *cyberbullying* (UNESCO, 2019; OMS, 2018; Peres et al., 2018).
- Violência emocional (ou psicológica): “inclui restrição dos movimentos de uma criança, atitudes que denigrem, ridicularizam, ameaçam e intimidam, discriminação, rejeição e outras formas não físicas de tratamento hostil.” (OMS, 2018, p.14).

- Violência juvenil: é a violência que ocorre entre crianças, adolescentes e jovens que estão na faixa etária dos 10 aos 29 anos de idade e não têm relação de parentesco. Há grande ocorrência em contextos comunitários, pode envolver pessoas conhecidas e estranhas, inclui a agressão física, com ou sem o uso de armas de fogo e facas, e pode incluir o *bullying* e a violência praticada por gangues (OMS, 2018).
- Violência infligida por parceiros/as íntimos/as (ou violência doméstica): é a violência que acontece entre pessoas que estão ou estiveram em um relacionamento íntimo. As mulheres são as mais afetadas por este tipo de violência, ainda que os homens também possam ser vitimizados. Na adolescência, atinge meninas que estão em um relacionamento amoroso, sendo às vezes denominada de violência no namoro. Na infância, atinge meninas que estão envolvidas em casamentos na infância ou matrimônios precoces forçados (Gilbert et al., 2009; OMS, 2018).
- Violência indireta ou testemunhar violência: refere-se a todo e qualquer tipo de exposição à violência entre duas ou mais pessoas, podendo ser considerada tanto a exposição à violência intencional ou quando uma criança ou adolescente presencia a violência de maneira acidental. A violência indireta pode tanto acontecer dentro do ambiente familiar como em outros espaços, como a comunidade, a escola, etc. (OMS, 2018; Gaias et al., 2019).

Sobre os maus-tratos familiares especificamente, pesquisadores/as do tema ressaltam que se trata de um fenômeno complexo, enraizado nas práticas sociais e que precisa ser analisado a partir de diferentes aspectos, não sendo possível, portanto, atribuir-lhe uma causa única. Além disso, destacam que, em várias situações, as diferentes

manifestações de maus-tratos não se apresentam isoladamente, sendo comum um tipo de violência estar associada a outro(s) tipo(s) por sobreposição (Garbarino, Eckenrode, 1999; Ramos, Silva et al., 2011).

Diante da alta complexidade do fenômeno, Garbarino e Eckendrode (1999), apoiados em pesquisas científicas sobre a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, consideram que para o estudo dos maus-tratos é importante problematizar a maneira como o ambiente e as pessoas se relacionam, as influências recíprocas que exercem umas sobre as outras e a consequente interdependência estabelecida entre indivíduos, sociedade e família. Dessa forma, nos casos de maus-tratos no ambiente familiar, as relações que pais, mães ou responsáveis estabelecem com as crianças e os/as adolescentes não são possíveis de serem compreendidas sem que se considere e se entenda como as condições sociais, econômicas e culturais, entre outras, afetam as relações intrafamiliares.

Sobre as estatísticas das diferentes formas de violência, dados sistematizados de 30 países revelam que cerca de metade dos bebês entre 12 e 23 meses foram expostos a castigos corporais e abusos verbais no ambiente familiar. O *bullying* atingiu 130 milhões de adolescentes entre 13 a 15 anos em todo mundo, e 9 milhões de meninas entre 15 e 19 anos revelaram que, no último ano, foram vítimas de violência sexual (UNICEF, 2017).

Algumas pesquisas internacionais apresentam dados sistematizados sobre a prevalência dos diferentes tipos de violência. Em pesquisa realizada nos Estado Unidos, com uma amostra representativa (N= 2.030) de crianças e adolescentes, entre 2 e 17 anos, Finkelhor et al. (2005) identificaram que, no ano anterior à pesquisa, 53% foram vítimas de agressões físicas, 35% foram vítimas de violência indireta (familiar e/ou comunitária), 25% relataram assédio sexual, 20% foram vítimas de *bullying* e 8,2% foram vítimas de violência sexual. Observaram também que os/as adolescentes tinham mais chance de ser

vítimas de violência indireta do que as crianças, e que as crianças em idade escolar (6 a 12 anos) apresentavam maior probabilidade de serem vítimas de *bullying* e assédio sexual.

Pesquisa realizada na Espanha (N= 1.107), com adolescentes entre 12 e 17 anos, identificou que 45,8% foram vítimas de crimes convencionais, 18,1% foram vítimas de maus-tratos, 5,5% foram vítimas de violência sexual e 32,1% foram vítimas de violência indireta na família e comunidade (Pereda et al., 2014).

Ao analisar dados secundários de 68 países, de baixa e média renda, do *Global School-based Student Health Survey*, de adolescentes entre 12 e 15 anos, os/as pesquisadores/as encontraram uma prevalência de 35,6% de vitimização por violência física e 34,4% de vitimização por *bullying*, no período de 2009 a 2015 (Han et al., 2019). Já na América Latina e Caribe, a prevalência de maus-tratos por parte de pais, mães ou responsáveis pode variar de 30% a 40%, para violência física contra adolescentes, por exemplo, e de 40% a 55% para a violência emocional (Devries et al., 2019).

Sobre a realidade brasileira, Waiselfisz (2015) identificou 97.976 casos de violência contra crianças e adolescentes notificados, em 2014, no Sistema de Informação de Agravos de Notificações (SINAN), do Ministério da Saúde. Destes, 34,5% correspondiam à violência física, 22,2% correspondiam à negligência, 20,1% dos casos correspondiam à violência sexual e 15,2% correspondiam à violência psicológica.

Pesquisa realizada com estudantes de escolas públicas e privadas, com idades entre 11 e 19 anos e residentes no município de São Gonçalo (RJ), apontou que 48% dos respondentes foram vítimas de violência psicológica, 14,6% foram vítimas de violência física severa e 11,8% testemunharam ou vivenciaram violência sexual infligida por pais, mães, responsáveis ou pessoas significativas (Assis et al., 2004). Os adolescentes do sexo masculino, entre 15 e 19 anos, foram os que apresentaram maior índice de vitimização, não havendo diferença significativa em relação ao tipo de escola frequentada.

Adolescentes que foram vítimas de qualquer tipo de maus-tratos estavam mais expostos a outros tipos de violência, com 3,8 vezes mais propensão de sofrerem violência na comunidade, 3 vezes mais de sofrerem violência na escola e 3,2 vezes mais de transgredirem as normas sociais.

O estudo conduzido por Vagostello et al. (2003), com profissionais de escolas públicas do município de São Paulo, demonstrou que a violência física foi a modalidade de vitimização mais observada pelos/as professores/as, seguida da negligência, abuso sexual e agressão verbal. Dentre os casos observados, em 85,5% deles os/as próprios/as estudantes relataram o ocorrido, enquanto as marcas corporais (58%) e o comportamento dos/as estudantes (39,1%) foram indicadores importantes para a identificação do problema vivenciado.

Outras pesquisas, em estados e cidades brasileiras, demonstram as diferenças de prevalência existente entre as localidades e os tipos de violência.

- No estado do Pará (N= 48.784), encontrou-se a prevalência de 26,03% para a violência física, 15,05% para a violência psicológica e 13,44% para a violência sexual (Aguar et al., 2019).
- No estado do Rio Grande do Sul, pesquisa realizada em São Leopoldo (N= 683), reportou prevalência de 91,6% pra a violência comunitária (Benetti et al., 2019). Outro estudo, em Porto Alegre (N= 5.308), informa altas taxas de violência: 52% de violência sexual, 33,3% de violência psicológica e 19% para a violência física (Dornelles et al., 2020). Na mesma cidade, outra pesquisa (N= 426) indicou prevalência de 65% de adolescentes vítimas de violência direta e 97% vítimas de violência comunitária indireta (Patias, Dell Aglio, 2017).
- Em Pernambuco, pesquisa realizada em Recife sobre violência escolar (N=643) apontou que 24% dos/as estudantes foram vítimas de violência física, 8,2% foram

vítimas de violência psicológica e 4,8% foram vítimas de violência sexual (Beserra et al., 2019).

- Na Bahia, uma pesquisa em Salvador (N= 239) estimou a prevalência de violência física em 49,38%, de violência psicológica em 31,38% e de violência sexual em 1,67% (Mota et al., 2018).
- No estado do Rio de Janeiro, estudo conduzido em São Gonçalo (N=280) encontrou prevalências de 43,9% para castigos corporais severos (violência física) e 93,2% para vítimas de violência comunitária (Pinto, Assis, 2013).
- Em Goiás, um estudo realizado em Goiânia (N=504) investigou a vitimização ao longo da vida de adolescentes entre 12 e 18 anos e encontrou prevalência de 71,6% de maus-tratos, 67,9% de violência juvenil, 30,4% de violência sexual e 85% de violência indireta (comunitária e familiar) (Aquino, et al., 2021).
- No estado de São Paulo, pesquisa realizada no município de São Paulo (N=656), com adolescentes escolares, encontrou prevalência de 38,9% de maus-tratos (Ralo et al., 2015). Outra pesquisa realizada na mesma cidade, reportou prevalência de 28,7% para o *bullying*, 23% para a vitimização por práticas disciplinares violentas e 22,7% foram vítimas de violência grave (violência sexual, violência física com ou sem arma) e roubo com violência (Peres et al., 2018; Loch et al., 2020).

Um dos poucos documentos que traz informações sistematizadas sobre violências contra estudantes em âmbito nacional é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2021). Nesta última edição, com dados referentes ao ano de 2019, o estudo mostrou que, entre os/as adolescentes de 13 a 17 anos, nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, 21% sofreram violência física por parte da mãe, pai ou cuidadores/as, e 13,2% foram vítimas de violência física por outro/a perpetrador/a. Em relação à violência sexual, a prevalência

foi de 14,6%, e para o *bullying*, a prevalência foi de 23%, nos 30 dias anteriores à pesquisa. Além das violências diretas, o inquérito explorou a sensação de segurança dos/as escolares no trajeto de casa para a escola e da escola para a casa, 11,6% deixaram de frequentar a escola por não se sentirem seguros/as nos trajetos percorridos, dando indícios de que a violência comunitária pode estar presente e que impactam, inclusive, a vida escolar dos/as adolescentes.

1.1.3 A polivitimização nas pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes

Pesquisadores/as da área têm alertado para o fato de que crianças e adolescentes, vítimas de um tipo de violência, muitas vezes estão mais vulneráveis a ser vítimas também de outros tipos de violência, não estando expostas apenas a uma única forma de vitimização ao longo da vida (Garbarino, Eckenrode, 1999; Finkelhor et al., 2007; Ramos, Silva et al., 2011; Assis et al., 2004). A múltipla vitimização, por diferentes formas de violência, tem sido denominada, na literatura científica, de **polivitimização**. David Finkelhor e colaboradores/as, a partir de suas pesquisas, propuseram o uso deste termo e, atualmente, tem se destacado na produção de pesquisas sobre crianças e adolescentes polivitimizados/as (Finkelhor et al., 2005; Cyr et al., 2012).

A principal característica da polivitimização é o fato de as vítimas sofrerem mais de um tipo de violência (violência física, violência sexual, violência psicológica, *bullying*, violência indireta- comunitária e/ou familiar), em geral, perpetrada por diferentes pessoas. Pesquisas que investigam a polivitimização estão centradas no acúmulo de tipos diferentes de vitimizações por violência que podem afetar a mesma criança e/ou adolescente, em contraponto à pesquisa sobre um tipo específico de vitimização, como, por exemplo, quando se foca apenas na violência física ou psicológica ou sexual (Finkelhor et al., 2005; 2007; 2011; Cyr et al., 2012; Ford, Delker, 2018).

Os/as pesquisadores/as argumentam que o olhar fragmentado para apenas um forma de vitimização contra crianças e adolescentes obscurece a vulnerabilidade a que estão expostos/as, subestima a associação com os agravos à saúde, pode superestimar os efeitos negativos de um tipo de violência ao não considerar que há sobreposição de outra vitimização, impossibilita a análise da interrelação entre os diferentes tipos de violência contra as vítimas, pode falhar em oferecer o suporte adequado para pôr fim à vitimização, pois as intervenções dependem dos tipos de violências sofridas – e, conseqüentemente, dificulta o estabelecimento de políticas

públicas mais abrangentes (Finkelhor et al., 2005; 2007; 2011; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Ford, Delker, 2018).

Crianças e adolescentes polivitimizados/as, em geral, apresentam maior probabilidade de estar inseridos/as em contextos de alta vulnerabilidade, pois a violência se faz presente em mais de um local e podem ser vítimas de diferentes formas de violência, simultaneamente, como, por exemplo, dentro e fora do ambiente familiar, sofrerem violência por pessoas adultas e por pares, violências comunitárias e na família, entre outras (Finkelhor, et al., 2009; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Ford, Delker, 2018).

Em algumas de suas pesquisas, por exemplo, Finkelhor et al. (2005; 2007) descobriram que vítimas de violências específicas, como violência por parceiro íntimo com lesão, estupro consumado ou tentativa de estupro, agressão verbal por pares, testemunho de assassinatos e guerras, entre outros, tinham maior probabilidade de sofrerem múltiplas vitimizações e serem consideradas polivítimas. Outro achado diz respeito à interrelação entre as cinco diferentes categorias de violência pesquisada (violência física, violência sexual, maus-tratos, violência contra a propriedade e violência indireta), pois os/as pesquisadores/as constataram que houve sobreposição entre todas as categorias de violência (Finkelhor et al., 2005). Por exemplo, 97% das vítimas de violência sexual, 92% das vítimas de maus-tratos, 91% das vítimas de violência contra a propriedade, 85% das vítimas de violência indireta e 67% das de violência física também sofreram outro tipo de violência. A violência sexual foi a que apresentou as maiores taxas de sobreposição, pois as vítimas também sofreram violência indireta em 84% dos casos, agressão física em 82%, violência contra propriedade em 70% e maus-tratos em 40%. No outro extremo, a vitimização por violência física foi a que apresentou as menores taxas de sobreposição com os outros tipos de vitimizações quando comparadas entre si.

Outra pesquisa conduzida na Espanha, com adolescentes em acolhimento institucional (N=107), corrobora as evidências em relação à sobreposição de diferentes tipos de violência.

Na amostra, cerca de 60% dos/as adolescentes sofreram diferentes tipos de violência em diversos contextos. Os achados indicavam que a vitimização dentro do ambiente familiar estava associada a uma probabilidade maior de sofrer violência em diferentes contextos, como na comunidade e entre colegas. A pesquisa também encontrou associação entre o abuso psicológico perpetrado/a pelos/as cuidadores/as e o *bullying* emocional em outros contextos. Apesar de os dois tipos de abuso serem semelhantes em relação às características que os definem (presença de agressor/a que exerce comportamento hostil, verbal ou indireto, contra uma vítima que não pode se defender adequadamente e que pode desenvolver uma atitude submissa em relação ao abuso) é provável que a violência psicológica ocorra primeiro no contexto do ambiente familiar e que, ao sofrer este tipo de violência, os/as adolescentes tenham uma probabilidade maior de ser vítimas de *bullying* em outros ambientes de convívio social (Indias et.al., 2019).

A polivitimização também tem sido associada a uma probabilidade maior de vitimização por violência ao longo da vida adulta (7,5 vezes maior), entre elas a violência doméstica, que inclui a manifestação de diversas formas e intensidades de abuso verbal e físico, além de ameaças e agressões sexuais, por parceiros/as íntimos/as (Palermo et al., 2019).

Em decorrência desta vulnerabilidade generalizada, crianças e adolescentes polivitimizados/as estão associados/as a vários sintomas de estresse pós-traumático, como ansiedade, depressão, raiva/agressão, insegurança, além de sintomas de dissociação (Finkelhor, et al., 2009; Haahr-Pedersen et al., 2020). As pesquisas também indicam que os agravos na saúde das polivítimas tende a ser maior do que nas vítimas frequentes de um único tipo de violência ou de um único contexto (Finkelhor, 2007; Ford, Delker, 2018). Por exemplo, constatou-se que vítimas de violência sexual com sobreposição de outros tipos de violência estavam associadas a um maior sofrimento psíquico do que as vítimas de múltiplas violências sexuais. Uma das explicações possíveis para o maior agravo nas polivítimas pode estar

relacionada ao nível de insegurança vivenciado, uma vez que estas crianças e adolescentes padecem de contextos em que possam se sentir seguros/as dado o grau de exposição à violência ser mais generalizado (Finkelhor, 2011).

Uma revisão sistemática, realizada por Haahr-Pedersen e colegas (2020), corrobora a hipótese de que a polivitimização teria uma probabilidade maior de estar associada a problemas relacionados à saúde mental do que tipos individuais de vitimização. Além disso, dos 22 estudos revisados, 21 evidenciavam associação positiva significativa entre a polivitimização e indicadores de psicopatologias como sintomas de internalização (por exemplo, depressão), sintomas de externalização (por exemplo, raiva, agressividade) e sofrimento psicológico global. No entanto, esta parece ser uma questão que precisa ser melhor investigada, pois outros estudos indicaram que alguns traumas, decorrentes de tipos específicos de violência, estavam associados a danos psíquicos maiores do que o agravo cumulativo de diferentes vitimizações, principalmente, quando a variável faixa etária era considerada. Estes achados reforçam a importância de que sejam desenvolvidas pesquisas e modelos explicativos que considerem não apenas o efeito cumulativo das vitimizações, mas também suas interações, concomitantes e/ou subsequentes, para a compreensão dos fatores associados à proteção e ao comprometimento da saúde e bem-estar psicossocial de vítimas de violência (Grasso et al., 2016; Wong et al., 2016; Ford, Delker, 2018).

São poucas as pesquisas que exploraram se há fatores ambientais, sociais, econômicos, de saúde e individuais associados à polivitimização, o que dificulta traçar um panorama melhor sobre o assunto. No entanto, um dos trabalhos que aborda a temática aponta quatro possíveis fatores associados à polivitimização, a saber: a) viver em ambientes familiares conflituosos e violentos; b) desordem familiar e adversidades que comprometem a supervisão das crianças e adolescentes, como problemas econômicos, falta de emprego, uso e abuso de substâncias psicoativas; c) residir em comunidades com altos índices de violência; d) ter problemas

emocionais preexistentes que aumentam o comportamento de risco, geram antagonismo e interferem na capacidade de se proteger (Finkelhor et al., 2009; 2011). A pesquisa em questão confirmou que cada um desses fatores pode contribuir de maneira independente para o início da polivitimização, mas que os problemas emocionais tinham associação maior com a polivitimização de crianças menores de 10 anos e os outros fatores estavam mais associados às polivítimas acima de 10 anos (Finkelhor et al., 2009).

Na literatura científica ainda não há consenso sobre o melhor método para se definir quando uma criança e/ou adolescente são considerados/as polivitimizados/as. A maioria das pesquisas têm focado em violências que acontecem nos 12 meses anteriores à investigação (Finkelhor et al., 2005; 2007; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Segura et al., 2015; De Oliveira-Ramos, 2020), mas outras têm explorado a polivitimização a partir de uma perspectiva que considera a violência sofrida ao longo da vida (Pereda et al., 2014; Segura et al., 2015; Turner et al., 2016; Indias et al., 2019). Em relação às abordagens utilizadas para determinar quais são as crianças e adolescentes classificados/as como polivitimizados/as em uma amostra, Finkelhor et al. (2007) consideraram o limiar acima da média para o cálculo de polivítimas em relação aos diferentes tipos de violência que aconteceram nos últimos 12 meses. Neste caso, são consideradas polivítimas aquelas crianças e adolescentes que apresentaram uma quantidade maior de vitimizações do que a média amostral. Em seus estudos, a média amostral foi de 3 tipos e, por isso, as crianças e adolescentes que apresentavam 4 ou mais tipos de vitimização eram classificados/as como polivitimizados/as. Em geral, as pesquisas têm utilizado o critério estabelecido por Finkelhor e colaboradores para a classificação dos polivitimizados (Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Faria, 2015; Indias et al., 2019). Estudos que exploraram a vitimização ao longo da vida adotaram um crivo a partir de um determinado percentil, em geral o percentil 90, sendo consideradas polivítimas os 10% da amostra com a maior quantidade de tipos de vitimização (Finkelhor et al., 2009; Pereda et al., 2014).

Pesquisas que estimam a prevalência de crianças e adolescentes polivitimizados/as ainda são em número menor do que aquelas que consideram a prevalência de diferentes tipos de vitimização. Nos estudos consultados, a prevalência variou de 2,4% no Brasil a 53% no Haiti. A maior concentração de pesquisas é encontrada nos EUA, mas há outras evidências em países da Europa, África, Ásia e América Latina, sendo poucas as pesquisas encontradas no Brasil.

Nos EUA, Finkelhor et al. (2015), usando dados da *Developmental Victimization Survey* (DVS), com uma amostra representativa (N=2.030) de crianças e adolescentes de 2 a 17 anos, constataram que 71% dos/as participantes foram vítimas de pelo menos um tipo de violência nos 12 meses anteriores à pesquisa. A prevalência de polivitimização foi de 22%, sendo que 7% correspondiam às polivítimas do grupo mais vitimizado (7 ou mais tipo de violência). Em outro estudo norte-americano (N= 2.312), a prevalência de polivitimização, no ano anterior à pesquisa, foi de 17,8% para crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos (Turner et al., 2016). Pesquisas ligadas ao *National Survey of Children's Exposure to Violence*, nos EUA, têm utilizado o ponto de corte referente aos/as 10% mais vitimizados/as para classificá-los/as como polivítimas. Considerando os dados de 2008, para uma amostra de 4.549 crianças e adolescentes, entre 2 e 17 anos, a prevalência encontrada foi de 8% (Finkelhor, et al., 2011).

Em outro estudo, os/as pesquisadores/as estimaram a prevalência de polivitimização, ao longo da vida, para uma amostra de crianças e adolescentes (N= 1.467), entre 2 e 17 anos, e encontraram prevalência de 10,6% (Finkelhor et al., 2009). Vale referir que as medidas utilizadas em pesquisas que consideram a vitimização nos 12 meses anteriores e ao longo da vida utilizam pontos de cortes diferentes para a classificação das polivítimas.

Duas pesquisas realizadas na Espanha apresentam dados sobre a prevalência da polivitimização. Uma delas, com adolescentes de 12 a 17 anos (N= 1.107), estimou que 69% da amostra sofreu algum tipo de vitimização por violência nos 12 meses que antecederam a

pesquisa. A prevalência de polivitimizados/as foi de 19,3% (mais de 4 tipos) sendo que 4,1% pertencia ao grupo de alta polivitimização (7 ou mais tipos) (Pereda et al., 2014). A outra pesquisa, com adolescentes em serviços de acolhimento (N=129), entre 12 e 17 anos, encontrou prevalência de 26,5% para ano anterior à pesquisa e 53,1% para a polivitimização ao longo da vida (Segura et al., 2015).

Uma pesquisa que analisou dados de seis países, encontrou prevalências de polivitimização, ao longo da vida: de 11% no Quênia, 19% no Camboja, 31% na Tanzânia, 33% na Nigéria, 36% na Malásia e 53% no Haiti (Palermo et al., 2019).

No Brasil, encontramos apenas quatro estudos que definiam critérios para o uso do termo polivítima e continham informações sobre a prevalência de polivitimização. Nesses estudos, as prevalências encontradas foram:

- 50,6%, para uma amostra de 83 adolescentes (Azeredo et al., 2019);
- 24,5% para amostra de 290 adolescentes (Said, Júnior, 2018);
- 16,3% em uma amostra de 504 adolescentes (Faria, 2015);
- 2,49% em uma amostra de 14.809 meninas adolescentes com mais de 15 anos (De Oliveira Ramos, 2021).

Outras duas pesquisas reportaram dados sobre a coocorrência de dois tipos de violência, mas não usaram o conceito de polivitimização. Barreira et al. (2013) encontraram prevalência de 18,9% de coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados/as e Oliveira et al. (2016), em sua amostra, identificaram prevalência de 21,7% de violência sexual e coocorrência de outros tipos de violência.

Ainda que nos últimos anos seja possível notar avanço nas pesquisas em relação à polivitimização, especialmente após 2005, ano em que Finkelhor e colegas passaram a utilizar o termo na literatura científica, os estudos sobre polivitimizados/as ainda apresentam lacunas importantes, entre as quais podemos destacar: a sistematização de dados sobre a prevalência do

fenômeno com recorte para gênero, raça/etnia e faixa etária, a inter-relação entre os diferentes tipos de violência, a associação da polivitimização com agravos para a saúde física, mental e desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, a investigação sobre fatores que estão associados ao aumento da probabilidade da polivitimização (fatores de risco) assim como de fatores associados à diminuição da sua probabilidade (fatores de proteção), além de estudos que considerem como as instituições de proteção podem estabelecer protocolos confiáveis para detectar e planejar intervenções que possam fazer frente às violências sofridas (Finkelhor, 2005; 2007; 2009; 2011; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Turner et al., 2016; Ford, Delker, 2018; Palermo et al., 2019).

1.1.4 A escola e a violência contra crianças e adolescentes: algumas considerações sobre o fenômeno

Apesar de a violência contra crianças e adolescentes ser mundialmente considerada como uma questão de saúde pública, os desafios encontrados para a sua detecção, notificação, acompanhamento e tratamento ainda são grandes, principalmente a partir de uma perspectiva intersetorial e multiprofissional.

A integração entre as políticas públicas, particularmente, a social, de saúde, de cultura e educacional é apontada como uma das melhores possibilidades para se alcançar resultados eficazes na diminuição do fenômeno (Silva, Assis, 2018). No entanto, várias pesquisas nacionais evidenciam a fragilidade da identificação e notificação dos casos, apesar da obrigatoriedade prevista no ECA (1990). Essa situação coloca no anonimato uma quantidade significativa de casos de vitimização de crianças e adolescentes, impossibilita a busca de soluções e o enfrentamento dessa problemática pelos órgãos e profissionais competentes (Moura, Reichenhein, 2005; Ramos, Silva et al., 2011; Moreira, Souza, 2012).

Assim como as instituições de saúde, e qualquer outra que tenha como foco as crianças e adolescentes, as escolas possuem um papel fundamental na abordagem do fenômeno, tanto pela identificação e notificação dos casos como pela possibilidade de se realizarem trabalhos de intervenção e de prevenção que visem à proteção desse segmento populacional. A Organização Mundial da Saúde reconhece a escola como um dos locais privilegiados para que o problema seja identificado e, principalmente, para que se possa trabalhar aspectos relacionados à proteção e à prevenção da violência interpessoal (WHO, 2010; 2014).

Uma das 7 estratégias previstas pelo documento INSPIRE (OMS, 2018) centra-se no papel da educação e no desenvolvimento de habilidades para a vida como maneira de diminuir os índices relacionados à violência contra crianças e adolescentes por meio do aumento do acesso de crianças e adolescentes a uma educação mais eficaz e equitativa em relação às questões de gênero, da aprendizagem socioemocional e a aquisição de habilidades para a vida com a garantia de ambientes escolares seguros e estimulantes. Portanto, atribui-se à escola um papel protetivo e de responsabilidade pelo desenvolvimento de comportamentos sociais, em crianças e adolescentes, que podem auxiliar na prevenção da violência na escola e comunidade por meio da melhoria da comunicação interpessoal, da gestão de conflitos, da aquisição de habilidades para a resolução de problemas e do apoio para a construção de relações positivas entre as crianças e os/as adolescentes.

Apesar da importância atribuída à escola, pesquisadores/as brasileiros/as têm posto em evidência a ausência de um papel mais ativo da instituição escolar frente à vitimização de crianças e adolescentes e reiterado a importância de que a escola atue de maneira protagonista e estratégica no enfrentamento da problemática (Faleiros et al. 2009; Viodres Inoue, Ristum, 2008; Granville-Garcia, 2009; Assis et al., 2010; Ristum, 2010). A escola tem um papel fundamental nesse processo, tanto pela relação direta estabelecida entre os/as profissionais e os/as estudantes no contexto de ensino e aprendizagem como pela carga horária que crianças e

adolescentes ficam sob a responsabilidade da unidade escolar, possibilitando um contato frequente e diário com a população infantojuvenil (Viodres Inoue, Ristum, 2008; Assis et al., 2010).

Além disso, a literatura científica tem apontado a importância do ambiente escolar para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, sobretudo como local privilegiado para a prevenção de comportamentos que podem levar a uma exposição maior a situações de violência.

INSPIRE (OMS, 2018) ressalta a potencialidade do ambiente escolar e da construção de habilidades para a vida na diminuição da violência por meio do aumento da frequência escolar e do sucesso acadêmico, do empoderamento de meninas e meninos para reconhecer e enfrentar a violência provocada por parceiros/as íntimos/as, do impacto na redução no número de casamentos infantis, na redução de ocorrências de violência sexual, da redução da violência entre parceiros/as íntimos/as, na redução relacionada à prática do *bullying*, de comportamento agressivo e no uso e abuso de substâncias psicoativas.

Em pesquisa realizada na Croácia com 30 escolas sobre o papel desta instituição na prevenção de comportamentos de risco, Rovis et al. (2015) usaram o conceito de vínculo escolar para se referir à variedade de conexões e relacionamentos que estudantes estabelecem com a escola por meio do ensino, relação com colegas, com profissionais e em atividades extracurriculares, entre outros. Nessa pesquisa, vínculo escolar foi definido a partir de dois atributos: apego e compromisso. Apego foi descrito como o sentimento dos/as estudantes em relação à escola e aos/as professores/as, ou seja, o grau de importância dada à escola e aos relacionamentos criados dentro dela. Por sua vez, o comprometimento foi definido como o nível de prontidão dos/as estudantes para investirem tempo e esforços nas atividades escolares. Um dos resultados encontrados diz respeito ao papel protetivo do ambiente escolar quando estudantes estabelecem uma forte vinculação com a escola, uma vez que estudantes

provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica com um alto vínculo escolar apresentaram menos comportamento de risco do que os com baixo vínculo escolar, tendo as mesmas características familiares de vulnerabilidade (Rovis et al., 2015).

O estabelecimento de uma forte vinculação com a escola também foi associado à redução de comportamentos violentos de estudantes a longo prazo e o clima escolar positivo como um fator protetivo para a ocorrência de *bullying* no ambiente escolar (Šmigelskas et al, 2018).

Outra estratégia adotada por um programa de intervenção com escolas de ensino fundamental II, nos Estados Unidos, focou no estímulo aos/às estudantes para escreverem sobre suas experiências em relação à violência, enquanto os/as professores foram motivados/as a trabalharem aspectos da violência em sala de aula. Um dos principais resultados observados incide, diretamente, na prática docente, pois os/as professores/as passaram a incluir o tema da violência em suas aulas, para além do programa, promovendo atividades e discussões em torno disso, além de começarem a se aproximar dos/as estudantes por meio do acolhimento e da atenção individualizada aos/às adolescentes que vivenciaram situações de violência, contribuindo para o estabelecimento de uma relação de confiança entre professor/a e estudante (Peterson et al., 2016).

Pesquisa realizada com professores/as e estudantes, de escolas públicas e privadas de três municípios brasileiros (Iguatu, CE, Juiz de Fora, MG, e Campinas, SP), identificou algumas possibilidades de se trabalhar com a questão da violência no ambiente escolar, entre as quais se destacam: acolher e dialogar com os/as jovens, investir na melhoria do clima escolar e dos laços de convivência, buscar soluções alternativas para a resolução dos problemas e discussão com os/as estudantes sobre os diferentes tipos de violência a que estão submetidos/as na escola, família e comunidade (Njaine, Minayo, 2003).

Em revisão de artigos relacionados a programas que tratam da questão da violência escolar, Silva e Assis (2018) destacam que as intervenções pesquisadas estavam focadas na redução da violência escolar entre estudantes, sendo desconsideradas outras formas de violências, que ocorrem em outros espaços, mas que também podem afetar o ambiente escolar e os/as estudantes.

Se por um lado há dados consistentes de pesquisas que evidenciam que adolescentes de todo território nacional são vítimas de diversos tipos de violência, tanto as causadas por familiares como as do contexto escolar e comunitário, ainda há poucos estudos voltados para o espaço escolar como agente de prevenção e como possível fator de proteção contra casos de violência.

1.1.5 O clima escolar como possível fator de proteção contra a vitimização por violência

Além de estar associada a prejuízos em relação à saúde mental e ao processo de ensino e aprendizagem, pesquisadores/as da área apontam que a vitimização de crianças e adolescentes por violência tem correlação com o comprometimento das relações interpessoais na escola, está associada ao absenteísmo, à evasão escolar, a déficits no processo de aprendizagem, e influencia também a percepção sobre o clima escolar (Blaya et al.2006; UNESCO, 2019; Vinha et al., 2018).

O clima escolar tem sido objeto de estudo de diferentes pesquisadores/as e a origem do termo remete ao conceito de clima organizacional. Segundo Canguçu (2015), a definição de clima organizacional é influenciada pelos estudos de Kurt Lewin sobre clubes escolares e é aperfeiçoada, em meados da década de 1950, pela área da administração de empresas a partir de estudos que buscam compreender a relação estabelecida entre produtividade e ambiente de trabalho. A autora refere que a ideia de clima escolar, embasada por pesquisas científicas, começa a ser aplicada na área educacional a partir dos trabalhos de Rutter e colaboradores com

escolas secundárias de Londres, na década de 1970. Outro pesquisador de destaque é o francês Finlayson, um dos pioneiros em considerar, nas pesquisas científicas sobre clima escolar, a percepção dos/as estudantes, ainda na década de 1970 (Silva et al., 2021).

Após anos de pesquisa, ainda não há uma definição única na literatura científica sobre o clima escolar e as dimensões que compõem este conceito (Lewno-Demdie et al., 2022). Definir o que seria o clima escolar de cada escola e sua associação com a aprendizagem e convivência escolar continua sendo um desafio para a área educacional. Moro (2018) e Canguçu (2015) assinalam que ainda são vários os termos usados, na literatura científica, para se referir à dinâmica escolar e às relações que se dão neste espaço, como: clima escolar social, ambiente escolar, *ethos*, atmosfera escolar, personalidade escolar, conexão escolar, entre outros.

Ainda que não haja definição unificada, parece haver consenso que o clima escolar está relacionado às particularidades de cada escola em relação aos valores, às atitudes, aos procedimentos e aos sentimentos que regem o funcionamento daquele espaço e as percepções que as diferentes pessoas – estudantes, famílias, professores/as, gestores/as e demais profissionais da escola – têm sobre o ambiente com o qual se relacionam. Essas percepções podem envolver diferentes aspectos do funcionamento escolar, como a missão educativa, o fazer pedagógico, a organização administrativa, as condições estruturais e as relações interpessoais (Janosz et al., 1998; Zaykowski Gunter, 2012; Vinha et al., 2016; Moro, 2018).

No Brasil, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GEPEM), coordenado pelas professoras doutoras Telma Vinha (UNICAMP) e Luciene Tognetta (UNESP-Araraquara), tem despendido esforços para contribuir com a discussão e definição do conceito de clima escolar. Em um dos artigos, Vinha et al. (2016) relacionam o clima escolar às diferentes percepções que estudantes, professores/as e gestores/as possuem sobre o ambiente escolar em relação a aspectos da organização, práticas pedagógicas, funcionamento

administrativo e as relações humanas que ocorrem diariamente na escola. Em outro estudo (Moro, 2018), é apresentada uma definição mais ampla, elaborada pelo grupo de pesquisa, que compreende o clima escolar como as percepções que a comunidade escolar possui sobre as diferentes dinâmicas inter-relacionais que acontecem no cotidiano escolar referente às “normas, objetivos, valores, relações humanas, organização e estruturas física, pedagógica e administrativa (Moro, 2018, p. 47). A partir desta concepção, o clima escolar seria composto pelas diferentes percepções que a comunidade escolar – estudantes, familiares, professores/as, gestores/as e demais profissionais da escola – possui sobre o mesmo contexto social, a escola, sendo composto por avaliações subjetivas da mesma realidade. Portanto, cada escola possuiria seu próprio clima escolar e este interferiria nas dinâmicas escolares, assim como seria influenciado por ela, incidindo sobre a qualidade das relações estabelecidas e o processo de ensino e aprendizagem.

Janoz et al. (1998), em suas pesquisas, consideram o clima escolar como sendo composto por cinco dimensões que se inter-relacionam, a saber:

a) o clima relacional, que diz respeito às relações estabelecidas entre as pessoas, ou seja, entre os/as próprios/as estudantes, destes/as com os/as professores/as, dos/as professores/as com a administração e desta com os/as estudantes;

b) o clima educacional, que faz referência ao valor atribuído à educação pelos/as agentes educacionais;

c) o clima de segurança, que se relaciona à ordem e à tranquilidade do ambiente para o bom desenvolvimento das ações educativas;

d) o clima de justiça, que se refere aos direitos e aos deveres expressos no conjunto de regras e sanções estabelecidas na escola e a importância da justiça e equidade na aplicação das regras para a legitimação do ambiente escolar;

e) o clima de pertencimento, que se dá a partir da interconexão dos outros climas, e está relacionado ao vínculo dos sujeitos com o ambiente escolar expresso a partir do respeito institucional e entre as pessoas, da sensação de segurança, justiça e equidade e da visão do ambiente escolar como espaço que valoriza e promove a aprendizagem de todos (Janosz et al, 1998; Vinha, 2016).

Na revisão da literatura realizada, observa-se que tanto as pesquisas nacionais como as internacionais sobre o clima escolar padecem de uma padronização em relação às dimensões que compõem o constructo. Por exemplo, Khoury-Kassabri (2011), em sua pesquisa com estudantes árabes e judeus, utilizou instrumental que considerou o clima escolar a partir das dimensões políticas escolares, que incluíam perguntas sobre a justiça e equidade na aplicação das regras e combate à violência, e suporte dos/as professores/as. Na pesquisa de Gaias et al. (2019), o clima escolar foi considerado pelas dimensões de segurança escolar, conexão escolar, que incluía a relação estudantes-professores/as, estudantes e pares e pertencimento, e percepção sobre o apoio socioemocional ofertado pelos/as profissionais da escola. Zaykowski e Gunter (2012) consideram o clima escolar a partir das dimensões clima relacional e justiça e equidade na aplicação das regras. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) considera o clima escolar como o resultado da interação entre as dimensões qualidade dos edifícios escolares, relação entre professores/as e estudantes, comprometimento do professor/as, ordem e disciplina, violência escolar e engajamento dos/as estudantes com a aprendizagem (Debarbieux, et al., 2012).

Apesar da falta de consenso sobre as dimensões que compõem o clima escolar, percebe-se sua relação com vários aspectos do ambiente e a compreensão de fatores que interferem no seu bom funcionamento, entre os quais a vitimização por violência tem sido objeto de interesse de alguns pesquisadores (Blaya et al., 2006; Khoury-Kassabri, 2011; Garnett, Brion-Meisels, 2017). Blaya et al. (2006), por exemplo, encontraram associação positiva do clima escolar com

a sensação de segurança, e negativa com a percepção de um bom clima escolar em adolescentes vítimas de violência, ou seja, estudantes vítimas de diferentes tipos de violência escolar não apenas se sentiam mais inseguros/as como avaliavam negativamente todas as dimensões que compunham o clima escolar. Há outras evidências, na literatura científica, que associam a alta incidência de violência escolar com a pior percepção sobre o clima escolar (Debarbieux et al., 2012).

Para além do impacto sobre a percepção do clima, estudos recentes têm concentrado esforços na compreensão do clima escolar como fator de proteção para a vitimização por violência de crianças e adolescentes (Zaykowski, Gunter, 2012; Gaias, 2019), tanto a que ocorre dentro do ambiente escolar como a que acontece em outros espaços (família, comunidade, etc.).

Wilson (2014), em sua pesquisa com estudantes adolescentes, encontrou associação significativa entre vínculo escolar e vitimização por agressões físicas. Os/as estudantes com maior vínculo escolar tinham menor probabilidade de serem vitimizados/as quando comparados/as a seus/suas colegas. Na pesquisa, vínculo escolar era composto pelas dimensões valorização da escola pelos/as estudantes, relação estudante-professor/a e justiça e equidade em relação às regras.

Outros estudos testaram a associação de diferentes dimensões do clima escolar e a vitimização por violência, por exemplo, a dimensão clima relacional, principalmente entre estudantes e destes/as com os/as professores/as, associou-se, negativamente, à vitimização grave (agressão física e uso de arma) dos/as estudantes no ambiente escolar (Zaykowski, Gunter, 2012); as dimensões de segurança, pertencimento e suporte escolar estavam associadas à diminuição de sintomas externalizantes (delinquência, violência, uso e abuso de drogas e álcool) de adolescentes vítimas de violência comunitária (Gaias, 2019), e a dimensão justiça percebida e clareza das regras foi associada a índices menores de delinquência e vitimização dos/as estudantes no ambiente escolar (Gottfredson et al., 2005).

Esses estudos reforçam a importância de pesquisas que foquem não apenas a relação do clima escolar com a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, mas que o considerem também como fator protetivo contra a violência que acontece dentro e fora do ambiente escolar.

2. JUSTIFICATIVA

Conforme descrito anteriormente, para uma melhor compreensão das situações de violência que acometem crianças e adolescentes é imprescindível que o fenômeno seja abordado a partir de uma perspectiva intersetorial e interdisciplinar, envolvendo, portanto, diferentes áreas do conhecimento e também diversos/as profissionais devido à complexidade dos casos.

A violência é reconhecida pela área da saúde com uma temática de extrema relevância, seja pela sua associação com a mortalidade de crianças e adolescentes, pelas comorbidades associadas, assim como em relação aos aspectos preventivos que visam à promoção da saúde de milhares de crianças e adolescentes. Por isso, é fundamental que sejam pesquisados fatores de proteção que possam reduzir a prevalência da vitimização por violência na população infantojuvenil.

O envolvimento do sistema educacional nas questões relacionadas à violência contra crianças e adolescentes é imprescindível para uma melhor compreensão do fenômeno. O ambiente escolar possui um papel importante na formação intelectual e moral da infância e adolescência, promove o desenvolvimento de habilidades e mudança de hábitos de vida, além de ser um espaço importante de socialização entre as crianças, adolescentes e destes/as com os/as educadores/as, tornando-se local propício para que as questões de prevenção sejam abordadas e também para que os problemas sejam identificados.

O fato de as crianças e adolescentes passarem uma parte considerável de seu tempo diário durante toda sua infância e adolescência frequentando o ambiente escolar, o que implica

estabelecer relações e estar sob os cuidados de profissionais, constantemente, confere à escola um *status* importante em relação à problemática da violência. Um bom clima escolar tem potencial de contribuir não apenas para amenizar os impactos da vitimização por violência como também pode ter um papel relevante enquanto fator de proteção. Estudos que associam o clima escolar à violência escolar estão melhor documentados na literatura científica, mas ainda são poucas as pesquisas que investigaram a relação entre o clima escolar e a vitimização e polivitimização por violência em espaços extraescolares.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar a associação entre o clima escolar (exposição), percebido pelos/as estudantes, e a vitimização e a polivitimização por diferentes tipos de violência (desfecho).

3.2 Objetivos específicos

- Estimar a prevalência de vitimização por diferentes tipos de violência (direta e indireta) entre adolescentes escolares do município de São Paulo.
- Estimar a prevalência da polivitimização em adolescentes escolares do município de São Paulo.
- Descrever as percepções dos/as adolescentes escolares sobre o clima escolar e suas dimensões (compromisso escolar, dificuldades escolares, benefícios futuros da aprendizagem, relação com pares, relação com professores/as, legitimidade escolar, desordem escolar).
- Analisar a associação entre clima escolar, vitimização (direta e indireta) e a polivitimização após ajustes das covariáveis sexo, raça/cor, idade, pais e mães divorciados/as, nível socioeconômico familiar e tipo de escola.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa faz parte do projeto “Fatores de risco e proteção para comportamento violento entre adolescentes no município de São Paulo - Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO)”. O projeto, coordenado pela professora Dra. Maria Fernanda Tourinho Peres, contou com o apoio da *British Academy/Newton Foundation*, por meio do *Newton Advanced Fellowship (Award Reference AF160099)* e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo nº 2016/22259-4). Além disso, envolveu uma equipe de pesquisadores e pesquisadoras que participaram da construção dos instrumentos de coleta de dados, pré-teste, treinamento dos/as pesquisadores/as de campo, coleta de dados, realização de *Workshop* Internacional e publicação dos dados da pesquisa (Peres et al. 2018). A aluna faz parte da equipe de pesquisadores/as do SP-PROSO e participou das fases do projeto citadas anteriormente.

O projeto SP-PROSO é um estudo de corte-transversal e foi composto por uma amostra representativa de adolescentes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental II da rede pública e privada do município de São Paulo em 2017. Nos próximos parágrafos, são apresentadas as informações relacionadas à composição da amostra, construção dos instrumentos e coleta de dados.

4.1 Composição da amostra do SP-PROSO

A amostra do SP-PROSO foi estratificada, com estratos constituídos pelas escolas públicas (municipais e estaduais) e as privadas do município e por conglomerados, tomando cada turma de estudantes como uma unidade de sorteio. Para o cálculo da turma a ser sorteada em cada estrato, foram utilizadas informações do Censo Escolar de 2015 sobre o número de estudantes matriculados/as por escola e turma do 9º ano. As informações foram obtidas com a Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (CIMA) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEESP). Em 2017, ano de realização da pesquisa, existiam 2.086 escolas com turmas

de 9º ano, sendo que 74% pertenciam à rede pública (municipal e estadual) e 26% à rede privada de ensino (Peres et al. 2018).

O tamanho mínimo estimado para a amostra foi de 2.849 adolescentes e a população de estudo foi definida como sendo a de estudantes presentes em sala de aula no dia da pesquisa. No entanto, para o sorteio da amostra, foram consideradas perdas de 10% devido à ausência em sala de aula ou à recusa em participar da pesquisa. O tamanho da amostra foi reconsiderado para 3.165 estudantes e arredondado para 3.300 para fins de sorteio (Peres et al., 2018).

Realizou-se o sorteio de 156 turmas de escolas públicas e privadas, sendo que 128 foram sorteadas e consideradas como amostra inicial e 28 delas foram consideradas como escolas reservas caso não se alcançasse o tamanho da amostra. A expectativa inicial era de que houvesse uma recusa maior por parte das escolas privadas, por isso a quantidade de escolas privadas reservas foi maior (n=18). Todas as escolas consideradas reservas foram incluídas na pesquisa, pois houve um número maior do que o esperado de faltas dos/as estudantes no dia da coleta de dados. A hipótese é de que como os pais, as mães ou responsáveis poderiam informar, previamente, à direção da escola que não autorizavam a participação dos/as filhos/as na pesquisa, os/as estudantes que não iriam participar da pesquisa puderam se ausentar da aula programada para coleta de dados (Peres et al., 2018).

Das 156 escolas sorteadas (amostra inicial e reservas), 37 foram consideradas como perdas por se recusarem a participar ou não responderem ao contato estabelecido. A maioria das recusas foi das escolas privadas (n=29), sendo baixo o número de recusas das escolas públicas municipais (n=7) e estaduais (n=1). Portanto, a amostra final foi composta por 119 escolas (39 escolas estaduais, 48 municipais e 32 privadas). A tabela 1 apresenta os dados relacionados à amostra inicial, recusas e amostra final (Peres et al., 2018).

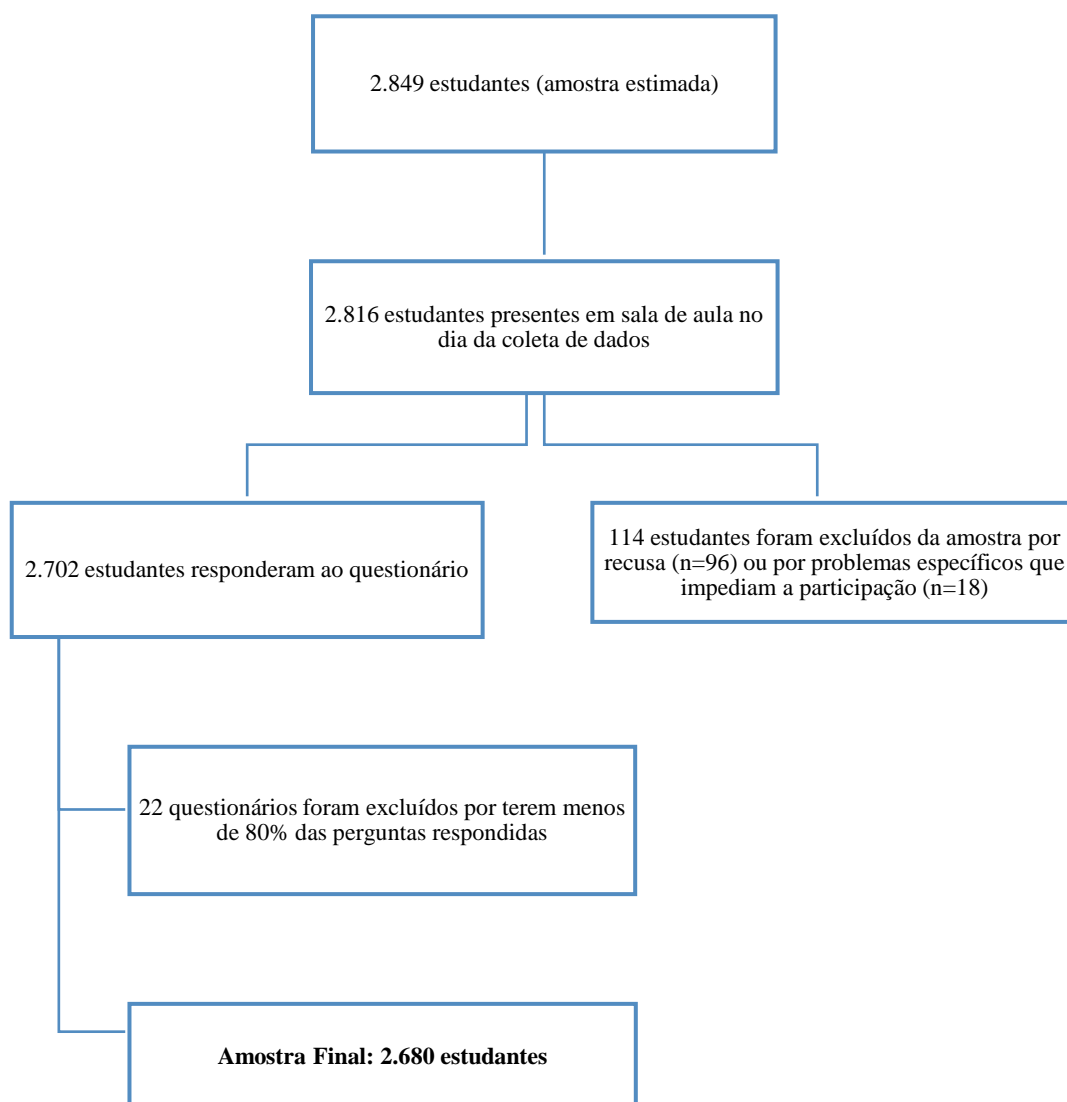
Tabela 1: Distribuição das escolas amostradas segundo sua exclusão e inclusão na amostra final

	Escolas sorteadas	Escolas reservas	Escolas excluídas	Escolas incluídas
Estaduais	36	4	1	39
Municipais	49	6	7	48
Privadas	43	18	29	32
Total	128	28	37	119

Fonte: Peres et al. (2018). Violência, bullying e repercussões na saúde: resultados do Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO).

Estavam presentes em sala de aula 2.816 estudantes no dia de realização da pesquisa. No entanto, 114 foram excluídos/as da amostra, pois 96 deles/as eram estudantes que não aceitaram participar e os/as demais (n=18) possuíam problemas específicos que dificultava a participação, como deficiência cognitiva, Síndrome de Down, incapacidade de leitura mesmo com auxílio, necessidades especiais que impediam a leitura e/ou compreensão e problema disciplinar com necessidade de intervenção dos/as responsáveis nos intervalos das aulas. Sendo assim, houve uma perda de 4% em relação aos/às estudantes presentes em sala de aula (Peres et al., 2018).

O instrumento de pesquisa (questionário) foi aplicado em 2.702 estudantes e foi realizada uma triagem dos questionários em relação ao percentual de respostas, considerando aptos para a pesquisa apenas os que possuíam 80% ou mais de perguntas respondidas. A partir da triagem, foram excluídos 22 questionários e chegou-se a amostra final de 2.680 estudantes que representa 94,1% do tamanho mínimo da amostra (n=2.849). O fluxograma a seguir ilustra como foi realizada a seleção da amostra (Peres et al., 2018).

Figura 1: Procedimentos adotados para a seleção da amostra

Fonte: elaborado pela autora

4.2 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados, utilizado na pesquisa SP-PROSO, foi um questionário autopreenchido pelos/as estudantes. Para a construção do instrumento foram considerados os questionários utilizados na sexta onda do estudo longitudinal *Zurich Project on the Social Development of Children (Z-PROSO)*, versão em alemão e inglês, e do *Proyecto Montevideo para el desarrollo social de niños y adolescentes (M-PROSO)*, versão em espanhol.

As 3 versões dos questionários (alemão, inglês e espanhol) foram utilizadas como base para a tradução. Em um primeiro momento, uma equipe de quatro tradutoras bilíngues (duas alemão-português, uma inglês-português e uma espanhol-português) realizaram a primeira versão da tradução. Todas as traduções realizadas foram comparadas e as divergências foram avaliadas, individualmente, sendo os questionários originais e as tradutoras consultadas sempre que necessário. A primeira versão do questionário em português foi avaliada pelos/as pesquisadores/as principais dos projetos Z-PROSO, M-PROSO e SP-PROSO e, após os ajustes e consenso, chegou-se à segunda versão do questionário em português que foi utilizado no pré-teste da pesquisa (Peres et al., 2018).

O pré-teste foi realizado a fim de averiguar a adequação do instrumento de coleta de dados em relação à compreensão das perguntas, estrutura do instrumento e tempo despendido para respondê-lo em sala de aula. Participaram do pré-teste 114 estudantes pertencentes a cinco escolas, sendo três escolas públicas (duas estaduais e uma municipal) e duas privadas. A partir da análise do pré-teste, foi necessário realizar uma nova adequação ao questionário em relação à extensão do instrumento. Os/as pesquisadores/as principais do Z-PROSO, M-PROSO e SP-PROSO realizaram análises conjuntas sobre as perguntas que poderiam ser excluídas e que não comprometeriam a comparação entre as versões e as características psicométricas das escalas utilizadas. Após o consenso, chegou-se à terceira e última versão do instrumento de coleta de dados (Peres et al., 2018).

O instrumento utilizado na coleta de dados é composto por treze bloco temáticos e, para a presente pesquisa, foram consideradas as variáveis relacionadas ao objetivo deste estudo conforme quadro abaixo.

Quadro 1: Variáveis selecionadas para o presente estudo segundo os blocos temáticos do questionário SP-PROSO, 2017.

Questionário SP- PROSO (2017)	Variáveis SP- PROSO	Variáveis consideradas para a pesquisa
Informações sociodemográficas e familiares	Idade Sexo Orientação sexual Raça/cor Número de irmãos Número de pessoas em casa Presença da mãe/pai em casa, Situação ocupacional da mãe/pai Escolaridade da mãe Separação dos pais e mães Nível socioeconômico familiar	Idade Sexo Raça/cor Separação dos pais e mães Nível socioeconômico familiar
Estilos/práticas parentais	Estilos/práticas parentais positivas (envolvimento, supervisão e reconhecimento) e negativas (estilo errático, uso de práticas disciplinares violentas e conflitos parentais)	Estilos/práticas parentais negativas (uso de práticas disciplinares violentas)
Valores morais	Valores sobre transgressão, valores de masculinidade, atitudes sobre violência contra mulheres, neutralização moral da violência	
Atitudes pró-sociais	Solidariedade, empatia	
Relação com as leis e instituições	Cinismo legal e legitimidade da polícia	
Vitimização por violência interpessoal no ano	Assalto, violência física com arma, violência física sem arma, violência sexual	Assalto, violência física com arma, violência física sem arma, violência sexual
Vitimização por <i>bullying</i>	Vitimização e perpetração	Vitimização
Uso de drogas	Álcool, cigarro e outras drogas	
Capacidade de autocontrole	Impulsividade, atração por situações de risco, volatilidade, autocentramento/egocentrismo	
Estratégias para resolução de conflitos	Violentas e não violentas	Continua na página seguinte

Quadro 1: Variáveis selecionadas para o presente estudo segundo os blocos temáticos o questionário SP-PROSO, 2017.

Questionário SP- PROSO (2017)	Variáveis SP- PROSO	Variáveis consideradas para a pesquisa
Relação com e na escola	Compromisso com a escola, relação com professores/as, relação com colegas, dificuldade escolar, legitimidade escolar, percepção sobre desordem e violência no ambiente escolar	Compromisso com a escola, relação com professores/as, relação com colegas, dificuldade escolar, legitimidade escolar, percepção sobre desordem e violência no ambiente escolar
Atividades de lazer e exposição à mídia	Hábito de lazer noturno e transgressor, exposição à mídia violenta e de conteúdo adulto	
Amigos e pares	Suporte social, participação em grupo, grupos transgressores	
Perpetração de violência no ano	Assalto, roubo, violência sexual e física (com e sem arma)	
Práticas transgressoras	Diferentes tipos de comportamentos transgressores de diferentes gravidades	
Violência testemunhada no bairro	Presença de violência física, assalto, assassinato, violência policial	Presença de violência física, assalto, assassinato, violência policial
Saúde	Sintomas internalizantes (tristeza, solidão, insônia, medo etc.), presença de deficiência, autoavaliação do estado de saúde, sobrepeso e obesidade, hábitos alimentares e atividade física	

Fonte: adaptado de Peres et al. (2018).

4.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2017. Para dar início à coleta, foi realizado, primeiramente, um contato inicial com o/a diretor/a ou coordenador/a pedagógico/a responsável pelo Ensino Fundamental II e, posteriormente, foi enviada carta convite, por e-mail, com informações sobre a pesquisa. Após a aceitação em participar, foi realizada uma visita inicial para apresentação do projeto, definição de data e organizar a logística da coleta (Peres et al., 2018).

Os questionários foram aplicados em sala de aula em dia, horário e local acordado, previamente, com a direção de cada escola. Foram garantidos o sigilo e anonimato em relação à escola e ao/à estudante. Antes de participar, os/as estudantes firmavam na primeira página o assentimento em participar da pesquisa (Peres et al., 2018).

Uma equipe de pesquisadores/as de campo treinada supervisionou a coleta de dados. Os questionários foram entregues aos/às estudantes para autopreenchimento e, em caso de dúvidas, os/as pesquisadores/as estavam aptos a fornecer as explicações necessárias, assim como apoiar os/as estudantes que tinham dificuldade de compreensão e leitura. Uma vez finalizado o preenchimento, os/as estudantes entregavam aos/às pesquisadores/as de campo o questionário para checagem das respostas em busca de eventuais inconsistências e lacunas. Caso fosse identificada alguma destas situações, os/as pesquisadores/as solicitavam aos/às estudantes a correção visando minimizar os erros e informações faltantes (Peres et al., 2018).

4.4 Aspectos Éticos

O projeto SP-PROSO foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da USP (CEP/FMUSP) (ANEXO III- parecer 1.719.856) e pelo Conselho Nacional de Saúde- CONEP (ANEXO III-CAAE 59715716.1.0000.0065). A coordenadora do projeto, Profa.Maria Fernanda Tourinho Peres, autorizou o uso dos dados para essa pesquisa (ANEXO 1), cujo projeto também foi submetido à apreciação do CEP/FMUSP (ANEXO 2 - parecer 2.954.949).

4.5 Variáveis selecionadas para a pesquisa

Na presente pesquisa, foram considerados apenas os blocos temáticos do questionário original (ANEXO 3) que tinham relação com os objetivos da pesquisa a ser desenvolvida. Abaixo, são descritos os instrumentos utilizados para coletar as variáveis consideradas no estudo.

a) Variável de exposição

Nesta pesquisa, o clima escolar foi medido considerando-se as seguintes dimensões: relação com e na escola (comprometimento escolar, dificuldades escolares, relação entre pares, relação com professores/as, benefícios futuros da aprendizagem (valorização da aprendizagem), legitimidade escolar e desordem escolar, conforme especificado abaixo.

- **Relação com e na escola**

Medida por meio de quinze questões utilizadas pelo Z-PROSO e desenvolvidas pelo Instituto de Pesquisas Criminológicas da Baixa Saxônia como parte do *KFN Pupils' Survey* (<https://en.kfn.de/research-projects/school-surveys/>) (Wetzels et al., 2001; Wilmers et al., 2002). As questões abordaram as relações estabelecidas na escola e com a escola, com respostas que variam entre discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente, a saber: 3 itens sobre comprometimento escolar (ex: “eu gosto de ir à escola”); 3 itens sobre dificuldades escolares (ex: “eu, frequentemente, tiro notas ruins”); 3 itens sobre benefícios futuros do aprendizado (ex: “eu me esforço na escola para conseguir um bom emprego no futuro); 3 itens sobre relação com professores/as (ex: “no geral, eu me dou bem com meus professores ou minhas professoras”) e 3 itens sobre relação com pares (ex: “eu me dou bem com os/as adolescentes da minha turma”).

Para fins descritivos, dentro de cada item foi calculado um escore médio para cada estudante e, posteriormente, foi criada uma variável ordinal, com base no tercil de cada subdimensão, a saber: compromisso escolar (baixo, médio e alto compromisso escolar); dificuldades escolares (baixa, média e alta dificuldades escolares); percepção sobre benefícios futuros da aprendizagem (baixa, média e alta percepção sobre benefícios futuros da aprendizagem); relação com professores/as (ruim, média e boa relação com os/as professores/as) e relação com pares (ruim, média e boa relação com pares).

- **Legitimidade escolar**

O conceito de legitimidade é oriundo dos estudos sobre socialização legal que buscam compreender como as pessoas apreendem as leis, regras e normas, e estabelecem relações com as instituições que as representam. No espaço escolar, a compreensão das normas e regras se fundamenta como um dos aspectos do processo de socialização legal (Trinkner, Cohn, 2014; Brasof, Peterson, 2018). O modo como os/as estudantes lidam com as regras e as leis e o reconhecimento da escola e autoridades como legítimas para exercer o poder, guarda estreita relação com a qualidade das experiências individuais com as autoridades e instituições, com os procedimentos adotados nas tomadas de decisões e o tratamento dado às pessoas (Rodrigues, 2017). Portanto, a legitimidade ou não da escola e de figuras profissionais da escola, como professores/as e diretores/as, por exemplo, tem estrita relação com a experiência, direta e/ou indireta, dos/as estudantes, sendo consideradas legítimas as figuras de autoridade e instituições que operam as regras de forma transparente e de maneira equitativa (Trinkner; Cohn, 2014; Fagan, Tyler, 2005; Brasof, Peterson, 2018).

Bottoms e Tankebe (2013) enfatizam que a legitimidade é um conceito multidimensional e é estabelecida a partir de um processo dialógico, interativo, relacional e contínuo entre detentores/as de poder e o público. No caso das escolas, entre os/as profissionais

responsáveis pela condução das normas e regras (professores/as, funcionários/as e equipe gestora) e os/as estudantes. No modelo proposto pelos autores, a legitimidade é apresentada como sendo composta por quatro dimensões: legalidade, que se refere ao cumprimento das normas estabelecidas em uma sociedade ou contexto; justiça distributiva (percepção de que a distribuição e os resultados recebidos são justos), justiça processual/procedimental (imparcialidade dos processos empregados para alcançar os resultados ou decisões específicas em que a qualidade do tratamento e da tomada de decisão são fundamentais) e eficácia por parte dos/as detentores/as de poder em demonstrar resultados efetivos de sua atuação.

No nosso estudo, a escala de legitimidade escolar é composta por três subdimensões conforme escala proposta por Trajtenberg e Eisner (2015) a partir de Bottoms e Tankebe (2013): (a) justiça processual e distributiva, (b) eficácia e (c) legalidade. A escala é composta por 10 questões, com respostas que variavam de discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente (α de Cronbach = 0,75), assim distribuídas: 3 itens sobre justiça processual e distributiva (ex: “na minha escola todos/as são tratados/as de maneira justa), 3 itens sobre eficácia (ex: “a maioria dos/as professores/as e funcionários/as da minha escola fazem bem seu trabalho) e 4 itens de legalidade (“na minha escola, os/as alunos/as violentos/as, que se aproveitam dos/as outros/as, costumam se livrar dos problemas e, geralmente, não acontece nada com eles/as). Para fins descritivos, foi calculada a média do escore por estudante e, a partir do escore médio, foi criada uma variável ordinal com base no tercil, indicando baixa, média e alta legitimidade escolar.

- **Desordem e violência escolar**

A desordem e a violência no ambiente escolar podem ser percebidas pelos/as estudantes das mais diferentes formas que vão desde a estrutura física até a presença de atos indisciplinados, incivildades e transgressões dentro da escola. A desordem e violência escolar

podem tanto estar relacionadas a atos dos/as estudantes como dos/as profissionais da escola e foram medidas por meio de 12 questões formuladas pela equipe do SP-PROSO, divididas em 3 subdimensões, com respostas em escala Likert de 4 pontos, variando entre nunca e muitas vezes, a saber: 5 questões sobre a presença de violência entre estudantes (ex: “briga com agressão física entre alunos/as”), 4 questões sobre violência envolvendo professores(as)/funcionários(as) (ex: briga com agressão física envolvendo alunos/as e professores/as e/ou funcionários/as) e 3 questões sobre a percepção de desordem no ambiente escolar (ex: vandalismo praticado por alunos/as contra os bens da escola- quebrar, destruir, pichar). Para fins descritivos, foi calculada a média do escore por estudante e, a partir do escore médio, foi criada uma variável ordinal com base no tercil, indicando baixa, média e alta desordem escolar.

- **Clima escolar**

Para composição da variável “clima escolar” todas as pontuações das escalas anteriores foram revertidas para que a maior pontuação represente uma percepção positiva sobre o clima escolar. Foi calculado um escore fatorial, considerando o primeiro fator extraído a partir das 37 questões em um modelo de análise fatorial exploratória (Fator 1: *Eigenvalue*= 5,68; *Difference*= 1,98; *Proportion*= 0,46). Uma variável ordinal, com três categoriais, foi criada tendo como base os tercis do escore fatorial (0= percepção negativa do clima, 1= percepção intermediária/neutra do clima, 2= percepção positiva do clima escolar).

b) Desfecho

Na pesquisa, o desfecho estudado refere-se à vitimização por violência (direta e indireta) e à polivitimização relatada pelos/as adolescentes que foram medidas de diferentes formas a partir dos instrumentos listados abaixo.

- **Violência grave**

As questões sobre vitimização por violência grave foram utilizadas na sexta onda do Z-PROSO e desenvolvidas pelo Instituto de Pesquisas Criminológicas da Baixa Saxônia como parte do *KFN Pupils' Survey*⁶. A vitimização violenta grave foi medida por 4 perguntas que exploraram se o/a adolescente foi vítima, nos últimos 12 meses, de assalto, violência física com arma, violência física sem arma e violência sexual (ex: “alguém machucou você de propósito com uma arma – p.ex. uma faca ou revólver- ou com algum outro objeto- p. ex. um bastão ou um porrete). Foi considerada vitimização por violência a resposta afirmativa a qualquer um dos tipos de violência investigados como uma variável binária (0= não foi vítima, 1= foi vítima de qualquer um dos tipos).

- **Bullying**

A vitimização por *bullying* foi medida a partir de 5 questões (Alsaker, 2012) que exploraram este tipo de vitimização entre adolescentes e sua frequência no último ano. Foram considerados cinco tipos de *bullying*: ser ignorado/a ou excluído/a, sofrer insultos, ser agredido/a fisicamente, ter objetos escondidos ou furtados e sofrer abuso sexual (ex. quantas vezes, desde agosto de 2016, outros/as adolescentes bateram em você, morderam você, chutaram você ou puxaram seu cabelo?”). As respostas são em escala *likert* de seis pontos (nunca, 1 ou 2 vezes, 3 a 10 vezes, uma vez por mês, uma vez por semana, todo dia). Foi

⁶ <https://en.kfn.de/research-projects/school-surveys/>

considerada vitimização por *bullying* a resposta a qualquer um dos tipos de *bullying*, com frequência igual ou superior à mensal, em uma variável binária (0= não e 1= sim).

- **Práticas disciplinares violentas**

Essa variável foi composta a partir de 5 questões que exploraram o uso de práticas disciplinares violentas por parte de mães, pais e/ou responsáveis (violência verbal e punição física) que compõem a *Alabama Parenting Questionnaire* (Shelton et al., 1996). As respostas são em escala Likert de quatro pontos que variam entre nunca, raramente, às vezes e frequentemente (ex: “seus pais dão tapa na sua cara”). As práticas disciplinares violentas são consideradas um tipo de maus-tratos, no entanto, como não exploramos outras formas de maus-tratos perpetrado por cuidadores/as, não usaremos este termo ao longo do texto.

Foi calculada a média do escore por estudante e, a partir do escore médio, uma variável binária foi criada com base no tercil, considerando-se o tercil superior como vítimas de práticas disciplinares violentas severas e os tercis inferiores como de baixa vitimização por práticas disciplinares violentas.

- **Violência comunitária**

A concepção de violência comunitária adotada na pesquisa está relacionada ao testemunho a atos de violência interpessoal cometidos por pessoas que não mantêm relação de proximidade com os/as adolescentes (Starkey et al., 2019). A exposição à violência comunitária foi medida por meio de questões selecionadas da escala “*Children's Exposure to Community Violence*” (Dahlberg, 2005) e foram acrescentadas questões para captar situações relevantes para o contexto brasileiro. Ao todo, foram considerados 10 itens relacionados à presença de situações de violência no bairro que os/as estudantes ou presenciaram ou tiveram conhecimento, como agressão física e sexual, incidentes envolvendo o uso de arma de fogo ou faca,

assassinatos, assaltos e agressão policial (ex: “alguém foi esfaqueado”). As respostas são em escala *likert* de 4 pontos (nunca, poucas vezes- 1 ou 2 vezes-, algumas vezes, - 3 ou 4 vezes-, muitas vezes- 5 ou mais). A partir da média de respostas às questões por estudantes, criou-se um escore que deu origem a uma variável com base nos tercís. Para a análise, transformamos essa variável em binária, sendo os/as estudantes no primeiro e segundo tercís considerados/as de baixa vitimização por violência comunitária e os do terceiro tercil como vítimas de violência comunitária severa (0/1).

- **Polivitimização/exposição múltipla à violência**

Trata-se de uma variável criada para atender aos requisitos desta pesquisa e utiliza as respostas às diferentes formas de vitimização por violência medidas no projeto: violência grave, *bullying*, práticas disciplinares violentas e violência comunitária.

Para criar a variável, foi utilizado o mesmo método proposto por Finkelhor et al. (2007) dada a relevância dos estudos destes/as pesquisadores/as sobre a temática. Em suas pesquisas, o autor e demais colaboradores/as realizam a contagem aditiva simples dos eventos violentos e, em seguida, calculam a média de vitimizações para cada indivíduo, sendo consideradas polivitimizadas as pessoas que sofrem violência acima da média. Segundo o autor, ainda que a contagem aditiva simples não considere a diferença de gravidade dos tipos de exposição à violência, essa abordagem é usada, comumente, em medidas de eventos de vida e em investigações sobre estresse social e se mostra bastante adequada para ser utilizada em pesquisas exploratórias sobre vitimização (Finkelhor et al., 2007; 2009; 2011; Indias et al., 2019). Em estudos que associou a polivitimização a problemas de saúde mental, por exemplo, a contagem simples se mostrou tão eficaz quanto à ponderação por gravidade dos tipos de violência, sendo replicada a contagem simples em pesquisas posteriores (Finkelhor et al., 2009).

Portanto, para criar a variável de polivitimização, foram consideradas as respostas às 24 questões que exploram as violências medidas pelas escalas utilizadas, a saber: os 4 tipos de violência grave, os 5 tipos de *bullying*, os 5 tipos de práticas disciplinares violentas e os 10 tipos de violência comunitária. Foi realizada a contagem simples das respostas afirmativas a qualquer tipo de exposição à violência (direta e indireta), cujo resultado variou entre 0 e 24. Em seguida, foi calculada a média do escore por estudante e, a partir do escore médio (média= 6,4), as respostas foram categorizadas em 4 níveis de vitimização: de 0 a 1 tipo, de 2 a 3 tipos (baixa vitimização), de 4 a 6 tipos (média vitimização), de 7 tipos ou mais (polivitimização).

c) Variáveis de ajuste

- **Informações sociodemográficas e de estrutura familiar**

Incluiu questões sobre idade, sexo, raça/cor, separação de mães e pais, status socioeconômico familiar e tipo de escola frequentada pelos/as estudantes. O status socioeconômico foi calculado a partir de informações referentes a posse de bens de consumo e a presença de empregada doméstica remunerada no domicílio, conforme proposto pela PeNSE 2012 (Malta et al., 2014).

4.6 Procedimento de análise dos dados

Foi feita, inicialmente, uma análise descritiva dos dados para caracterizar a amostra e investigar as percepções dos/as estudantes sobre o clima escolar e as dimensões que compuseram este constructo. A análise descritiva dos dados constou de, além do cálculo de medidas de tendência central e dispersão, medidas de frequência absoluta e relativa (prevalências e proporções), com cálculos de Intervalos de Confiança de 95% para as estimativas pontuais.

Em seguida, investigamos se a vitimização dos/as adolescentes pelos diferentes tipos de violência (desfecho) estava associada ao clima escolar (exposição), lançando mão de testes para comparação de proporções (chi quadrado) e análise de regressão logística brutas e ajustadas. Para a análise da associação entre violência comunitária e polivitimização com clima escolar utilizamos modelos de regressão logística multinomial, optamos, neste momento, por utilizar a variável de exposição violência comunitária em sua forma ordinal com três categorias compostas segundo o tercil, com baixa, média e alta vitimização.

5. Resultados

No total, participaram da pesquisa 119 escolas, sendo 69,75% pertencente à rede pública e 30,25% à rede privada. Na tabela 2, apresentamos as características da nossa amostra. Em relação ao sexo, 52,60% da amostra total era composta por meninos e 47,40% por meninas. Nas escolas públicas, os meninos representaram 53,86% e nas escolas privadas tivemos uma participação um pouco maior das meninas (50,29%), sendo significativa, do ponto de vista estatístico, as diferenças observadas entre as escolas públicas e privadas ($p=0,0051$).

Em relação à raça/cor, a maioria dos/as estudantes (55,77%) se autodeclararam como pardos/as, pretos/as, amarelos/as e/ou indígenas e nas escolas públicas essa proporção foi maior (65,71%) do que nas da rede privada (32,86%) sendo a diferença encontrada significativa do ponto de vista estatístico ($p<0.001$).

Tabela 2- Características sociodemográficas dos/as estudantes por tipo de escola (pública ou privada). SP-PROSO, São Paulo, 2017 (N=2.680)

	Total (%)	Escola pública (%)	Escola privada (%)	P-value
TOTAL		69,75	30,25	
Sexo				0,0051
Masculino	52,60	53,86	49,70	
Feminino	47,40	46,13	50,29	
Raça/cor				<0,001
Branco	44,22	34,28	67,13	
(Pretos/as; pardos/as; amarelos/as; indígenas)	55,77	65,71	32,86	
Idade				<0,001
Menos de 15 anos	72,24	67,71	82,61	
15 a 16 anos	21,20	23,75	15,35	
Acima de 16 anos	6,55	8,52	2,02	
Pais e mães divorciados/as				0,014
Sim	43,63	49,80	29,55	
Não	53,36	50,20	70,44	
Nível socioeconômico				<0,001
Baixo	33,52	41,20	16,70	
Médio	39,96	39,77	40,38	
Alto	26,50	19,01	42,90	

Estudantes com menos de 15 anos representaram 72,24% da amostra total, entre 15 e 16 anos a proporção foi de 21,20% e acima de 16 anos 6,55%. Enquanto nas escolas privadas 82,61% dos/as estudantes tinham menos do que 15 anos, nas escolas públicas essa proporção era um pouco menor (67,71%). Houve diferença também nas faixas etárias dos 15 aos 16 anos (23,75% na rede pública e 15,35% na rede privada) e acima dos 16 anos (8,52% na escola pública e 2,02% na privadas). As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($p < 0.001$).

Na amostra total, 43,63% declararam que tinham pais e mães divorciados/as, sendo que nas escolas públicas o percentual representava quase metade dos/as respondentes (49,79%) e nas escolas privadas esse quantitativo correspondeu a cerca de um terço do total de estudantes (29,55%), apresentando diferença estatisticamente significativa ($p=0.014$).

Em relação ao nível socioeconômico, 39,96% dos/as estudantes foram classificados/as como sendo do grupo de nível socioeconômico intermediário, 33,52% no nível baixo e 26,50% no nível alto. As diferenças apresentadas entre escolas públicas e privadas apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p<0.001$). Nas escolas públicas, 41,20% da amostra pertencia ao nível socioeconômico baixo e nas escolas privadas apenas 16,70% dos/as estudantes foram classificados/as como de nível socioeconômico baixo. Pertencem ao nível socioeconômico alto 19,01% dos/as estudantes das escolas públicas e 42,90% dos/as estudantes de escolas privadas.

Na tabela 3, apresentamos os dados relativos ao clima escolar segundo as características sociodemográficas, familiares e tipo de escola. Na amostra total, o maior percentual refere-se aos/às estudantes que classificam o clima escolar como ruim (35,28%), seguido do nível intermediário (33,59%) e do nível bom (31,12%).

Dos/as estudantes que avaliam o clima escolar como ruim, a maioria (56,30%) é do sexo masculino. As meninas tendem a avaliar o clima escolar melhor que os meninos, sendo maioria entre os/as estudantes que avaliam o clima escolar como intermediário (50,39%) e bom (50,38%). As diferenças encontradas entre os sexos são significativas do ponto de vista estatístico ($p=0,0124$).

Em relação à raça/cor, os/as adolescentes que se autodeclaram como pretos/as, pardos/as, amarelos/as ou indígenas são maioria na avaliação do clima escolar como ruim (58,84%), como intermediário (52,63%) e como bom (54,94%), mas as diferenças encontradas não são estatisticamente significativas.

Em relação ao clima escolar por faixas etárias, os/as estudantes com menos de 15 anos são maioria nos três tipos de avaliação do clima escolar, ruim (67,83%), intermediário (75%) e bom (72,20%) quando comparados aos/às adolescentes das outras faixas etárias sendo que as diferenças apresentadas têm significância estatística ($p=0,0058$).

Tabela 3- Clima escolar segundo características sociodemográficas e familiares da amostra. SP-PROSO, São Paulo, 2017 (N=2.680)

	Ruim (%)	Intermediário (%)	Bom (%)	P-value
TOTAL	35,28	33,59	31,12	
Sexo				0,0124
Feminino	43,69	50,39	50,38	
Masculino	56,30	49,60	49,61	
Raça/cor				0,1093
Branco	41,15	47,36	45,05	
Pretos/as, pardos/as, amarelos/as, indígenas	58,84	52,63	54,94	
Idade				0,0058
<15 anos	67,83	75	72,20	
15 a 16 anos	25,79	18,67	17,60	
>16 anos	6,36	6,31	6,18	
Pais divorciados				0,0001
Sim	49,50	42,79	37,34	
Não	50,49	57,20	62,65	
Nível socioeconômico				0,2185
Baixo	35,84	31,82	33,20	
Médio	36,38	41,86	42,33	
Alto	27,77	26,30	24,46	
Tipo de escola				<0,0001

Privada	21,36	31,43	40,83
Pública	78,63	68,56	59,16

A análise do clima escolar em relação à separação dos pais e mães dos/as estudantes também apresentou diferenças estatísticas significativas quando comparamos os grupos cujos pais e mães são divorciados/as com os que não são. Os/as estudantes com pais e mães não divorciados/as são maioria nos três tipos de avaliação do clima escolar: ruim (50,49%), intermediário (57,20%) e bom (62,65%). Sendo que no grupo que considera o clima escolar como bom, as diferenças foram expressivamente maiores que as avaliações do clima como ruim e intermediário.

Em relação ao nível socioeconômico, no grupo que avaliou o clima escolar como ruim, a maioria possui nível socioeconômico médio (36,38%), os/as estudantes que avaliaram o clima escolar como intermediário pertencem, em sua maioria, ao nível socioeconômico médio (41,86%) e os que avaliaram o clima como ruim, 42,33% pertencem ao nível socioeconômico médio, 33,20% ao baixo e 24,46% ao alto. No entanto, as diferenças não são estatisticamente relevantes.

Sobre o tipo de escola frequentada pelos/as estudantes, 78,63% dos/as que avaliaram o clima escolar como ruim estudam em escolas públicas. Entre aqueles/as que avaliaram o clima escolar como bom, 59,16% são estudantes de escolas públicas e 40,83% estudam em escolas particulares. As diferenças encontradas são significativas do ponto de vista estatístico.

Na tabela 4, apresentamos as diferentes dimensões que fazem parte do constructo do clima escolar: comprometimento escolar, dificuldades escolares, benefícios futuros da aprendizagem, relação com os/as colegas, relação com os/as professores/as, legitimidade da escola e a desordem escolar para a amostra total e segundo tipo de escola (pública e privada).

De maneira geral, a análise revela que a maioria dos/as estudantes apresentam médio comprometimento escolar (47%), baixa dificuldades escolares (46,77%), baixa percepção

sobre os benefícios futuros da aprendizagem (57,73%), tem uma relação intermediária com professores/as (39,87%), mais da metade (52%) apresenta uma relação ruim com seus/suas colegas, atribui baixa legitimidade à escola (38,58%) e reportaram alta percepção de desordem escolar (35,82%).

Quando consideramos as dimensões que expressam a percepção dos/as estudantes sobre a escola e atividades escolares (comprometimento, dificuldades e importância) não encontramos diferenças entre estudantes de escolas públicas e privadas. Ambos apresentam resultados semelhantes, com diferenças não significantes do ponto de vista estatístico. Já quando consideramos as dimensões que expressam relações (com professores/as e entre pares), desordem e legitimidade escolar, os/as adolescentes de escolas públicas apresentam uma percepção pior da escola em comparação aos/às estudantes de escolas privadas: a maioria dos/as adolescentes de escola pública percebe as relações com pares e professores/as como sendo ruins, conferem baixa legitimidade à escola e consideram alta a presença de desordem no ambiente escolar.

**Tabela 4- Dimensões do clima escolar segundo o tipo de escola (pública e privada). SP-
Proso, São Paulo, 2017 (N=2.680)**

	Total	Escolas públicas (%)	Escolas particulares (%)	P-value
Comprometimento escolar				0,2396
Baixo	35,44	34,36	37,90	
Médio	47,03	47,31	46,39	
Alto	17,52	18,32	15,69	
Dificuldades escolares				0,1749
Baixa	46,77	45,36	50	
Média	33,51	34,44	31,40	
Alta	19,70	20,18	18,60	
Benefícios futuros da aprendizagem				0,4958
Baixo	57,73	58,48	55,99	
Médio	16,19	16,24	16,06	
Alto	26,07	25,26	27,93	
Relação com professores/as				<0,001
Ruim	35,20	39,90	24,44	
Intermediária	39,87	39,60	40,51	
Boa	24,92	20,49	35,05	
Relação com pares				<0,001
Ruim	52,03	57,35	39,88	
Intermediária	27,38	26,23	30	
Boa	20,58	16,40	30,11	
Legitimidade escolar				<0,001
Baixa	38,58	42,39	29,90	
Média	36,35	36,77	35,39	
Alta	25,05	20,82	34,69	
Desordem escolar				<0,001
Baixa	35,76	33,95	39,90	
Média	28,41	25,17	35,82	
Alta	35,82	40,87	24,27	

Na tabela 5, são apresentados os dados de prevalência de exposição aos diferentes tipos de violência segundo as características sociodemográficas e familiares dos/as estudantes, além do tipo de escola (pública ou particular).

Em relação à amostra total, a violência comunitária severa e o *bullying* foram formas de violência com maiores prevalências entre os/as estudantes: 33,68% e 28,66% respectivamente. A prevalência de vitimização por práticas parentais violentas severas foi de 23,02% e por violência grave 11,67%.

Com exceção das práticas parentais violentas, em que os meninos apresentaram maior prevalência do que as meninas (23,89% e 22,04% respectivamente), os demais tipos de violência foram mais prevalentes na população feminina, porém estas diferenças não foram significativas do ponto de vista estatístico.

Em relação à raça/cor, o grupo autodeclarado como pardos/as, pretos/as amarelos/as e/ou indígenas apresentou maior prevalência de todos os tipos vitimização por violência do que os/as brancos/as, sendo estatisticamente significativa a diferença encontrada para as práticas parentais violentas (24,95% vs 20,58%) e a violência comunitária (35,83% vs 31,02%).

Os/as adolescentes da faixa etária entre 15 e 16 anos apresentaram as maiores prevalências de vitimização por práticas parentais violentas (24,95%), violência grave (13,54%), *bullying* (30,43%) e violência comunitária (35,50%) quando comparados aos/às estudantes com menos de 15 anos e maiores de 16 anos. No entanto, as diferenças não são estatisticamente significativas.

Tabela 5. Prevalência da vitimização os diferentes tipos de violência segundo característica sociodemográficas e familiares da amostra. SP-PROSO, São Paulo, 2017 (N=2.680)

	Práticas parentais violentas (alta)		Violência grave		<i>Bullying</i>		Violência comunitária (alta)	
	%	IC	%	IC	%	IC	%	IC
Total	23,02	21,11-25,05	11,67	10,26-13,25	28,66	26,65-30,75	33,68	31,14-36,31
Sexo								
Feminino	22,04	19,66-24,62	11,77	9,83-14,04	30,73	27,51-34,1	32,22	29,51-35,19
Masculino	23,89	21,23-26,78	11,7	9,81-13,89	26,65	23,99-29,48	34,89	31,31-38,65
Raça/cor								
Branco	20,58*	17,89-23,55	11	9,17-13,14	28,6	25,86-31,51	31,02*	27,35-34,95
Pretos/as, pardos/as, amarelos/as, indígenas	24,95	22,05-28,10	12,22	10,04-14,80	28,8	26,00-31,77	35,83	32,99-38,78
Idade								
<15 anos	22,72	20,49-25,11	11,29	9,52-13,35	28,66	26,47-30,96	33,05	30,22-36,02
Entre 15 e 16 anos	24,95	21,19-29,14	13,54	11,12-16,40	30,43	25,94-35,32	35,5	39,90-40,38
>16 anos	16,39	11,08-23,56	11,11	6,32-18,80	20,92	14,68-28,92	35,3	27,10-44,48
Pais divorciados								
Não	21,72	19,15-24,53	9,71	8,22-11,43	27,43	25,14-29,85	32,91	29,71-36,26
Sim	24,33	21,54-27,34	13,98***	12,03-16,18	30,02	27,15-33,05	34,35	30,87-38,01
Nível socioeconômico								
Baixo	24,88	21,38-28,75	11,29	8,73-14,49	26,25	22,39-30,51	33,59	29,84-37,56
Médio	22,29	19,40-25,49	10,98	8,94-13,42	28,58	25,44-31,94	36,04	32,52-39,72
Alto	20,44	16,93-24,45	13,62	11,11-16,60	32,36	27,98-37,07	29,73	25,56-34,25

Tipo escola

Particular	19,32	16,18-22,90	10,46	8,72-12,49	29,8	26,61-33,20	26,93	22,02-32,47
Pública	24,63*	22,29-271,3	12,2	10,35-14,32	28,16	25,67-30,79	36,66**	33,75-39,67

*p<=0.05 **p<=0.01 ***p<=0.001 (a)p=0.055

Estudantes com pais e mães divorciados/as apresentaram maior prevalência de todos os tipos de violência quando comparados aos/às estudantes com pais e mães não divorciados/as, a saber: práticas parentais violentas (24,33% vs 21,72%), violência grave (13,98% vs 9,71%), *bullying* (30,02% vs 27,43%) e violência comunitária (34,35% vs 31,91%). Apenas a violência grave apresentou diferença significativa do ponto de vista estatístico.

Adolescentes com baixo nível socioeconômico apresentaram maior prevalência de vitimização por práticas parentais violentas (24,88%) quando comparados/as aos/às adolescentes de nível socioeconômico médio e alto. A prevalência de vitimização violenta grave e *bullying* foi maior no grupo de alto nível socioeconômico (13,62% e 32,36% respectivamente). No entanto, as diferenças encontradas entre os grupos não foram estatisticamente significativas.

A vitimização por práticas parentais violentas (24,63%) e a violência comunitária (36,66%) apresentaram prevalência mais altas entre os/as adolescentes que estudam em escolas públicas do que os/as das escolas privadas, sendo a diferença encontrada significativa do ponto de vista estatístico ($p \leq 0.05$, $p \leq 0.01$ e $p \leq 0.001$ respectivamente). Adolescentes de escolas privadas apresentaram prevalência de *bullying* um pouco maior do que os/as de escolas públicas (29,80% vs 28,16%) e os/as de escolas públicas apresentaram maior prevalência de vitimização violenta grave (12,20% vs 10,46%) do que os/as de escolas privadas, porém esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Na tabela 6, são apresentadas as prevalências de polivitimização segundo as características sociodemográficas e familiares dos/as adolescentes. Na amostra total, 43,65% dos/as adolescentes foram polivitimizados/as (categoria 7 ou mais tipos), 27,92% foram vítimas de 4 a seis tipos de violência e 20,04% sofreram 2 a 3 tipos. Cerca de 8% dos/as adolescentes não sofreram violência ou foram vítimas de apenas um tipo, dentre os 24 investigados.

De maneira geral, a análise aponta que os/as adolescentes polivitimizados/as são, em sua maioria, do sexo feminino, de raça/cor preta, parda, amarela ou indígena, com idade entre 15 e 16 anos, com pais e mães não divorciados/as, de nível socioeconômico baixo e estudam em escolas públicas (Tabela X).

Na comparação entre os sexos, os meninos apresentaram as maiores prevalências para os níveis mais baixos de vitimização, de zero a 1 tipo (9,74% vs 6,70%) e de 2 a 3 tipos (21% meninos vs 19,16% meninas) e as meninas maiores prevalência para os níveis mais altos de vitimização: 4 a 6 tipos (28,1% meninas vs 27,9%) e polivitimização (mais do que 7 tipos) (46% meninas vs 41,35% meninos), sendo que as diferenças são estatisticamente significantes.

Os/as estudantes que se autodeclararam como pretos/as, pardos/as, amarelos/as ou indígenas apresentaram maior prevalência de polivitimização do que os/as estudantes brancos/as (46% vs 41,35%). Para as demais categorias, os/as estudantes brancos/as apresentaram maiores prevalências, a saber: zero a 1 tipo (9,17% vs 7,60%), baixa vitimização (21% vs 19,26%) e média vitimização (29,26% vs 26,75%). As diferenças encontradas para raça/cor são significativas estatisticamente.

Em relação à idade, nas categorias de exposição 2 a 3 tipos e 4 a 6 tipos, os/as adolescentes com menos de 15 anos apresentaram as maiores prevalências: 20% e 29,28%, respectivamente. Para a polivitimização, os/as adolescentes entre 15 e 16 anos foram os que apresentaram maior prevalência (45%). Não foram encontradas diferenças significativas estatisticamente para a variável idade.

Estudantes com pais e mães divorciados/as apresentam as maiores prevalências de polivitimização (46,79% vs 41,15%). Para as demais categorias, os/as adolescentes de pais e mães não divorciados/as apresentaram as maiores prevalências: de 2 a 3 tipos (20,94% vs 19,11%) e 4 a 6 tipos (29,61% vs 25,57%). No entanto, as diferenças não são significativas do ponto de vista estatístico.

Tabela 6. Prevalência de vitimizações segundo características sociodemográficas e familiares da amostra. SP-PROSO, São Paulo, 2017 (N=2.680)

	0 a 1 tipo		2 a 3 tipos (baixa vitimização)		4 a 6 tipos (média vitimização)		>7 tipos (polivitimização)		P-value
	%	IC	%	IC	%	IC	%	IC	
TOTAL	8,3	7,24-9,68	20,04	17,98-22,27	27,92	25,88-30,05	43,65	41,02-46,30	
Sexo									
Feminino	6,70	5,23- 8,59	19,16	16,74-21,82	28,1	25,27-31,13	46,00	42,38-49,66	p=0,017
Masculino	9,74	8,25- 11,48	21,00	18,19-24,12	27,9	25,30-30,64	41,35	38,55-44,20	
Raça/cor									
Branco	9,17	7,47-11,20	21	18,39-23,92	29,26	26,49-32,19	40,53	36,92-44,25	p=0,044
Preto/a, pardo/a, amarelo/a, indígena	7,6	6,32-9,12	19,26	16,83-21,94	26,75	23,88- 29,82	46,37	43,28-49,48	
Idade									
<15 anos	7,4	6,12-9,09	20	17,53-22,72	29,28	26,72-31,98	43,22	40,24-46,26	p=0,2247
Entre 15 e 16 anos	10,45	7,96-13,59	20	16,69-23,80	24,49	21,38-27,90	45,00	40,66-49,47	
>16 anos	11,92	7,66-18,08	19,48	12,57-28,94	27,51	19,87-36,75	41,07	32,26-50,49	
Pais divorciados									
Não	8,3	6,78-10,06	20,94	17,93-24,31	29,61	26,85-32,54	41,15	38,02-44,35	p=0,0617
Sim	8,5	6,94-10,41	19,11	16,57-21,93	25,57	22,95-28,38	46,79	43,29-50,31	
Nível socioeconômico									
Baixo	8,09	6,40-10,19	18,57	15,91-21,57	27,45	24,14-31,03	45,86	41,59-50,20	p=0,5031
Médio	7,84	6,25- 9,78	19,31	16,56-22,39	27,58	24,40-31,01	45,25	41,75-48,80	
Alto	8,62	6,63-11,12	21,28	17,94-25,04	29,88	26,33-33,69	40,21	35,63-44,97	
Tipo escola									
Particular	8,72	6,89-10,97	20,81	18,05-23,86	32,32	29,23-35,58	38,13	33,58-42,90	p=0,0113
Pública	8,23	6,84-9,87	19,71	17,05-22,67	26,01	23,46-28,74	46,04	42,86-49,25	

Adolescentes de nível socioeconômico baixo apresentaram as maiores prevalências de polivitimização (45,86%), para as demais categorias, adolescentes de nível socioeconômico alto tinham as maiores prevalências. No entanto, estas diferenças não foram significativas do ponto de vista estatístico.

A comparação entre os tipos de escolas revelou diferenças estatísticas significantes, a maior prevalência de polivitimização foi encontrada entre adolescentes que estudam em escolas públicas (46,04%) e para as demais categorias, a prevalência foi maior entre estudantes de escolas privadas.

Na tabela 7, apresentamos a associação bruta entre clima escolar e cada uma das covariáveis de ajuste. Meninos, adolescentes pretos/as, pardos/as, amarelos/as ou indígenas, com idades entre 15 e 16 anos, com pais e mães divorciados/as e que estudam em escola pública apresentam uma chance menor de avaliar o clima como intermediário e bom, comparativamente à avaliação do clima como ruim, do que as meninas, adolescentes brancos/as, com até 14 anos, com pais e mães não divorciados/as e que estudam em escolas privadas. Em todos esses casos, as associações foram significantes do ponto de vista estatístico. Adolescentes cujas famílias têm um nível socioeconômico intermediário avaliam mais positivamente o clima escolar, o que pode ser percebido por meio da OR superior a 1. A associação foi significativa do ponto de vista estatístico apenas para a percepção do clima escolar intermediário (OR=1,29, $p<0,05$).

Tabela 7. Associação entre as covariáveis e o clima escolar

	Modelo Bruto	
	[Ref: clima escolar ruim]	
	Clima Escolar Intermediário OR (IC95%)	Clima Escolar Bom OR(IC95%)
Sexo (ref: fem)	0,76** (0,62- 0,93)	0,76***(0,62- 0,93)
Raça (ref: branca)	0,78 ^(a) (0,59-1,00)	0,85 (0,67-1,00)
Idade (ref até 14 anos)		
15 e 16 anos	0,65*** (0,50-0,84)	0,61***(0,46- 0,79)
>16 anos	0,90 (0,55-1,44)	0,86 (0,51- 1,46)
Pais divorciados (ref: não)	0,77*(0,62-0,95)	0,61*** (0,49-0,76)
Nível socioeconômico (ref: baixo)		
Médio	1,29*(0,99- 1,68)	1,25 (0,96-1,64)
Alto	1,07 (0,80- 1,41)	0,95 (0,68-1,32)
Tipo de escola (ref: privada)	0,59***(0,44- 0,78)	0,39***(0,28-0,53)

(a) p=0,06; *** p< 0,001; * p<0,05

Na tabela 8, são apresentados os resultados da análise de associação bruta e ajustada entre clima escolar e a violência contra adolescentes. Para a análise utilizamos modelos de regressão logística e regressão logística multinomial para a associação com a vitimização por violência comunitária e polivitimização.

Na análise bruta, vemos que um bom clima escolar exerce efeito protetor ($OR < 1$) contra todos os tipos de vitimização, isoladas e múltiplas. Em todos os casos, as associações foram significantes do ponto de vista estatístico, com exceção da associação entre bom clima escolar e vitimização por 2 a 3 tipos de violência. O clima escolar intermediário exerce efeito protetor ($OR < 1$) para práticas parentais violentas, vitimização por violência grave, *bullying*, alta exposição à violência comunitária e polivitimização. Todas essas associações foram significantes do ponto de vista estatístico.

No modelo ajustado, os resultados são semelhantes, com uma mudança negligenciável na magnitude das OR. O clima escolar intermediário exerce um efeito protetor em relação à vitimização dos adolescentes por *práticas disciplinares parentais violentas* [OR=0,67 (IC95% 0,52-0,85)], *violência grave* [OR=0,51 (IC95% 0,36-0,70)], *bullying* [OR=0,57 (IC95% 0,44-0,72)], alta exposição à *violência comunitária* [OR=0,47 (IC95% 0,36-0,60)] e *polivitimização* [OR=0,56 (IC95% 0,35-0,89)]. O clima escolar bom exerce efeito protetor contra *práticas disciplinares parentais violentas* [OR=0,35 (IC95% 0,26-0,47)], *violência grave* [OR= (IC95% 0,32-0,60)], *bullying* [OR=0,20 (IC95% 0,23-0,37)], exposição intermediária [OR=0,56 (IC95% 0,43-0,73)] e alta [OR=0,26 (IC95% 0,20-0,33)] à *violência comunitária*, *vitimização por 4 a 6 tipos de violência* [OR=0,47 (IC95% 0,31-0,72)] e *polivitimização* [OR=0,17 (IC95% 0,11-0,25)]. Observamos ainda que o clima escolar bom exerce um efeito protetor mais forte do que o clima intermediário em todos os casos, com OR menores do que os encontrados com o clima intermediário. A maior diferença foi encontrada com a polivitimização: o clima intermediário reduz em 44% a chance de polivitimização enquanto o clima escolar bom reduz a chance em 83%.

Tabela 8. Associação bruta e ajustada entre clima escolar e vitimização por violência. São Paulo, SP-Proso, 2017

	Práticas parentais violentas	Violência grave	<i>Bullying</i>	Violência comunitária [ref: Baixa vitimização]		Polivitimização [Ref: 0 e 1]		
				Média	Alta	2 a 3 (baixa vitimização)	4 a 6 (média vitimização)	7 ou mais (polivitimização)
Associação Bruta								
Clima Escolar [Ref: ruim]								
Intermediário	0,64 ^(c) (0,50-0,81)	0,52 ^(c) (0,37-0,71)	0,55 ^(c) (0,43-0,70)	1,04 (0,78-1,38)	0,47 ^(c) (0,37-0,59)	1,12 (0,71-1,76)	1,14 (0,75-1,72)	0,61 ^(b) (0,40-0,92)
Bom	0,36 ^(c) (0,27-0,47)	0,46 ^(c) (0,34-0,61)	0,31 ^(c) (0,24-0,38)	0,62 ^(c) (0,48-0,79)	0,26 ^(c) (0,20-0,33)	0,85 (0,56-1,28)	0,54 ^(c) (0,37-0,78)	0,19 ^(c) (0,13-0,28)
Associação Ajustada								
Clima Escolar [Ref: ruim]								
Intermediário	0,67 ^(c) (0,52-0,85)	0,51 ^(c) (0,36-0,70)	0,57 ^(c) (0,44-0,72)	0,99 (0,74-1,35)	0,47 ^(c) (0,36-0,60)	1,09 (0,63-1,84)	1,01 (0,61-1,72)	0,56 ^(b) (0,35-0,89)
Bom	0,35 ^(c) (0,26-0,47)	0,44 ^(c) (0,32-0,60)	0,29 ^(c) (0,23-0,37)	0,56 ^(c) (0,43-0,73)	0,26 ^(c) (0,20-0,33)	0,84 (0,53-1,32)	0,47 ^(c) (0,31-0,72)	0,17 ^(c) (0,11-0,25)

(a) ajustada para: sexo, raça, idade, pais divorciados, nível socioeconômico e tipo de escola; (b) $p < 0,05$; (c) $p < 0,001$

6. Discussão

A violência, direta e indireta, é um dos graves problemas que afeta milhares de crianças e adolescentes em todo mundo e sua associação com agravos na saúde física e emocional, além dos prejuízos relacionados à vida escolar e aos relacionamentos interpessoais, está documentada na literatura científica. A vitimização por violência está associada a agravos na saúde a curto, médio e longo prazos. Baixa autoestima, transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias psicoativas, depressão, ansiedade, comportamento antissocial e violento, doenças crônicas não transmissíveis, infecção por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, lesões e suicídio são algumas das associações que aparecem em pesquisas entre vitimização por violência de crianças e adolescentes e a saúde física e emocional (Orpinas et al., 1995; O’Keefe, 1997; Lynch, 2003; Wright, 2006; Herrenkohl et al., 2007; Brown et al., 2009; Fowler et al., 2009; Apter et al., 2010; Sternthal et al., 2010; Finkelhor et al., 2011; Hillis et al., 2016; Han et al., 2019).

Se os possíveis agravos para o desenvolvimento biopsicossocial das crianças e adolescentes vítimas de violência, por si só, justificam a necessidade de programas de prevenção e intervenção em casos de violência, os dados sobre a prevalência do fenômeno tendem a confirmar a importância de se agir, prontamente, para diminuir os índices de vitimização. Neste sentido, compreender se há fatores de proteção que podem estar associados à diminuição da vitimização por violência, se torna fundamental para que sejam traçadas estratégias eficazes de intervenção e prevenção em casos de vitimização por violência.

Conforme apontam os resultados desta pesquisa, a hipótese de que o clima escolar poderia ter um efeito protetor para a vitimização por violência foi confirmada nas análises

realizadas, pois encontramos associação entre o clima escolar intermediário e bom com a baixa vitimização e polivitimização por violência.

Nesta seção, iremos discutir, à luz da literatura científica, primeiramente, as prevalências encontradas para a vitimização por violência e polivitimização, seguida da percepção dos/as estudantes sobre o clima escolar e suas dimensões e, por fim, a associação entre clima escolar, vitimização e polivitimização por violência.

6.1 A prevalência da vitimização e polivitimização por violência na amostra estudada

Na nossa pesquisa, encontramos prevalências bastante elevadas de vitimização de adolescentes, 91,7% reportaram ter sido vítima de dois ou mais tipos de violência no último ano, sendo que menos de 10% afirmaram não ter sofrido violência ou ter sido vítima de apenas um tipo. São prevalências altas e que expõem a violência a que adolescentes estiveram submetidos/as recentemente. Podemos afirmar que a violência contra os/as adolescentes ainda é uma realidade mundial, pois apesar das taxas de mortalidade por violência terem diminuído quase 50% nas últimas cinco décadas, não apresentam uma diminuição significativa quando comparadas à mortalidade infantil que apresentou queda de 80%. Segundo alguns/as pesquisadores/as, a diferença em relação à população infantil deve-se ao fato de uma estagnação ou mesmo aumento da mortalidade entre os/as jovens, principalmente, devido a lesões, entre as quais a violência ocupa lugar de destaque (Han et al., 2019).

Os nossos dados mostram que a violência comunitária severa, uma das formas de violência indireta, foi a que apresentou maiores prevalência entre a população estudada (33,68%), seguidas do *bullying* (28,66%), práticas parentais disciplinares violentas (23,02%) e violência grave (11,67%).

A violência indireta inclui ser vítima de violência ao testemunhar ou ouvir falar de atos de violência que acontecem em locais como a comunidade, a família e/ou escola e é relativamente recente sua inclusão em pesquisas sobre a prevalência de vitimização por violência contra crianças e adolescentes (Finkelhor et al., 2005; Patton et al., 2012; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Patias, Dell’Aglío, 2017).

Na nossa pesquisa, a violência comunitária foi definida como o testemunho a situações de violência ou ameaças graves a terceiros na comunidade (Myers et al., 2018). No entanto, a literatura científica não apresenta uma padronização para o uso do termo, sendo que alguns estudos incluem apenas o testemunho a atos violentos (violência indireta) e outros consideram no constructo a violência sofrida (violência direta) por pessoas desconhecidas (Ximenes et al., 2013), o que dificulta termos uma melhor precisão sobre a magnitude do fenômeno.

Geralmente, a violência comunitária está associada a localidades de menor poder aquisitivo, em que o acesso a políticas públicas básicas, como saúde, educação, segurança pública, entre outras, estão ausentes e em culturas em que o uso da violência é legitimado para resolver conflitos interpessoais. Nestas localidades, há uma incidência maior de assaltos, roubos, assassinatos e tráfico de drogas que limita o direito de ir e vir das pessoas, causando insegurança e medo constante. Pesquisas revelam a associação entre vitimização por violência comunitária e altos índices de absenteísmo e exclusão escolar, prejuízos na saúde física e emocional e banalização de situações de violência, dado o grau de exposição no cotidiano por crianças e adolescentes (Pinto, Assis, 2013; Patias, Dell’Aglío, 2017).

Há uma variação considerável em relação à prevalência da violência comunitária na literatura internacional, indo de 66% em Israel (Khoury-Kassabri, 2011) a 30,8% na Espanha (Pereda et al., 2014), por exemplo, em países fora da América Latina. Nos

Estados Unidos, há pesquisas que apontam prevalências de 40% (Marans, Adelman, 1993 *apud* Patton et al., 2012) em relação ao testemunho de crimes violentos por estudantes e outras a prevalência de 28,5% de violência comunitária e indireta no ambiente doméstico em adolescentes americanos/as entre 13 e 17 anos (Finkelhor et al., 2005).

Ainda que menos pesquisada no cenário nacional do que a violência direta, encontramos alguns estudos brasileiros que apontam alta exposição à violência comunitária: 93,2% (n= 280) em estudo que considerou a vitimização por violência comunitária (direta e indireta) em São Gonçalo, Rio de Janeiro (Pinto, Assis, 2013); jovens, de até 20 anos (n=66), moradores/as da cidade de São Paulo, relataram ter testemunhado agressões físicas (35%), roubo à mão armada (21%), tentativa de assassinato (35%), assassinatos (13%) e verem corpo de vítimas de assassinato (11%) (Cardia, 1999). Duas pesquisas no sul do Brasil detectaram que 91,6% (n=683) foram vítimas de, pelo menos, uma forma de violência comunitária indireta, em São Leopoldo (Benetti et al, 2006) e 97% (n=426), em Porto Alegre (Patias, Dell’Aglío, 2017).

Dados da PeNSE (2021) também trazem uma perspectiva da violência comunitária a partir da segurança que os/as adolescentes reportam no trajeto da casa para a escola e da escola para a casa, 11,6% dos/as estudantes, entre 13 e 17 anos, informaram não se sentirem seguros no trajeto de ida e volta para a escola. Estudantes brasileiros/as de escolas públicas apresentaram o dobro de insegurança (12,5%) do que os/as estudantes de escolas privadas (6,1%). Para o município de São Paulo, 14,2% informaram não se sentirem seguros com o trajeto, sendo 16% pertencentes às escolas públicas e 8,1% às escolas privadas.

As diferenças, em relação à prevalência da violência comunitária na nossa amostra quando comparada às pesquisas brasileiras citadas, podem ser explicadas pela maneira que foram realizadas as medidas de violência comunitária. Enquanto algumas pesquisas

consideraram a exposição a, pelo menos, uma forma de violência comunitária, no nosso estudo, apresentamos os dados dos/as estudantes com alta exposição à violência comunitária, ou seja, aqueles/as pertencentes ao tercil superior, que representam os 33,68% de adolescentes vítimas de violência comunitária extrema como sendo os/as mais vulneráveis. É provável que a quantidade de adolescentes expostos/as a apenas uma forma de violência seja próxima aos dados encontrados em outras pesquisas nacionais.

Na nossa amostra, é possível observar alguns dados desagregados que possibilitam ter uma dimensão melhor do fenômeno. Das variáveis utilizadas na pesquisa, apenas as de raça/cor e tipo de escola foram as que apresentaram diferenças significativas do ponto de vista estatístico quando consideramos a exposição à violência comunitária. Os/as estudantes de raça/cor preta, parda, amarela ou indígena foram mais atingidos/as pela violência comunitária do que os/as adolescentes de raça/cor branca. Da mesma forma, a violência comunitária também apresentou prevalência de quase 10% a mais em estudantes de escolas públicas quando comparados/as aos/as de escolas privadas. Ainda que não tenhamos explorado a relação entre violência comunitária e a localidade das escolas, podemos inferir que os altos índices de criminalidade na cidade de São Paulo, em especial em regiões periféricas, poderia explicar a diferença apresentada entre as escolas públicas e privadas, uma vez que a presença de escolas públicas em territórios com altos índices de violência urbana é mais comum do que a de escolas privadas (PeNSE, 2021). Sobre a raça/cor, de maneira geral, as pesquisas apontam os/as adolescentes negros/as como as principais vítimas da violência urbana (De Oliveira Ramos et al., 2021; UNICEF, 2021), estando, conseqüentemente, mais expostos à violência comunitária.

O *bullying* aparece como a segunda maior prevalência de vitimização contra adolescentes da nossa amostra, atingindo 29% dos/as respondentes e sua prática tem sido

identificada como uma das formas de violência presentes no ambiente escolar (Peres et al., 2018; Loch et al., 2020; PeNSE, 2021; UNESCO, 2019). Há pesquisas que demonstram sua associação com diferentes tipos de agravos, como problemas na saúde física, por exemplo, cefaleia, dores abdominais, insônia, entre outros (Pigozi, Machado, 2015), sintomas de internalização (ansiedade e depressão) e autoavaliação de saúde negativa (Pigozi, Machado, 2015; Loch et al., 2020), além de impactos na vida escolar dos/as adolescentes, como absenteísmo, exclusão escolar, baixo rendimento acadêmico e evasão escolar (Pigozi, Machado, 2015; UNESCO, 2019).

Mundialmente, a prevalência de *bullying* pode variar de 10% a mais de 65% (UNESCO, 2019). No território nacional, dados da PeNSE revelam que 23% dos/as adolescentes, de escolas públicas e privadas, foram vítimas de *bullying* nos últimos 30 dias anteriores à participação na pesquisa (IBGE, 2021), e outros estudos apontam prevalências de 17,6% (de Moura et al., 2011) e 20,8 % (Oliveira, et al., 2015). A prevalência que encontramos para o *bullying*, no município de São Paulo, corroboram os dados desagregados, por municípios, da PeNSE, que reportou um percentual de, aproximadamente, 25% de adolescentes vítimas de *bullying* na mesma localidade.

Na nossa amostra, não houve diferença significativa para as variáveis sociodemográficas, familiares e o tipo de escola. Apesar de existirem algumas diferenças nas prevalências apresentadas, as variáveis utilizadas não explicam estas diferenças, sugerindo que o fenômeno parece atingir os/as adolescentes de maneira um pouco mais homogênea. No entanto, estes resultados diferem de estudos anteriores que apontam diferenças significativas entre os sexos, por exemplo, sendo os meninos, em geral, os que mais perpetram e sofrem *bullying* (Hong, Espelage, 2012; Pigozi, Machado, 2015).

As práticas disciplinares violentas, classificadas como um dos tipos de maus-tratos, foram outra forma de vitimização por violência investigada na nossa pesquisa. As

relações conflituosas entre pais, mães, cuidadores/as e filhos/as, que resultam em punições violentas, estão associadas a agravos na saúde física e mental (Hillis et al., 2016; OMS, 2018). Segundo o relatório da OMS (2018), crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos tem maior risco de apresentarem depressão, tabagismo, obesidade, comportamentos sexuais de alto risco, gravidez indesejada e uso e abuso de álcool e outras drogas. Além destes agravos, são maiores as chances destas crianças e adolescentes serem vítimas de *bullying* (Peres et al., 2018; Indias et al., 2019), violência interpessoal não familiar e estarem envolvidos/as com a perpetração de *bullying* (Peres, et al., 2018). Algumas pesquisas também apontam que as práticas disciplinares violentas, tanto as cometidas pelos/as responsáveis legais quanto, em alguns casos, por educadores/as de escolas, estão associadas, positivamente, com sintomas de externalização (comportamento agressivo, problemas de conduta e hiperatividade) e, negativamente, com comportamentos pró-sociais (Hecker et al., 2014).

Nossos dados indicaram prevalência de 23,02% e diferenças significantes para as variáveis de raça/cor e tipo de escola frequentada. Os/as estudantes que se autodeclararam como pretos/as, pardos/as, amarelos/as ou indígenas e de escolas públicas foram mais frequentemente vítimas de práticas parentais disciplinares violentas do que seus/suas colegas. Pesquisas internacionais, em países de alta renda e Europa Oriental, baseadas em auto relatos, apontam prevalências que podem variar de 3,7% a 16,3% em países como Reino Unido, Nova Zelândia, EUA, Finlândia, Itália e Portugal, de 12% a 29,7% na Macedônia, Letônia e Lituânia e 24 a 29% na Rússia, Sibéria e Romênia.

No território nacional, as prevalências de maus-tratos encontradas apresentam ampla variação, conforme a localidade, com índices de 75,59% (n= 48.870) no estado do Pará (Aguiar et al., 2019); 60,67% (n=239) em Salvador (Mota et al., 2018) e 43,9% (n=280) para os castigos corporais em Porto Alegre (Pinto, Assis, 2013).

A violência grave (assalto, violência física com arma, violência física sem arma e violência sexual), foi o tipo de violência que apresentou a menor prevalência, atingindo 11,67% da amostra de adolescentes. Apenas a separação de pais e mães se mostrou associada a este tipo de vitimização. Adolescentes cujos pais e cujas mães não estão divorciados/as apresentaram menor prevalência, quando comparados/as aos/as que tinham pais e mães divorciados/as. Nossos resultados corroboram outras pesquisas que também encontraram a separação de pais e mães associada a maior vitimização por diferentes tipos de violência, entre as quais a violência grave e, inclusive, a polivitimização (Finkelhor et al., 2007; Mengtong; Ling, 2016).

Além de estimarmos as prevalências dos diferentes tipos de violência considerados nesta pesquisa, investigamos como o fenômeno da polivitimização atingiu a população estudada. Para tanto, utilizamos a mesma metodologia proposta por Finkelhor et al. (2005) e consideramos como polivitimizados/as os/as adolescentes que relataram ter sofrido violência acima da média amostral, que para esta pesquisa foi de 6,4. Sendo assim, todos/as os/as estudantes que foram vítimas de 7 ou mais tipos de violência foram considerados/as como polivitimizados/as. Abordar a vitimização por violência a partir da análise do acúmulo dos diferentes tipos de vitimização em contraponto a análise de um único tipo de vitimização violência parece ser algo recente no contexto brasileiro e está em consonância com pesquisas internacionais que tem se dedicado ao estudo da polivitimização (Finkelhor, 2005; 2007; 2009; 2011; Cyr et al., 2012; Pereda et al., 2014; Segura et al. 2015; Ford, Delker, 2018; Indias et al., 2019; Palermo et al., 2019).

Na nossa amostra, 91,7% dos/as adolescentes reportaram ter sido vítimas de duas ou mais formas de violência, nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, sendo que quase metade (43,65%) da amostra foi considerada como polivitimizada. As prevalências encontradas foram maiores do que a de outras pesquisas internacionais. Finkelhor e

colaboradores, por exemplo, encontraram em sua amostra uma média de 3 tipos de vitimizações, nos 12 meses anteriores à pesquisa, considerando, portanto, as polivítimas como aquelas que sofreram 4 tipos ou mais de violência (Finkelhor et al., 2005; 2007). A prevalência de polivitimizadas/as encontrada foi de 22%. Os/as autores/as também classificaram as polivítimas como de baixa polivitimização (4 a 6 tipos) e de alta polivitimização (7 ou mais tipos de violência). Para a alta polivitimização, os/as pesquisadores/as encontraram uma prevalência de 7% na amostra.

Outras pesquisas internacionais replicaram a mesma metodologia proposta por Finkelhor et al. (2005) para a classificação dos polivitimizadas. Cyr et al. (2012), por exemplo, ao estudar uma amostra de crianças e adolescentes acompanhados/as pelo serviço de proteção infantil de Quebec, encontraram uma prevalência de 54% de polivitimizadas/as e 25% sendo vítimas de 7 ou mais tipos de violência. Outra pesquisa realizada na Espanha (Pereda, et al., 2014), encontrou uma prevalência de 20,5% de polivitimizadas/as, com idades entre 15 e 17 anos, sendo que 3,6% pertenciam ao grupo de alta polivitimização (7 ou mais tipos). No mesmo país, um estudo com adolescentes em acolhimento institucional, de 12 a 17 anos, identificou uma prevalência de 45% de polivitimizadas/as e 18,7% com alto grau de polivitimização (Segura et al., 2015). Mesmo em pesquisa que considerou a polivitimização por violência ao longo da vida, foi encontrada uma média de 4,9, para jovens de 15 a 18 anos, ainda menor do que a encontrada no presente estudo (Finkelhor et al., 2009).

No Brasil, encontramos apenas 4 estudos que definem critérios para o uso do termo polivítima e trazem informações sobre a prevalência de polivitimização. Nestes estudos, as prevalências encontradas foram de 50,6% (Azeredo, et al., 2019), 24,5% (Said, Júnior, 2018), 19,3% (Faria, 2015) e 2,49% (De Oliveira Ramos, 2021). Outras duas pesquisas trazem dados sobre a coocorrência de dois tipos de violência, mas não

usam o conceito de polivitimização. Barreira et al. (2013) encontraram prevalência de 18,9% de coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados/as e Oliveira et al. (2016), em sua amostra, identificaram prevalência de 21,7% de violência sexual e coocorrência de outros tipos de violência.

Apesar de não haver uma padronização ao medir a polivitimização nos estudos pesquisados, chama a atenção o fato da alta prevalência encontrada em nossa amostra. Apenas o estudo brasileiro realizado por Azeredo et al. (2019) e outro estudo espanhol com adolescentes institucionalizados/as (Segura et al., 2015) possuem prevalências que se aproximam da encontrada em nossa pesquisa (43,65%). Estes achados reforçam a necessidade de estudos complementares para compreender melhor como a polivitimização se manifesta entre os/as adolescentes e a importância de programas de intervenção e prevenção que considerem o fenômeno.

Em relação às variáveis sociodemográficas e de tipo de escola, encontramos diferenças significativas do ponto de vista estatístico para gênero, raça/cor e tipo de escola. Portanto, podemos inferir que adolescentes do sexo feminino, de raça/cor preta, parda, amarela ou indígena e estudantes de escolas públicas estão mais expostos/as à polivitimização do que os meninos, adolescentes da raça/cor branca e estudantes de escolas privadas. Estes resultados corroboram pesquisas, realizadas no território nacional, que apontam o sexo feminino e as pessoas negras (pretas e pardas) como tendo o triplo de chance de sofrer polivitimização quando comparadas ao sexo masculino e às pessoas de raça/cor branca, estando expostas à chamada violência interseccional, em que a opressão, devido aos marcadores de raça/cor e gênero se faz presente e se concretiza por meio da vitimização por diferentes tipos de violência (De Oliveira Ramos et al., 2021). Outras pesquisas internacionais também apontam a maior prevalência da polivitimização em adolescentes não brancos (Finkelhor, 2007, 2011). No entanto, para gênero, as

pesquisas internacionais são inconclusivas, ora apontam a maior prevalência para o sexo masculino e outras indicam maior prevalência para o sexo feminino (Finkelhor, 2007, 2011, 2013).

Especificamente sobre gênero, algumas pesquisas têm apontado para a associação entre o gênero e a maior vulnerabilidade de crianças e adolescentes em relação à exposição à violência. Gênero refere-se, segundo a literatura, a uma categoria construída socialmente e que não está relacionada, necessariamente, ao sexo biológico, mas sim permeada por valores, crenças, expectativas e papéis sociais que ditam normas sobre o que são atributos masculinos e femininos. As relações de gênero tem estreita relação com alguns tipos de violência, tanto em relação a ser vítima como perpetrador/a. Características como a virilidade e agressividade estão mais relacionadas à masculinidade e é comum, ainda hoje, o imaginário popular que associa o homem como provedor familiar e, conseqüentemente, coloca a mulher em uma posição de inferioridade, valorizando estereótipos e banalizando práticas de violência e assédio sexual contra mulheres, por exemplo (Peres et al., 2018; UNESCO, 2019). Pesquisa recente, realizada em território nacional, investigou a prevalência de maus-tratos em adolescentes do sexo feminino e encontrou um percentual de 91%, sendo que destas, 86% relataram coocorrência de mais de um tipo de violência (Salgado et al, 2017). Segundo a pesquisa, as maiores prevalências estavam relacionadas, respectivamente, à negligência emocional, ao abuso emocional, à negligência física, ao abuso físico e, por último, ao abuso sexual. A magnitude dos dados revela a importância de a violência também ser considerada pela ótica das desigualdades de gênero (Salgado et al, 2017).

Sobre raça/cor, os dados apontam que adolescentes pertencentes à raça/cor preta, parda, indígena ou amarela estão mais expostos/as à polivitimização do que os/as adolescentes brancos/as e diversas pesquisas apontam que a violência atinge a população

branca, por exemplo, de maneira diferente que a população negra (pretos/as e pardos/as), indígena e amarela, com dados mais elevados de vitimização por violência atingindo às pessoas pretas e pardas (De Oliveira Ramos et al., 2021; UNICEF, 2021). Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020, 76% das pessoas assassinadas eram negras, 61% das vítimas de feminicídios eram mulheres negras, 63% das crianças entre 0 e 9 anos e 81% dos/as adolescentes entre 15 e 19 anos vítimas letais da violência também eram negras. No Brasil, a chance de uma pessoa negra ser vítima de homicídio é 2,6 vezes maior do que uma pessoa não negra, ficando evidente a forte desigualdade racial relacionada aos homicídios (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021). Vários/as pesquisadores/as têm alertado para o aumento e a desigualdade em relação às taxas de homicídios que incidem na população negra como resultado do racismo estrutural presente na sociedade brasileira (IPEA, 2013; Gonzaga e Cunha, 2020; Barbosa et al, 2021; Instituto Sou da Paz, 2021). Historicamente, a população negra é a que possui o menor acesso às políticas públicas e, conseqüentemente, possui os piores indicadores relacionados à renda, trabalho, moradia, educação, além de outros associados ao aumento da vulnerabilidade socioeconômica e educacional que contribuem para os/as colocarem à margem da sociedade aumentando, desta forma, seu nível de exposição à violência (Instituto Sou da Paz, 2021).

Em relação ao tipo de escola, nenhuma das pesquisas consultadas sobre polivitimização continham informações sobre escolas públicas e privadas. No entanto, um dos estudos sobre coocorrência de maus-tratos em adolescentes do sexo feminino apontou que as adolescentes de escolas públicas estavam mais expostas a sofrerem diferentes tipos de violência do que as adolescentes de escolas particulares (Salgado et al, 2017).

6.2 A associação entre clima escolar e vitimização

O estudo dos fatores de proteção relacionados à vitimização por violência de crianças e adolescentes é de extrema importância, não apenas para a compreensão do fenômeno, mas, sobretudo, para que possam ser traçadas estratégias voltadas para a intervenção e prevenção em casos de violência, contribuindo para o aperfeiçoamento das políticas públicas que visam proteger as crianças e adolescentes. Em países, como o Brasil, em que as prevalências de vitimização por violência ainda são muito altas, conforme apresentamos anteriormente, torna-se ainda mais relevante que pesquisas acadêmicas abordem a questão.

A escola, enquanto instituição educativa e de proteção, tem papel fundamental nos casos de violência, não apenas aqueles que emergem no contexto escolar, mas também em relação às diferentes formas de violência que vitimizam crianças e adolescentes nos diversos contextos das quais fazem parte. Recentemente, pesquisas têm apontado o papel protetor que a escola pode exercer em relação às vitimizações por violência que afetam os/as estudantes, tanto dentro como fora do ambiente escolar, sendo o clima escolar e suas dimensões uma destas possibilidades protetivas (Benbenishty et al., 2002; Gottfredson et al., 2005; Welsh, 2006; Zaykowski; Attar-Schwartz, 2020; Debarbieux, 2012; Zaykowski; Gunter, 2012; Vinha et al., 2016; OMS, 2018; Mucherah et al., 2018).

Vimos, nos resultados da nossa pesquisa, que a maioria dos/as adolescentes tinha uma percepção negativa sobre o clima escolar. No entanto, a diferença entre o clima ruim e os climas intermediário e bom não se mostrou tão expressiva, sendo de, aproximadamente, dois por cento. Ao analisarmos as variáveis sociodemográficas e o tipo de escola, encontramos diferenças estatísticas significantes para sexo, idade, pais e mães divorciados/as e tipo de escola. Os meninos, adolescentes com menos de 15 anos, de pais e mães não divorciados/as e estudantes de escolas públicas foram os que avaliaram pior

o clima escolar comparativamente a seus pares. As pesquisas consultadas indicam que a percepção do clima escolar pode variar bastante conforme a localidade e realidade cultural. Blaya e Debarbieux (2006), em estudo comparativo entre França e Espanha, encontraram que, na amostra total, 16% dos estudantes tinham uma percepção negativa sobre o clima escolar. Ao comparar os resultados entre os dois países, os/as estudantes franceses apresentavam pior percepção sobre o clima (21,1%) em comparação aos/às estudantes espanhóis/espanholas (10,1%), sendo que na Espanha houve diferença significativa entre os sexos, as meninas tinham melhor percepção sobre o clima escolar. Outra pesquisa indicou que a percepção sobre o clima nas escolas chilenas variou entre bom e regular, não havendo percepções negativas (Tijmes, 2012). Pesquisa realizada em território nacional, no estado de Minas Gerais, aponta que 26,9% dos/as estudantes de escolas públicas avaliaram o clima como insatisfatório, no entanto, a maioria tinha uma avaliação intermediária ou satisfatória do clima escolar (Canguçu, 2015). Estudo de Vinha et al. (2018) também indicou uma percepção dos/as estudantes da rede públicas que variou entre neutra e positiva, com apenas 4,3% dos/as adolescentes que percebiam o clima como negativo.

Ao analisar as dimensões que compuseram o constructo de clima escolar nesta pesquisa, vimos que a maioria dos/as estudantes apresentaram médio comprometimento escolar, baixa dificuldades escolares, baixa percepção sobre os benefícios futuros da aprendizagem, relação intermediária com professores/as, relação ruim com os/as colegas, baixa legitimidade escolar e alta percepção de desordem e violência escolar. Apenas a dimensão dificuldades escolares apresentou resultado favorável, comprometimento escolar e relação com professores/as teve resultado mediano e as demais dimensões apresentaram resultados desfavoráveis, pois os/as estudantes tendem a não perceber benefícios do processo escolar em seu futuro, não expressam ter uma boa

relação com seus/suas colegas, legitimam pouco a escola e percebem alto nível de desordem e violência nas escolas frequentadas.

Na análise dos resultados entre os tipos de escola, chama atenção o fato de que apenas as dimensões que expressam relações (com professores/as e entre pares), legitimidade, desordem e violência escolar, foram significantes com resultados piores para os/as estudantes de escolas públicas: adolescentes de escolas públicas percebem, em maior proporção, as relações com pares e professores/as como sendo ruins, legitimam pouco a escola e consideram alta a presença de desordem e violência no ambiente escolar quando comparados/as aos/as estudantes de escolas privadas.

Apesar de a escola ser, frequentemente, apontada como um espaço importante de socialização, de estabelecimento de apoio social e construção de laços de amizade entre os/as estudantes (Abramovay, 2005; Hong; Espelage, 2012; Trajtenberg; Eisner, 2015), tanto os/as adolescentes das escolas públicas como os/as das instituições privadas, em sua maioria, reportaram ter relações ruins com seus/suas colegas de turma, com percentual maior para as escolas públicas. Nossos dados corroboram evidências encontradas em pesquisa, com estudantes de escolas públicas de 5 capitais brasileiras, que traz a cidade de São Paulo como a que apresenta a maior proporção de avaliações negativas (ruim e péssima) das relações entre os/as estudantes (Abramovay, 2006).

A qualidade das relações estabelecidas na escola, entre elas a dos/as estudantes entre si, é um dos fatores apontado na literatura que podem contribuir para que haja uma melhor ou pior percepção sobre o clima escolar (Abramovay, 2006, Blaya et. al., 2006). Além disso, outras pesquisas apontam que as relações entre pares também estão associadas à vitimização por *bullying*, pois adolescentes com relações mais frágeis com seus/suas colegas podem apresentar o dobro de probabilidade de serem vítimas de *bullying* do que aqueles/as com boas relações (Trajtenberg; Eisner, 2015). Indicando que

as relações conflituosas e a falta de apoio entre pares podem estar associadas a maior probabilidade de vitimização entre pares no ambiente escolar (Hong; Espelage, 2012).

A mesma atenção deve ser dada à qualidade das relações estabelecidas com os/as professores, pois além de ser primordial para o processo de ensino e aprendizagem, quando fortalecidas, podem gerar tanto impactos positivos no desempenho escolar como podem funcionar como fator de proteção para comportamentos de risco e a vitimização de adolescentes (Abramovay, 2005; Hong; Espelage, 2012; Rovis et al., 2015).

A desordem escolar, na pesquisa, foi medida tanto em relação a aspectos relacionados à degradação do ambiente físico, com danos ao patrimônio da escola, como pela presença de violência escolar testemunhada. Estudantes das escolas públicas indicaram alta percepção de desordem e violência nos estabelecimentos educacionais frequentados, e nossos achados estão de acordo com pesquisas nacionais que apontam alto percentual de testemunho da violência escolar, como 68% para a violência escolar (Gomes et al., 2019) e 25% apenas para a violência física no ambiente escolar em uma pesquisa (Abramovay, 2002) e 76% em outra (Cunha, 2021). Pesquisa no Chile também encontrou um alto percentual (61%) de estudantes que frequentam escolas com violência escolar (Tijmes, 2012) e outro estudo internacional indica que o fenômeno tem atingido, anualmente, cerca de 246 milhões de crianças e adolescentes em todo mundo (UNICEF, 2017).

A presença de desordem e violência nas escolas não impacta apenas as vítimas diretas e os/as perpetradores/as, mas sim todo o ambiente escolar (Maddox; Prinz, 2003; Abramovay, 2005; Khoury-Kassabri, 2011). Não são raras as pesquisas que apontam a associação entre o testemunho de violência a agravos à saúde física e mental (Myers et al., 2018; Gaias et al., 2019), absenteísmo e exclusão escolar (UNESCO, 2019) e, nos últimos anos, houve um aumento na produção acadêmica sobre os fatores associados à

violência escolar com especial atenção ao clima escolar (Steffgen et al., 2013), indicando que escolas com climas escolares positivos estão associadas a menores níveis de violência escolar (Benbenishty et al., 2002; Gottfredson et al., 2005; Welsh, 2006; Zaykowski; Attar-Schwartz, 2020; Debarbieux, 2012; Zaykowski, Gunter, 2012; Vinha et al., 2016; Mucherah et al., 2018).

Em relação à legitimidade escolar, a maioria da amostra atribuiu baixa legitimidade à escola, sendo que os/as estudantes das escolas públicas tiveram percepção pior sobre a legitimidade, indicando que a relação com as regras estabelecidas e a percepção sobre a equidade no tratamento, nestas escolas, necessitam de atenção especial. Nossos dados diferem dos encontrados por Gomes et al. (2019), com uma amostra de adolescente residentes na cidade de São Paulo, que encontraram que a maioria dos/as estudantes relataram altos níveis de legitimação da escola.

Pesquisas que exploram o impacto da legitimidade escolar indicam que a baixa legitimidade escolar está associada ao aumento da desordem escolar (Brasof; Peterson, 2018), ao cinismo em relação às regras (Medina; Rodrigues, 2018) e à perpetração do *bullying* e da violência (Trantenberg; Eisner, 2015). Em contraponto, altos níveis de legitimidade se relacionam a melhores indicadores de confiança nos/as professores/as, bem-estar dos/as estudantes, menor incidência de *bullying* (Gouveia-Pereira, 2016), menor envolvimento em comportamentos delinquentes (Zaykowski, Gunter, 2012) e, conseqüentemente, menores níveis de vitimização (Gottfredson et al., 2005; Henrich, 2005; Wilson, 2004).

Na associação entre clima escolar, vitimização e polivitimização por violência verificamos que o clima escolar teve efeito protetivo para as vitimizações por violência consideradas na pesquisa (direita e indireta) assim como para a polivitimização, tanto nos modelos brutos quanto nos modelos ajustados. Sendo possível evidenciar que o clima

escolar bom apresenta um efeito protetor maior do que o clima escolar intermediário para todas as vitimizações estudadas.

Na pesquisa, o clima escolar bom reduziu a chance de vitimização, após ajuste, em mais de 60% para a polivitimização (83%), para a alta exposição à violência comunitária (74%), para o *bullying* (71%) e para práticas disciplinares violentas (65%), indicando que a escola pode atenuar a vitimização por violência, inclusive para aquelas que acontecem fora do ambiente escolar.

Nos últimos anos, tem crescido a produção acadêmica sobre a associação entre o clima escolar e suas dimensões e a violência escolar (Benbenishty et al., 2002; Gottfredson et al., 2005; Welsh, 2006; Zaykowski; Attar-Schwartz, 2020; Debarbieux, 2012; Zaykowski, Gunter, 2012; Mucherah et al., 2018), principalmente, em relação a seu efeito protetivo para o *bullying* (Gregory et al., 2010; Moratto-Vásquez et al., 2017), mas poucas são as pesquisas que investigaram seus efeitos protetivos também para a vitimização e polivitimização por violência fora da escola (Ozer; Weinstein; 2004; Gaias et al., 2019; Starkey et al., 2019; Pierre et al., 2020).

Os resultados que encontramos, além de trazer contribuições para a compreensão do clima como fator de proteção para violências extraescolares, corroboram outras pesquisas que indicam o efeito protetivo que o clima escolar e suas dimensões podem exercer em relação à vitimização por violência contra os/as estudantes. Por exemplo, o vínculo escolar positivo (medido pelas dimensões satisfação com a escola, relação com os/as professores, suporte docente e justiça e equidade das regras) protegeu os/as estudantes em relação à vitimização por agressão física (Wilson, 2004).

O clima escolar também apresentou efeito protetivo, no ambiente escolar, especificamente, para o assédio sexual (Attar-Schwartz, 2020) e para vitimização violenta grave (agressão física e violência com armas), mas, curiosamente, não para a vitimização

menor (*bullying* e ameaças de violência) (Zaykowski, Gunter, 2012), ao contrário de outro estudo que apontou que o clima escolar positivo estava associado a níveis menores de vitimização entre pares, incluindo o *bullying*, mas apenas para estudantes do sexo feminino (Benbenishty et al., 2002) e outros que indicam seu efeito protetor para a vitimização por *bullying* para meninos e meninas (Moratto-Vásquez, 2017; Mucherah et al., 2018).

Quando analisadas, separadamente, algumas dimensões do clima escolar também foram associadas à baixa vitimização por violência escolar, como o tratamento respeitoso dado ao/à estudante e o planejamento escolar (Welsh, 2006), assim como as relações entre pares e dos/as professores/as com os/as estudantes (Galand et al., 2004). Especificamente, sobre a dimensão do clima de justiça e equidade, várias pesquisas consideraram esta dimensão em sua composição do clima escolar e apontaram sua associação com a redução dos níveis de vitimização, entre os quais o *bullying* (Gottfredson et al., 2005; Welsh, 2006; Gregory et al, 2010).

Dada à falta de padronização das dimensões que compõem o clima escolar nas pesquisas acadêmicas, analisar os possíveis efeitos que cada componente do constructo pode ter em relação à vitimização por violência parece ser uma caminho interessante para a compreensão de quais deles apresentam efeitos significativos e podem ser considerados em programas de prevenção da violência, por exemplo.

Outro conjunto de estudos também apontou as vantagens de um bom clima escolar para as crianças e adolescentes vítimas de violência por meio do seu efeito moderador em relação aos agravos à saúde mental das vítimas, podendo o clima escolar positivo diminuir os efeitos de comportamentos externalizantes e aumentar a competência de desenvolvimento (engajamento educacional, orientação para metas, esperança, aspirações educacionais) em estudantes vítimas de violência comunitária (Gaias et al,

2019). Em contextos em que os/as adolescentes são vítimas de violência comunitária, o clima escolar positivo também apresentou efeito protetivo em relação ao desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão e ansiedade (Ozer; Weinstein; 2004; Starkey et al., 2019; Pierre et al., 2020), e à vitimização entre pares (Starkey et al., 2019).

Pesquisas que tenham como foco os fatores de proteção para a vitimização por violência são de extrema importância para que possam ser traçadas estratégias de intervenção e prevenção que envolvam crianças e adolescentes vitimizados/as. Além disso, considerar que há diferentes tipos de vitimizações que podem afetar as crianças e adolescentes, de maneira simultânea ou cumulativa, é de fundamental importância para que as polivítimas possam ser detectadas, as medidas cabíveis para pôr fim às violências sejam tomadas e as medidas necessárias para oferecer suporte às vítimas sejam acionadas.

A escola, enquanto instituição educativa e socializadora, pode exercer um papel fundamental na prevenção de casos de violência, não apenas os que acontecem dentro do ambiente escolar, mas também os que vitimizam crianças e adolescentes em outros espaços. Na nossa pesquisa, escolas com bom clima escolar podem ser caracterizadas como aquelas em que os/as estudantes demonstram comprometimento escolar, se sentem pertencentes à escola e vislumbram os benefícios da aprendizagem, sentem poucas dificuldades escolares, têm uma boa relação com os/as professores/as e se sentem apoiados/as por eles/as, demonstram boa relação com os/as colegas, percebem que o ambiente é seguro, pois a desordem e a violência escolar são baixas, além de legitimarem o ambiente escolar em relação à justiça e equidade na aplicação das normas e regras de convivência escolar.

Ao experimentar ambientes protetivos e acolhedores, é possível que não apenas os efeitos negativos associados à vitimização por violência sejam atenuados como também

os/as adolescentes possam desenvolver habilidades socioemocionais para fazer frente à exposição à violência, buscando apoio escolar e sendo encaminhados/as a serviços especializados, diminuindo, conseqüentemente, a ocorrência dos episódios de violência (Pierre et al., 2020; Ozer; Weistein, 2004).

Vimos que uma das principais características da polivitimização é fato de as crianças e adolescentes estarem expostos à vitimização por violência em diferentes ambientes por diferentes pessoas e não se sentirem seguros para buscar o apoio necessário (Finkelhor, et al., 2005, 2007, 2009). É possível que escolas com clima escolar positivo consigam estabelecer relações de confiança com os/as adolescentes por meio de adultos/as que não só estejam atentos/as aos possíveis sinais de vitimização, mas que também estejam disponíveis para escutá-los/as, sendo possível compartilhar as situações de violência vividas. Estudantes que podem contar com uma rede de apoio entre pares e de professores/as, possuem maior probabilidade de compartilhar as vitimizações a que estão expostos/as (Ozer; Weinstein; 2004) e de serem encaminhados à rede de cuidados e proteção necessária, antes de que a polivitimização se instale. O estabelecimento de redes de apoio social aparece, na literatura científica, como um importante recurso de proteção contra a vitimização por violência de crianças e adolescentes (Polleto; Koller, 2008).

Além disso, pesquisas indicam que, em geral, a violência entre pares, com agressões físicas e práticas de *bullying*, muito comum entre adolescentes, tem frequência maior nos espaços escolares (Abramovay, 2006; Hong; Espelage, 2012; Bradshaw, 2013). No nosso estudo, o *bullying* apresentou a segunda maior prevalência entre os/as estudantes, portanto, é de se esperar que escolas com um bom clima escolar estejam associadas a menor ocorrência de violência escolar (Welsh, 2006; Khoury-Kassabri,

2011), contribuindo para a proteção dos/as estudantes e, conseqüentemente, para que não sejam expostos/as à polivitimização.

Durante a adolescência, o envolvimento em comportamentos de risco (uso de álcool e outras drogas, cinismo em relação às regras, comportamentos delinquentes, entre outros) e o aumento da circulação urbana podem favorecer que os/as adolescentes estejam mais expostos/as às violências graves (violência sexual, violência física com ou sem arma, roubo com violência física) e a testemunhar violência na comunidade (Peres et al., 2018; Gaias et al., 2019). É possível que adolescentes pertencentes a escolas com climas escolares positivos possuam alto envolvimento escolar, estabeleçam relações saudáveis com seus/suas colegas e professores/as, tenham motivação acadêmica e, por isso, estejam menos associados/as a comportamentos de risco e delinquentes (Grover; Limber, 2015), contribuindo para que a vitimização por violência grave e comunitária seja atenuada.

Conforme vimos, o clima escolar positivo tem se mostrado como um fator de proteção que merece atenção especial, visto que não apenas está associado à aprendizagem dos/as estudantes, mas também à diminuição da violência escolar e, como vimos na presente pesquisa, à vitimização por violência em outros ambientes. Além disso, como a adolescência se configura como um momento crítico do desenvolvimento, em que os/as jovens podem estar mais expostos/as à violência e demonstrarem menos interesse pela escola, investir na melhoria do clima escolar, e na compreensão de como seus componentes operam, pode se apresentar como uma alternativa viável para diminuir a vitimização por violência contra adolescentes.

7. Considerações Finais

A violência contra crianças e adolescentes atingiu, atualmente, níveis endêmicos no mundo todo, mas, em países com altos níveis de desigualdade social e econômica, sua prevalência atinge níveis extremamente preocupantes (Waiselfisz, 2015; Hillis et al., 2016).

Há um conjunto de pesquisas internacionais que vêm investigando as múltiplas violências que vitimizam crianças e adolescentes, revelando que a polivitimização é um evento crônico que atinge crianças e adolescentes de todos os países (Finkelhor, 2005, 2007; Cyr et al., 2012; Ford; Delker, 2018). Poucas pesquisas brasileiras têm posto ênfase na prevalência da polivitimização (Faria, 2015; Said; Júnior, 2018; Azeredo et al., 2019; De Oliveira Ramos et al., 2021), mas as que o fizeram, apesar dos limites metodológicos, apontam índices que variam conforme a localidade, o que demonstra a importância de que mais pesquisas que considerem a prevalência da polivitimização sejam realizadas. Nossos resultados apresentam prevalências maiores do que a de outros estudos internacionais e, apesar da variedade cultural e socioeconômica que deve ser levada em consideração, os altos índices indicam a necessidade de que medidas urgentes sejam traçadas para fazer frente ao fenômeno.

Na literatura científica, encontramos evidências entre a associação da vitimização por violência e agravos à saúde física e mental de crianças e adolescentes, além dos riscos relacionados ao comprometimento das relações interpessoais, déficits de aprendizagem, absenteísmo e evasão escolar (Orpinas et al., 1995; O'Keefe, 1997; Lynch, 2003; Wright, 2006; Herrenkohl et al., 2007; Brown et al., 2009; Fowler et al., 2009; Apter et al., 2010; Sternthal et al., 2010; UNESCO, 2019; Loch et al., 2020).

Estes achados reforçam a importância de que, além de investigar os fatores de risco para a vitimização, seja dada ênfase também aos fatores de proteção a fim de

amenizar os efeitos da violência nas vítimas e estruturar melhor os programas de intervenção e prevenção.

Vários organismos internacionais têm enfatizado a importância do ambiente escolar para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, sobretudo, como local privilegiado para a prevenção de comportamentos de risco, entre os quais destaca-se ser vítima de violência. A iniciativa INSPIRE (OMS, 2018) destaca a potencialidade do ambiente escolar e da construção de habilidades para a vida na diminuição da violência por meio do aumento da frequência escolar e do sucesso acadêmico, do empoderamento de meninas e meninos para reconhecer e enfrentar a violência provocada por parceiros/as íntimos/as, do impacto na redução no número de casamentos infantis, na redução de ocorrências de violência sexual, da redução da violência entre parceiros/as íntimos/as, na redução relacionada à prática do *bullying*, de comportamento agressivo e no uso e abuso de substâncias psicoativas. As análises apresentadas pela presente pesquisa corroboram a hipótese de que a escola, em especial o clima escolar, pode ser um relevante fator de proteção em relação às diferentes formas de vitimização por violência que atingem os/as adolescentes, principalmente, relacionado à polivitimização. Ao vivenciarem ambientes acolhedores e seguros, é possível que os/as adolescentes possam contar uma rede de apoio social ampliada que consiga identificar as situações de vitimização por violência e oferecer o apoio necessário, assim como os/as adolescentes também podem desenvolver habilidades que os/as permitam não apenas buscar o apoio necessário para cessar as vitimizações como proporcione que estejam menos expostos/as às situações de violência.

Até o ponto que investigamos, não encontramos pesquisas brasileiras que exploraram a associação entre o clima escolar e as diferentes formas de vitimização contra adolescentes fora do ambiente escolar. Nossos resultados são consistentes e corroboram outras pesquisas internacionais que exploraram o clima escolar enquanto fator de

proteção contra violência, contribuindo, desta forma, com o adensamento da literatura acadêmica sobre o tema.

São necessárias pesquisas complementares para que possamos compreender melhor o fenômeno da polivitimização, tanto em relação à sua prevalência na população infanto-juvenil como em relação as interações das diferentes formas de vitimização por violência e sua associação com os agravos à saúde física, à saúde mental e ao desenvolvimento psicossocial. Além disso, pesquisas futuras poderiam buscar compreender como cada dimensão do clima escolar pode estar associada à vitimização e à polivitimização de adolescentes para que a compreensão dos possíveis efeitos protetivos do clima escolar seja adensada e se torne possível lançar mão de estratégias protetivas mais eficazes.

8. Limitações

Os resultados da nossa pesquisa devem ser interpretados considerando algumas limitações. O SP-PROSO é uma pesquisa de corte transversal, portanto, não é possível apresentar evidências sobre a sequência temporal entre a exposição (clima escolar) e o desfecho (vitimização e polivitimização por violência). Em relação à amostra, não possuímos informações sobre as escolas que se recusaram ou não responderam ao contato e, portanto, não participaram do estudo, não sendo possível avaliar quais seriam os efeitos dessas recusas nos nossos resultados. Apesar de a amostra ter sido composta por estudantes matriculados e a taxa de matrícula em 2017, no Brasil, ser de 99,2% para o ensino fundamental, segundo dados do Censo 2018, o país padece de altos níveis de absenteísmo escolar. Dados do PISA (2018) indicaram uma taxa de 50% de absenteísmo escolar nos 15 dias anteriores à pesquisa, média muito superior a de outros países participantes (21%). Diversos fatores estão relacionados ao absenteísmo escolar, dentre os quais destacam-se a vitimização por violência e a falta de motivação escolar (IBGE, 2021; UNESCO, 2019; UNICEF, 2017). Por isso, é possível que estudantes ausentes estejam entre aqueles que são vítimas de violência e as prevalências apresentadas possam ser subestimadas. Além disso, pode-se supor ainda que estudantes faltantes possuem menor vínculo com a escola e, conseqüentemente, podem ter uma percepção negativa sobre o clima escolar. Por isso, não esperamos que este viés de seleção possa ter afetado a direção e magnitude da associação entre clima escolar (exposição) e vitimização e polivitimização por violência (desfecho).

9. Referências bibliográficas

- Abramovay M (org). *Escola e violência*. Brasília: UNESCO. 2002.
- Abramovay M. *Cotidiano das escolas: entre violências*. UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2006.
- Aguiar BF, Rozin L, Tonin L. Caracterização da violência contra a criança e adolescente no Estado do Paraná. *Revista Baiana de Saúde Pública*. 2019; 3(1):180-193.
- Alsaker FD. *Mutig gegen mobbing in Kindergarten und Schule*. Huber Verlag. 2012
- Apter et al. Exposure to Community Violence is Associated with Asthma Hospitalizations and ED Visits. *Journal of Allergy and Clinical Immunology*. 2010; 126(3):552-7.
- Aquino EVO, Ataíde BDG, Lima BMY, Machado HCP, Faria MRGV. Fatores socioeconômicos e saúde de crianças em contexto de violência. *Aletheia*. 2021; 54(1):96-104.
- Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. 2004;16(1):43–51.
- Assis SG, Constantitno P, Avanci JQ (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ; 2010.
- Attar-Schwartz S. Peer Sexual Harassment Victimization at School: The Roles of Student adolescent males. *School Mental Health*. 2020. Doi: 10.1007/s12310-020-09359-w
- Azeredo LA, Viola TW, Rothmann LM, Trentin R, Arteche AX, Kristensen CH et al. Hair cortisol levels and mental health problems in children and adolescents exposed to victimization. *Stress*. 2019. DOI: 10.1080/10253890.2019.1690448
- Azevedo MA, Guerra VA. *A violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe Editorial; 1995.
- Benbenishty R, Astor RA, Zeira A, Vinokur AD. Perceptions of violence and fear of

school attendance among junior high school students in Israel. *Social Work Research*. 2002; 26(2):71-87.

Barreira AK, Lima MLC, Avanci JQ. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2013; 18(1):233-43.

Benetti SPC, Gama C, Vitolo M, Silva MB, D'Ávila A, Zavaschi ML. Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência. *PSICO*. 2006; 37(3):279-286.

Beserra MA, Carlos DM, Leitão MNC, Ferriani MGC. Prevalencia de violência na escola e uso de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. 2019; 27:1-13.

Bottoms A, Tankebe J. Beyond Procedural Justice: A Dialogic Approach to Legitimacy and Criminal Justice. *Journal of Criminal Law and Criminology*. 2013; 102(1):119-170.

Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069/90. 1990.

Brasof M, Peterson K. Creating procedural justice and legitimate authority within school discipline systems through youth court. *Psychology in the Schools*. 2018; 55(7):1-17. doi: 10.1002/pits.22137

Brown DW. Exposure to physical and sexual violence and adverse health behaviors in African children: results from the Global School-based Student Health Survey. *Bulletin of the World Health Organization*. 2009; 87:447-455.

Canguçu KLA. Estudos da associação entre clima escolar e o desempenho médio de alunos do 5º ano do ensino fundamental. Belo Horizonte. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade Federal de Minas Gerais. 2015.

Cardia N. Os impactos da exposição à violência: aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo. Trabalho apresentado no encontro CULTURE, CITIZENSHIP AND URBAN VIOLENCE. Cuernavaca, México, 1999.

Cunha JM, Thomas KJ, Sukhawathanakul P, Santo JB, Leadbeater B. Socially responsible children: A link between school climate and aggression and victimization. *International Journal of Behavioral Development*. 2021; 1-9.

Cyr K, Chamberland C, Lessard G, Clément MÈ, Wemmers JA, Collin-Vézina D, Gagné, MH, Damant, D. Polyvictimization in a child welfare sample of children and youths. *Psychology of Violence*. 2012; 2(4):385–400.

Dahlberg, L et al. *Measuring violence-related attitudes, behaviors, and influences among youths: A compendium of assessment tools*. Centers for disease control and prevention. 2005.

de Moura DR, Cruz AC, Quevedo LA. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. *J Pediatr (Rio J)*. 2011;87(1):19-23.

De Oliveira Ramos D, Goes EF, Ferreira AJF. Intersection of race and gender in self-reports of violent. Experiences and polyvictimization by young girls in Brazil. *Journal of Racial and Ethnic Health Disparities*. 2021, 1-11.

Debarbieux E, Anton N, Astor RA, Benbenishty R, Bisson-Vaivre C, Cohen J, Giordan A, Hugonnier B, Neulat N, Ortega Ruiz R, Saltet J, Veltcheff C, Vrand R. *Le « Climat scolaire » : définition, effets et conditions d'amélioration*. Rapport au Comité scientifique de la Direction de l'enseignement scolaire, Ministère de l'éducation nationale. MEN-DGESCO/Observatoire International de la Violence à l'École. 2012, 25 pages.

Devries K, Merrill KG, Knight L, Bott S, Guedes A, Butron-Riveros B, et al. Violence against children in Latin America and the Caribbean: What do available data reveal about

prevalence and perpetrators? *Revista Panamericana Salud Publica*. 2019;43:e66.
<https://doi.org/10.26633/RPSP.2019.66>

Fagan J, Tyler TR. Legal Socialization of Children and Adolescents. *Social Justice Research*.2005;18(3):217-242. doi: 10.1007/s11211-005-6823-3

Faleiros JM, Matias ASA, Bazon MR. Violência contra crianças na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil: a prevalência dos maus-tratos calculada com base em informações do setor educacional. *Cadernos de Saúde Pública*. 2009; 25(2):337-348.

Finkelhor D, Ormrod RK, Tuner HA. Lifetime assessment of poly-victimization in a national sample of children and youth. *Child Abuse & Neglect*. 2009; 33:403-11.
Doi:10.1016/j.chiabu.2008.09.012

Finkelhor D, Ormrod RK, Tuner HA. The Victimization of children and youth: A comprehensive, National Survey. *Child Maltreatment*. 2005;10(1):5-25.

Finkelhor D, Ormrod RK, Turner HA. Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect*. 2007; 31:7–26.
doi:10.1016/j.chiabu.2006.06.008

Finkelhor D, Turner HA, Hamby SL, Ormrod, RK. Poly-victimization: Children's exposure of multiple types of violence, crime, and abuse. *Juvenile Justice Bulletin*. 2011; 1-12.

Ford JD, Delker BC. Polyvictimization in childhood and its adverse impacts across the lifespan: Introduction to the special issue. *Journal of Trauma & Dissociation*. 2018; 19(3): 275-288. Doi:10.1080/15299732.2018.1440479

Fowler T. Community violence: A meta-analysis on the effect of exposure and mental health outcomes of children and adolescents. *Development and Psychopathology*. 2009; 21:227–259.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: UNICEF. 2021.

Gaias LM, Johnson SL, White RMB, Pettigrew J, Dumka L. Positive School Climate as a Moderator of Violence Exposure for Colombian Adolescents. *American Journal of Community Psychology*. 2019; 63(1/2):17-31. Doi 10.1002/ajcp.12300.

Galand B, Philippot P, Petit S, Born M, Buidin G. Regards croisés sur les phénomènes de violence en milieu scolaire : élèves et équipes éducatives. *Revue des sciences de l'éducation*. 2004; 30(3):465-86. DOI: 10.7202/012078ar

Garbarino J, Eckenrode J. *Porque las familias abusan de sus hijos*. Barcelona, España: Granica; 1999.

Gilbert R, Widom CS, Browne K, Fergusson D, Webb E, Janson S. Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *Lancet*. 2009; 373:68-81. Doi: 10.1016/S0140-6736(09)60546-8.

Gomes AMM, Piccirillo D, Oliveira RT. Violência na escola e no bairro: o impacto da vitimização na autoridade dos professores e nos comportamentos de quebra de regras de adolescentes. *Revista Brasileira de Segurança Pública*. 2019; 13(2):158-71.

Gottfredson GD, Gottfredson DC, Payne AA, Gottfredson NC. School Climate predictors of school disorder: Results from a national study of delinquency prevention in schools. *Journal of Research in Crime and Delinquency*. 2005; 42(4):412-444. Doi: 10.1177/0022427804271931.

Gouveia-Pereira M, Vala J, Correia S. Teachers' legitimacy: Effects of justice perception and social comparison processes. *The British Journal of Educational Psychology*. 2017; 87(1):1-15. Doi: 10.1111/bjep.12131.

Granville-Garcia AF, Souza MGC, Menezes VA, Barbosa, RG, Cavalcanti AL. Conhecimentos e percepção de professores sobre maus-tratos em crianças e adolescentes. *Saúde e Sociedade*. 2009; 18(1):131-140.

Grasso DJ, Dierkhising CB, Branson CE, Ford JD, Lee, R. Developmental patterns of adverse childhood experiences and current symptoms and impairment in youth referred for trauma-specific services. *Journal of Abnormal Child Psychology*. 2016; 44(5):871-86. Doi:[10.1007/s10802-015-0086-8](https://doi.org/10.1007/s10802-015-0086-8).

Gregory A, Cornell D, Fan X, Sheras P, Shih TS, Huang F. Authoritative school discipline: High school practices associated with lower bullying and victimization. *Journal of Educational Psychology*. 2010; 102(2):483-96.

Haahr-Pedersen I, Ershadi A, Hyland P, Hansen M, Perera C, Sheaf G, Bramsen RH, Spitz P, Vallières F. Polyvictimization and psychopathology among children and adolescents: A systematic review of studies using the Juvenile Victimization Questionnaire. *Child Abuse & Neglect*. 2020; 107. Doi: [10.1016/j.chiabu.2020.104589](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104589)

Han L, You D, Gao X, Duan S, Hu G, Wang H, Liu S, Zeng F. Unintentional injuries and violence among adolescents aged 12–15 years in 68 low-income and middle-income countries: a secondary analysis of data from the Global School-Based Student Health Survey. *The Lancet Child & Adolescent Health*. 2019; 3(9):616-26.

Hecker T, Hermenau K, Isele D, Elbert T. Corporal punishment and children's externalizing problems: A cross-sectional study of Tanzanian primary school aged children. *Child Abuse & Neglect*. 2014; 38:884-92.

Henrich CC, Brookmeyer KA, Shahar G. Weapon violence in adolescence: Parent and school connectedness as protective factors. *Journal of Adolescent Health*. 2005; 37:306-12.

- Herrenkohl et al. Risk factors for violence and relational aggression in adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*. 2007, 22:386-405.
- Hillis S., Mercy J, Amobi A, et al. Global Prevalence of Past-year Violence Against Children: A Systematic Review and Minimum Estimates. *Pediatrics*. 2016; 137(3).
- Hong JS, Espelage DL. A review of research on bullying and peer victimization in school: An ecological system analysis. *Aggression and Violent Behavior*. 2012; 17:311-22.
- Indias S, Arruabarrena I, De Paul J. Child maltreatment, sexual and peer victimization experiences among adolescents in residential care. *Children and Youth Services Review*. 2019; 100:267–273.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.
- Instituto Sou da Paz. Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial. 2021
- Janosz M, Georges P, Parent S. L'environnement socioéducatif à l'école secondaire : un modèle théorique pour guider l'évaluation du milieu. *Revue Canadienne de Psycho-education*. 1998; 27(2):285-306.
- Khoury-Kassabri M. Student victimization by peers in elementary schools: Individual, teacher-class, and school-level predictors. *Child Abuse & Neglect*. 2011; 35:273-82
- Krug EG et al. The world report on violence and health. *The Lancet*. 2002, 360 (9339):1083-1088.
- Lewno-Dumdie BM, Mason BA, Hajovsky DB, Villeneuve EF. *School Mental Health*. 2022; 12(1):1-21.
- Loch AP, Astolfi RC, Leite MA, Papa CHG, Ryngelblum M, Eisner M, Peres MFT. Victims, bullies and bully–victims: prevalence and association with negative health

outcomes from a cross-sectional study in São Paulo, Brazil. *International Journal of Public Health*. 2020.

Lynch M. Consequences of Children's Exposure to Community Violence. *Clinical Child and Family Psychology Review*. 2003; 6(4):265-74.

Maddox SJ, Prinz R. School bonding in children and adolescents: conceptualization, assessment, and associated variables. *Clinical Child and Family Psychology Review*. 2003; 6(1):31-49.

Malta, DC et al. Factors associated with injuries in adolescents, from the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2014; 17:183-202.

Medina JC, Rodrigues H. The Effects of Victimization and Fear of Crime on the Legal Socialization of Young Adolescents in São Paulo, Brazil. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. 2018; 1-27. DOI: 10.1177/0306624X18818810

Mengtong C, Ling CK. Parental absence, child victimization, and psychological well-being in rural China. *Child Abuse & Neglect*. 2016; 59:45-54.

Minayo MCS. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: Sousa ER (org). *Curso impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007, 24-35.

Moratto-Vásquez NS, Cárdenas-Zuluaga N, Berbesí-Fernández DY. Clima escolar y funcionalidad familiar como factores asociados a la intimidación escolar en Antioquia, Colombia. *Pensamiento Psicológico*. 2017; 15(1):63-72.

Moreira ICM, Sousa SMG. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. *O Social em Questão*. 2012; 28:13-26.

Moro A. A construção e as evidências de validade de instrumentos de medida para avaliar o clima escolar. Campinas. Tese [Doutorado em Educação]. Universidade Estadual de Campinas. 2018.

Mota RS, Gomes NP, Estrela FM, Silva MA, Santana JD, Campos LM, et al. Prevalence and factors associated with experience of intrafamilial violence by teenagers in school. *Revista Brasileira de Enfermagem* [Internet]. 2018;71(3):1022-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0546>

Moura ATMS, Reichenheim ME. Estamos realmente detectando violência familiar contra a criança em serviços de saúde? A experiência de um serviço público do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2005; 21(4):1124-33.

Mucherah W, Finch H, White T, Thomas K. The relationship of school climate, teacher defending and friends on students' perceptions of bullying in high school. *Journal of Adolescence*. 2018; 62:128-39.

Njaine K, Minayo MCS. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção, *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*. 2003; 7(13):119-34.

Okeefe M. Adolescents' exposure to community and school violence: prevalence and behavioral correlates. *Journal of Adolescent Health*. 1997; 20:368-76.

Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associação entre prática de *bullying* e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores. *Jornal de Pediatria (RJ)*. 2016; 92(1):32-39.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília: UNESCO, 2019.

Organização das Nações Unidas (ONU). *Estudo Global das Nações Unidas sobre a violência contra as crianças*. 2006.

Organização Mundial da Saúde (OMS) et al. *INSPIRE -Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças*. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência; 2018.

Orpinas PK et al. The co-morbidity of violence-related behaviors with health-risk behaviors in a population of high school students. *Journal of Adolescent Health*. 1995; 16:216-225.

Ozer EJ, Weinstein RS. Urban adolescents' exposure to community violence: The role of support, school safety, and social constraints in a school-based sample of boys and girls. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*. 2004; 33(3):463-76.

Palermo T et al. Risk factors for childhood violence and polyvictimization: A cross-country analysis from three regions. *Child Abuse & Neglect*. 2019, 88:348–361.

Patias ND, Dell’Aglío DD. Prevalência de exposição à violência direta e indireta: Um estudo com adolescentes de escolas públicas. *Acta Colombiana de Psicología*. 2017; 20(1):90-100. DOI: 10.14718/ACP.2017.20.1.6

Patton DU, Woolley ME, Hong JS. Exposure to violence, student fear, and low academic achievement: African American males in the critical transition to high school. *Children and Youth Services Review*. 2012; 34:388-95.

Pereda N, Guilera G, Abad J. Victimization and polyvictimization of Spanish children and youth: Results from a community sample. *Child Abuse & Neglect*. 2014; 38:640-49.

Peres, MFT et al. Violência, bullying e repercussões na saúde: resultados do Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO). Departamento de Medicina Preventiva/FMUSP. 2018, 156 p.

Pierre CL, Burnside A, Gaylord-Harden NK. A longitudinal examination of community violence exposure, school belongingness, and mental health among african-american adolescent males. *School Mental Health*. 2020.

Pigozi PL, Machado AL, Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2015; 20(11):3509-22.

Pinto LW, Assis SG. Violência familiar e comunitária em escolares do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2013; 16(2):288-300.

Poletto M, Koller SH. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*. 2008; 225(3):405-16.

Ralo JM, Schor N, Tavares CM, Silva V. Prevalence of Family Violence and Associated Factors Among In-School Adolescents in São Paulo, SP, Brazil. *Journal of Interpersonal Violence*. 2015; 1-16. DOI: 10.1177/0886260515569059

Ramos MLCO, Silva AL. Estudo sobre a violência doméstica contra a criança em unidades básicas de saúde do município de São Paulo - Brasil. *Saúde e Sociedade*. 2011; 20(1):136-146.

Ristum M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. *Temas em Psicologia*. 2010; 18(1):231-242.

Rodrigues H, Gomes AMM, Oliveira RT, Piccirillo D, Brito RC. Socialização legal de crianças e adolescentes: revisão da literatura e desafios de pesquisa. *PLURAL, Revista do Programa de Pos-Graduacao em Sociologia da USP*. 2017; 24(1):105-23.

Rovis D, Bezninovic P, Basic J. Interactions of school bonding, disturbed family relationships, and risk behaviors among adolescents. *Journal of School Health*. 2015; 85(10):671-79.

Salgado FS, Bazon MR, Komatsu AV. Maus-tratos entre adolescentes do sexo feminino no ensino público e privado. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*. 2017; 10(2):250-263.

Said AP, Júnior ALC. Polivitimização de meninos vitimizados sexualmente: uma análise documental a partir de fichas de notificação. *Contextos Clínicos*. 2018; 11(1):26-36. Doi: 10.4013/ctc.2018.111.03

Scharaiber LB, D'Oliveira AF, Couto MT. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. *Caderno de Saúde Pública*. 2009; 25 Supl 2:205–216.

Segura A, Pereda N, Abad J, Guilera G. Victimization and polyvictimization among Spanish youth protected by the child welfare system. *Children and Youth Services Review*. 2015. 59:105-12. Doi:10.1016/j.childyouth.2015.10.011

Shelton KK, Frick PJ, Wootton J. Assessment of parenting practices in families of elementary school-age children. *Journal of Clinical Child Psychology*. 1996; 25:317-329.

Silva EHB, Sousa YLG, Negreiros F, Freire SEA. Clima escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.* 2021; 13(1):83-97.

Silva SR, Assis SG. A prevenção à violência em programas interdisciplinares que atuam em escolas brasileiras e portuguesas. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018, 23(9):2899-2908.

Šmigelskas, K et al. Factor against Fighting and Bullying in School Children. *Int. J. Environ. Res. Public Health*. 2018;15, 870.

Starkey L, Aber JL, Crossman A. Risk or resource: Does school climate moderate the influence of community violence on children's social-emotional development in the Democratic Republic of Congo? *Developmental Science*. 2019; 1-16.

Steffgen G, Recchia S, Viechtbauer W. The link between school climate and violence in school: A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*. 2013; 18:300-09. Doi: 10.1016/j.avb.2012.12.001

Sternthal M, Jun HJ, Earls F, Wright RJ. Community violence and urban childhood asthma: a multilevel analysis. *European Respiratory Journal*. 2010; 36:1400–09.

teacher-class, and school-level predictors. *Child Abuse & Neglect*. 2011;35:273-282. doi:10.1016/j.chiabu.2011.01.004

Tijmes C. Violencia y clima escolar en establecimientos educacionales en contextos de alta vulnerabilidad social de Santiago de Chile. *PSYKHE*. 2012; 21(2):105-17.

Trajtenberg N, Eisner M. *Towards a more Effective Violence Prevention Policy in Uruguay*. Cambridge: University of Cambridge; 2015.

Trinkner R, Cohn E. Putting the “social” back in legal socialization: procedural justice, legitimacy, and cynicism in legal and nonlegal authorities. *Law and Human Behavior*. 2014; 38(6): 602–17. Doi: 10.1037/lhb0000107

Turner HA, Shattuck A, Finkelhor D, Hamby S. Polyvictimization and Youth Violence Exposure Across Contexts. *Journal of Adolescent Health*. 2016; 58:208-14.

United Nations Children’s Fund (UNICEF). *A Familiar Face: Violence in the lives of children and adolescents*. UNICEF, New York. 2017.

Vagostello L, Oliveira AS, Silva AM, Donofrio V, Moreno TCM. Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de São Paulo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 2003, 13(26):191-196.

Vinha TP, Morais A, Tognetta LRP, Azzi RG, Aragão AMF, Marques CAE et al. O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas. *Estudo Avaliação e Educação*. 2016; 27(64):96-127.

Vinha TP, Tognetta LRP, Azzi RG, Moro A, Aragão AMF, Morais A. O clima escolar na perspectiva dos alunos de escolas públicas. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. 2018; 15(40):163-186.

Viodres Inoue SR, Ristum M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2008, 25(1):11-21.

Waiselfisz JJ. *Violência letal contra as crianças e adolescentes do Brasil*. Relatório de pesquisa – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), Brasil; 2015.

Welsh WN. Effects of student and school factors on five measures of school disorder. *Justice Quarterly*. 2001; 18(4):911-47.

Wetzels P, Enzmann D, Mecklenburg E, Pfeiffer C. *Jugend und Gewalt. Eine repräsentative Dunkelfeldanalyse in München und acht anderen deutschen Städten*. Baden Baden: Nomos; 2001.

Wilmers N, Enzmann D, Schaefer D, Herbers K, Greve W, Wetzels P. *Jugendliche in Deutschland zur Jahrtausendwende: Gefährlich oder gefährdet? Ergebnisse wiederholter, repräsentativer Dunkelfelduntersuchungen zu Gewalt und Kriminalität im Leben junger Menschen 1998-2000*. Baden Baden: Nomos 2002.

Wilson D. The Interface of School Climate and School Connectedness and Relationships with Aggression and Victimization. *Journal of School Health*. 2004; 74(7):293-99.

Wong CF, Clark LF, Marlotte L. The impact of specific and complex trauma on the mental health of homeless youth. *Journal of Interpersonal Violence*. 2016; 31(5):831–54. doi:10.1177/0886260514556770

World Health Organization. *Global status report on violence prevention 2014*. Geneva: WHO; 2014.

World Health Organization. *Violence prevention: the evidence*. Geneva: WHO; 2010.

Wright R. Health Effects of Socially Toxic Neighborhoods: The Violence and Urban Asthma Paradigm. *Clin Chest Med.* 2006, 27:413–21.

Ximenes LF, Assis SG, Pires TO, Avanci JQ. Violência Comunitária e Transtorno de Estresse Pós-Traumático em Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica.* 2013; 26(3):443-50.

Zaykowski H, Gunter W. Youth Victimization: School Climate or Deviant Lifestyles? *Journal of Interpersonal Violence.* 2012; 27(3):431–52. Doi:10.177/0886260511421678

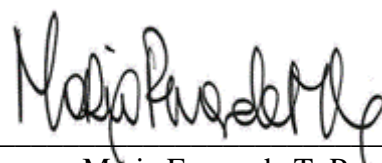
10. Anexos

Anexo 1- Autorização para uso de dados

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Eu, Maria Fernanda Tourinho Peres, professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, autorizo a aluna de pós-graduação Letícia Araújo Moreira da Silva a utilizar o banco de dados coletados no âmbito do projeto "Fatores de risco e proteção para comportamento violento entre adolescentes no Município de São Paulo - Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO)", sob minha coordenação, para o desenvolvimento da sua tese de doutorado e publicações ou outras produções dela advindas. Acrescento que o referido projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da USP (1.719.856/2016) e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (2.014.816).

São Paulo, 26 de outubro de 2020.



Maria Fernanda T. Peres

Professora Doutora

Tel: 3061-7285 | mftperes@usp.br

Departamento de Medicina Preventiva

Anexo 2- Parecer do CEP

USP - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FMUSP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Os desafios e as potencialidades da escola na identificação e prevenção de situações de violência contra adolescentes: uma questão de Saúde Pública

Pesquisador: Maria Fernanda Tourinho Peres

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 97975118.0.0000.0065

Instituição Proponente: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.954.949

Apresentação do Projeto:

Projeto relevante para a Saúde Pública, adequadamente apresentado, escrito de forma clara, bem justificado.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto tem como objetivo investigar os fatores que facilitam e os que dificultam que a escola seja identificada (reconhecida) por estudantes e profissionais das escolas, como uma instituição de identificação e proteção contra a vitimização por violência de adolescentes, tanto em relação aos fatos ocorridos dentro do ambiente escolar como fora dele. O projeto terá um componente quantitativo baseado em dados já coletados do projeto “Fatores de risco e proteção para comportamento violento entre adolescentes no Município de São Paulo - Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes”, aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde -

CONEP (Parecer: 2.014.816) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de

Medicina da USP (CEP/FMUSP) (parecer 1.719.856). O componente qualitativo terá como objetivo investigar quais são as representações e as concepções que adolescentes escolares e os profissionais das escolas têm sobre as situações de violência interpessoal e o papel da escola como instituição de proteção e prevenção. Esse eixo será realizado usando grupos focais de alunos e professores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos descritos adequadamente no projeto e nos termos de consentimento/assentimento apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa altamente relevante, bem delineada, projeto com elevada qualidade metodológica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram realizadas as modificações nos termos sugeridas no parecer anterior (número 2.900.844)

Recomendações:

foram realizadas as modificações sugeridas no parecer anterior (número 2.900.844).

Também foi assinado termo de autorização para uso de dados (que no parecer anterior não continha a assinatura da pesquisadora responsável).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1191145.pdf	26/09/2018 16:57:26		Aceito
Outros	Autorizacaousodedados.pdf	26/09/2018 16:55:41	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEProfessores.doc	20/09/2018 12:32:26	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResponsaveis.doc	20/09/2018 12:32:08	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
Outros	ParecerDepartamentoMedicinaPreventiva.pdf	06/09/2018 15:36:51	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
Outros	Formulario.pdf	06/09/2018 15:31:51	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	06/09/2018 15:24:54	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEEstudantes.docx	07/08/2018 16:53:58	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	07/08/2018 16:50:08	Maria Fernanda Tourinho Peres	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 10 de
Outubro de 2018

Assinado por:
Maria Aparecida
Azevedo Koike
Folgueira
(Coordenador(a))

Endereço: DOUTOR ARNALDO 251 21º andar sala 36
Bairro: PACAEMBU CEP: 01.246-903
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3893-4401 E-mail: cep.fm@usp.br

Anexo3 - Questionário SP-Proso (alunos)

Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes

(sp---proso)

sp---proso

Questionário para estudantes 2017

Caro(a) aluno(a),

Este é um convite para você participar do *Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes*. Com essa pesquisa a gente quer conhecer um pouco mais sobre situações e experiências que os adolescentes vivenciam, como se relacionam, sobre hábitos de vida e conflitos. Se você não quiser participar, não tem problema: esse é um convite e por isso você só participa se quiser. Para participar você só precisa responder este questionário em sala de aula, durante o horário de aula que combinamos com o seu professor e o diretor de sua escola.

O risco para você, por responder a esse questionário, é muito pequeno: pode ser que você se sinta um pouco cansado, pode ser que você se sinta um pouco desconfortável com alguma pergunta. Se você se sentir desconfortável com alguma pergunta você pode, se quiser, não responder. Você pode até mudar de ideia e parar de responder o questionário, nenhum problema vai acontecer com você por isso. Você também pode pedir para os entrevistadores que vão ficar na sala de aula te ajudarem. Você pode pedir para eles te levarem até seu professor, ou para o diretor, se quiser. A equipe da pesquisa se compromete a te dar assistência se você se sentir desconfortável por causa da resposta ao questionário. Se você por acaso se sentir lesado pela resposta ao questionário – que é a forma de participação nessa pesquisa – você tem direito a pedir indenização.

Você não vai ter nenhuma despesa e também não vai ganhar nenhum tipo de compensação financeira para participar deste estudo. Os resultados vão ser muito importantes para pensar em ações que podem ser feitas em escolas para diminuir a ocorrência de brigas e conflitos, o que pode ajudar todos os alunos.

É importante você saber também que você não precisa se identificar (não precisa colocar seu nome e nem o nome da sua escola). A resposta é anônima e todas elas são confidenciais: a gente não tem como saber quem respondeu o quê! Isso é feito para que você se sinta livre e seguro para responder todas as perguntas. As respostas vão ser usadas só para essa pesquisa e serão divulgadas em conjunto e sem identificação. Também vamos fazer um relatório, com todos os resultados, e esse relatório vai ser doado para a sua escola para que você possa ler se quiser.

Em qualquer etapa do estudo você pode procurar os pesquisadores responsáveis para esclarecimento de alguma dúvida. A pesquisadora principal é Professora Maria Fernanda Tourinho Peres. Você pode encontrá-la no endereço Av. Dr. Arnaldo, 455, Departamento de Medicina Preventiva, sala 2177, Telefone 30618278, e-mail mftperes@usp.br. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética da Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da USP, que fica na Av. Dr. Arnaldo, 455, Instituto Oscar Freire, 1º andar, Telefone 3061---8004, Fax: 3061--- 8004; horário de funcionamento: das 10h às 17h, de segunda a sexta---feira. E---mail: cep.fmusp@hcnet.usp.br.

A sua participação é muito importante para nós!

Eu acho que fui bem informado(a) sobre o estudo. Ficou claro para mim porque o estudo está sendo feito, como as informações vão ser coletadas, os desconfortos e riscos, e as garantias de confidencialidade. Ficou claro também que eu não vou ter nenhuma despesa para participar.

Prezado(a) aluno(a), você concorda em participar deste estudo?

- Sim, concordo em participar.
- Não concordo em participar.

Uma via deste termo de assentimento está disponível para você.

Que bom que você aceitou o nosso convite para participar desta pesquisa! Lembramos que todas as informações são confidenciais e que você não precisa se identificar. Por isso fique à vontade para responder às nossas perguntas. Suas respostas são **MUITO IMPORTANTES** para nós!

Neste questionário não há resposta certa ou errada. Você pode ficar livre para responder todas as perguntas com base na sua experiência. É isso que importa para

Vamos começar com algumas perguntas gerais sobre você e sua família:

Q101: Sua data de nascimento: ____/____/____ (exemplo: 7/07/1999)

Q102: Seu sexo: 1- Masculino 2- Feminino

Q103: Como você define sua cor ou raça?

1- <input type="checkbox"/> Preta	4- <input type="checkbox"/> Amarela
2- <input type="checkbox"/> Branca	5- <input type="checkbox"/> Indígena
3- <input type="checkbox"/> Parda	


Q104: Você diria que sente atração sexual:

1- por homem
 2- por mulher
 3- por ambos
 4- outras respostas (anotar) _____ (Q104o)

Agora vamos fazer algumas perguntas sobre sua casa, ou seja, sobre o lugar onde você mora, dorme e come. Caso você more em mais de uma casa, fale sobre a casa onde passa a maior parte dos dias da semana. **Por exemplo, se você mora 4 dias da semana em uma casa e 3 dias em outra casa, nos fale sobre a casa que você mora 4 dias da semana.**


Primeiro, gostaríamos de saber sobre sua família e sobre quem mora com você.

Q120: Você tem irmãos?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim. Indique quantos irmãos você tem: _____ (Q120a) Q120b: Quantos moram na mesma casa que você? _____
Q123: Contando com você, quantas pessoas moram na sua casa?	Contando comigo tem _____ pessoas morando na minha casa
Q124: Dessas pessoas quantos são adultos ou idosos (a partir de 19 anos)? Não considere aqui irmãos adultos!	_____ pessoas
Q125: Contando com você, quantas dessas pessoas são crianças ou adolescentes (até 18 anos)?	_____ pessoas

<p>Q151: Você mora com sua mãe <u>ou</u> <u>uma outra mulher adulta que cuida de você?</u> (marque apenas 1 opção)</p>	<p><input type="checkbox"/> 0-Não → Pule a próxima pergunta e continue em  1</p> <p><input type="checkbox"/> 1-Sim, e ela é (marque apenas uma opção-Q151n):</p> <p><input type="checkbox"/> 1- minha mãe biológica <input type="checkbox"/> 6 - a minha avó</p> <p><input type="checkbox"/> 2 -minha mãe adotiva <input type="checkbox"/> 7 - a cuidadora da casa de acolhimento, abrigo ou casa lar onde moro</p> <p><input type="checkbox"/> 3 -minha babá</p> <p><input type="checkbox"/> 4 -minha madrastra <input type="checkbox"/> 8 - uma outra pessoa. Quem (Q151o)?</p> <p><input type="checkbox"/> 5 -a namorada do meu pai _____</p>
<p>Q151p: Qual a idade dela?</p>	<p>_____ anos</p>

<p>Q152: Sua mãe <u>ou</u> <u>a mulher que cuida de você trabalha?</u> (Considere trabalho inclusive o trabalho informal ou como autônoma).</p>	<p><input type="checkbox"/> 0-Não, ela é (Q152a):</p> <p><input type="checkbox"/> 1-dona de casa</p> <p><input type="checkbox"/> 2-desempregada e recebe auxílio desemprego</p> <p><input type="checkbox"/> 3-desempregada e recebe auxílio social ou assistência social (ex. Bolsa Família)</p> <p><input type="checkbox"/> 4-doente ou incapacitada e recebe auxílio por invalidez</p> <p><input type="checkbox"/> 5-aposentada e recebe uma aposentadoria</p> <p><input type="checkbox"/> 1- Sim, ela trabalha (inclui trabalho como autônoma) → Ela trabalha com carga horária parcial ou integral (Q152b)?</p> <p>↳ <input type="checkbox"/> Integral (trabalha o dia inteiro ou os dois turnos)</p> <p>↳ <input type="checkbox"/> Parcial (trabalha meio período ou apenas um turno ou menos de um turno)</p>
--	---

<p>Q153: Até qual nível (grau) de ensino a sua mãe ou a mulher que cuida de você estudou ou em qual nível estuda?</p>	<p><input type="checkbox"/> 1-Ela não estudou</p> <p><input type="checkbox"/> 2-Ela começou o ensino fundamental (ou 1º grau), mas não terminou</p> <p><input type="checkbox"/> 3-Ela terminou o ensino fundamental (ou 1º grau)</p> <p><input type="checkbox"/> 4-Ela começou o ensino médio (ou 2º grau), mas não terminou</p> <p><input type="checkbox"/> 5-Ela terminou o ensino médio (ou 2º grau)</p> <p><input type="checkbox"/> 6-Ela começou a cursar uma faculdade (ensino superior), mas não terminou</p> <p><input type="checkbox"/> 7-Ela terminou a faculdade (Ensino superior. Marcar aqui mesmo que ela esteja fazendo ou já tenha feito pós graduação, mestrado e doutorado)</p> <p><input type="checkbox"/> 8-Não sei</p>
---	---

<p>Q161: Você mora com seu pai <u>ou</u> <u>um outro homem adulto que cuida de você?</u> (marque apenas 1 opção)</p>	<p><input type="checkbox"/> 0-Não → Pule a próxima pergunta e continue em  2</p> <p><input type="checkbox"/> 1-Sim, e ele é (marque apenas uma opção-Q161n):</p> <p><input type="checkbox"/> 1-meu pai biológico <input type="checkbox"/> 6- o meu avô</p> <p><input type="checkbox"/> 2-meu pai adotivo <input type="checkbox"/> 7- o cuidador da casa de acolhimento, abrigo ou casa lar onde moro</p> <p><input type="checkbox"/> 3-meu tutor</p> <p><input type="checkbox"/> 4-meu padrasto <input type="checkbox"/> 8 - uma outra pessoa. Quem (Q161o)?</p> <p><input type="checkbox"/> 5-o namorado da minha mãe _____</p>
<p>Q161p: Qual a idade dele?</p>	<p>_____ anos</p>

<p>Q162: Seu pai <u>ou o homem adulto que cuida de você</u> trabalha? (<i>Considere trabalho inclusive o trabalho informal ou como autônoma</i>)</p>	<p><input type="checkbox"/> 0-Não, ele é (Q162a):</p> <p><input type="checkbox"/> 1-dono de casa</p> <p><input type="checkbox"/> 2-desempregado e recebe auxílio desemprego</p> <p><input type="checkbox"/> 3-desempregado e recebe auxílio social ou assistência social (ex. Bolsa Família)</p> <p><input type="checkbox"/> 4-doente ou incapacitado e recebe auxílio por invalidez</p> <p><input type="checkbox"/> 5-aposentado e recebe uma aposentadoria</p> <p><input type="checkbox"/> 1-Sim, ele trabalha (inclui trabalho como autônomo) → Ele trabalha com carga horária parcial ou integral (Q162b)?</p> <p>↳ <input type="checkbox"/> Integral (trabalha o dia inteiro ou os dois turnos)</p> <p>↳ <input type="checkbox"/> Parcial (meio período ou apenas um turno ou menos de um turno)</p>
--	---

Separação dos pais biológicos

<p>Q111: Seus pais biológicos são separados ou divorciados?</p>	<p><input type="checkbox"/> 0-Não</p> <p><input type="checkbox"/> 1-Sim, e eu tinha _____ anos quando isso aconteceu (Q111a)</p> <p><input type="checkbox"/> 2-Sim, eles são separados desde antes do meu nascimento ou nunca viveram juntos</p>
---	--

Você e seus pais

Por favor, marque se o que está escrito nas frases abaixo nunca, raramente, às vezes ou frequentemente acontece na sua casa. Aqui, o termo "pais" se refere aos adultos que cuidam de você em casa.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Q303: Quando você faz algo bem feito, seus pais reconhecem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q305: Você brinca ou se diverte com seus pais	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q318: Você tem de dizer a seus pais com quem você se encontra no seu tempo livre.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q307: Quando você faz bem alguma coisa, seus pais o recompensam, dão um prêmio ou um presente a você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q323: Seus pais brigam um com o outro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q316: Quando você sai de casa no seu tempo livre, seus pais determinam a que horas você precisa voltar para casa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q308: Quando você fica triste, sua mãe ou seu pai o abraça para consolar você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q324: Depois de uma briga entre si, seus pais ficam muito tempo sem falar um com o outro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q320: Seus pais perguntam a você sobre o que fez no seu tempo livre.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q313: Seus pais se interessam pelas coisas que você faz.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q314: Quando você sai no seu tempo livre, seus pais perguntam a você aonde você vai.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q325: Seus pais se insultam ou se ofendem um ao outro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q322: Seus pais elogiam você se você se sai muito bem na escola, no esporte ou em alguma atividade de lazer.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q315: Quando você tem um problema, você se sente à vontade para falar com seus pais sobre ele.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Quando você se comporta mal ou é desobediente, o que seus pais fazem?
Seus pais nunca, raramente, às vezes ou frequentemente fazem o que está escrito abaixo?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Q351: Seus pais gritam com você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q365: Você consegue convencer seus pais de que não o castiguem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q354: Seus pais ameaçam castigar você, mas depois não cumprem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q355: Seus pais dão tapa na sua cara.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q366: Seus pais deixam você sair do castigo mais cedo ou reduzem o castigo que tinham dado (p. ex. você pode voltar a assistir à TV ou voltar a sair com os amigos antes do que havia sido combinado).	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q357: Seus pais dão uma palmada (um tapa na bunda) em você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q358: Quando seus pais estão de mau humor, dão a você castigos mais severos do que os de costume.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q367: Seus pais batem em você com um cinto, uma vara ou algum outro objeto.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q359: Seus pais puxam suas orelhas ou seu cabelo.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Agora vamos fazer algumas perguntas sobre as pessoas com que você pode contar quando tem problemas ou preocupações. Por favor, marque com um **X** quanto você concorda com as afirmações abaixo ou discorda delas:

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q401: Há adultos ao meu redor com quem eu posso falar sobre os meus problemas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q402: Eu tenho um(a) ou mais bons(boas) amigos(as).	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q403: Entre os adultos que eu conheço, há alguns que eu admiro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q404: Eu tenho amigos nos quais eu posso confiar.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q405: Eu discuto meus problemas com adultos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q406: Eu me dou bem com meus amigos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q407: Há adultos ao meu redor em quem eu posso confiar.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

O que você acha disso?

Agora vamos falar de coisas que os adolescentes podem fazer. Por favor, considerando (1) nada grave e (7) muito grave marque o quão grave você considera as atitudes abaixo.							
<i>Quão grave você acha que é quando alguém da sua idade...</i>	(1) Nada grave	(2)	(3) Um pouco grave	(4)	(5) Grave	(6)	(7) Muito Grave
Q501: ...mente para os pais, os professores ou outros adultos?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>
Q502: ...mata aula de propósito?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>
Q503: ...bate em uma pessoa e a machuca por que ela o ofendeu?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>
Q504: ...rouba algo que vale menos que R\$ 15,00?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>
Q506: ...ataca outra pessoa com uma arma com intenções de feri-la seriamente?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>

<i>Quão grave você acha que é quando alguém da sua idade...</i>	(1) Nada grave	(2)	(3) Um pouco grave	(4)	(5) Grave	(6)	(7) Muito Grave
Q507: ...usa uma arma para forçar ou obrigar outra pessoa a lhe dar seu dinheiro ou suas coisas?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>
Q505: ...ofende outros adolescentes dos quais não gosta?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>	7- <input type="checkbox"/>

Você concorda com as afirmações abaixo? Marque se você acha que elas são falsas, mais falsas do que verdadeiras, mais verdadeiras do que falsas ou verdadeiras.

	Falso	Mais falso do que verdadeiro	Mais verdadeiro do que falso	Verdadeiro
Q551: Um homem de verdade deve ser capaz de bater em alguém quando é insultado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q552: Muitos problemas podem ser resolvidos com violência.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q553: É certo bater em alguém que não respeita seu grupo de amigos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q572: A culpa é da mulher quando ela apanha de seu parceiro/marido.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q554: Alguns adolescentes têm de ser atormentados para aprender uma lição.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q555: Você tem o direito de falar mal dos outros, já que os outros também falam mal de você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q556: Quando alguém age como um idiota, você pode tratá-lo mal.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q557: Um homem de verdade está sempre pronto para bater em alguém que insultou sua família.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q558: Às vezes está tudo bem maltratar uma pessoa ou praticar <i>bullying</i> contra ela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q559: Um homem de verdade é forte e protege sua família.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q560: A maioria dos adolescentes que são maltratados ou agredidos por outros adolescentes pediram por isso.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q561: É certo agredir fisicamente alguém para defender seus direitos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q573: Um homem tem o direito de bater em sua mulher ou parceira quando ela não obedece a ele.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q562: Ser maltratado ou agredido faz de você uma pessoa mais forte.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q563: Quando uma pessoa de quem você não gosta está sendo maltratada ou agredida, você também pode participar e maltratar ou agredir essa pessoa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q564: O <i>bullying</i> faz parte da vida de um adolescente.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q565: É certo lutar para proteger seus amigos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q566: Alguns adolescentes são maltratados porque merecem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q567: Às vezes as pessoas precisam apanhar.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q574: Quando uma mulher ofende seu homem ou parceiro, ele pode bater nela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q568: Você precisa machucar os outros antes que eles te machuquem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q569: Só os covardes fogem de uma briga.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

...Continue aqui!

	Falso	Mais falso do que verdadeiro	Mais verdadeiro do que falso	Verdadeiro
Q570: É certo agredir fisicamente alguém que bateu em você primeiro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q571: Às vezes você precisa machucar uma pessoa se você tem problemas com ela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Como você se sente

Por favor, indique como você se sentiu **no último mês**. Marque com um **X** se você acha que você nunca, raramente, às vezes, frequentemente ou muito frequentemente sentiu o que está descrito abaixo.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente
Q651: Eu me senti entediado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q652: Eu chorei.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q653: Eu senti medo, ansiedade ou angústia.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q654: Eu me senti infeliz.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q655: Eu me senti sozinho.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q656: Eu não consegui dormir.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q657: Eu me senti triste sem saber o porquê.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q658: Eu fiquei preocupado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q659: Eu me machuquei fisicamente de propósito (cortei alguma parte do corpo, tirei casquinhas de ferida, bati na minha cabeça, arranquei cabelos).	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

Coisas que você faz

Marque abaixo as situações que você vivenciou nos últimos 12 meses (ou seja, desde agosto de 2016). Marque com um X se as situações nunca, raramente, às vezes, frequentemente ou muito frequentemente aconteceram.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente
Q601: Você se ofereceu para ajudar a arrumar ou limpar uma bagunça em algum lugar	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q627: Você ficou agitado e teve dificuldade de ficar quieto.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q602: Você chutou seus pais ou bateu neles quando estava com raiva.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q603: Você ficou com muita raiva quando alguém provocou ou irritou você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q604: Você foi capaz de entender como outra pessoa estava se sentindo.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

Q605: Quando você estava bravo com uma pessoa, falou mal dela pelas costas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q606: Você intimidou alguém para conseguir o que queria.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q607: Você gostou de dividir suas coisas com outras pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q608: Você enfrentou outras pessoas com violência.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q628: Você teve dificuldade de se concentrar em uma tarefa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q609: Você ficou mandando nas pessoas, dando ordens	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

...Continue aqui!

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente
Q629: Você bateu em alguém que ofendeu você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q610: Você mentiu para seus pais.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q611: Quando outras pessoas estavam brigando, você tentou parar a briga.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q612: Quando você ficou bravo com alguém, fez com que outros também não gostassem dessa pessoa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q613: Você mordeu, chutou ou bateu em outras pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q630: Você humilhou uma pessoa ou "acabou" com ela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q614: Quando alguém estava triste ou estava com dor, você se sentiu mal por essa pessoa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q615: Você gritou com seus pais porque estava com raiva.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q631: Você ficou desatento ou distraído.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q616: Quando você estava bravo com alguém, você disse para os outros: "Não vamos ficar na companhia dele/a.".	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q617: Você tentou ajudar uma pessoa que estava machucada.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q632: Você se sentiu nervoso ou ansioso.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q633: Quando você estava com raiva de uma pessoa, você contou os segredos dela para outros.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q618: Você bateu em alguém que tentou pegar algo seu.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q619: Você ameaçou alguém para que essa pessoa desse alguma coisa a você.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q620: Você tentou confortar uma pessoa que estava triste ou estava com dor.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q621: Você jogou alguma coisa em seus pais quando estava com raiva.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q625: Quando você viu que alguém não estava bem se sentiu solidário com ele ou ela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q622: Você participou de brigas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q623: Você ouviu com atenção a opinião de outras pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q624: Você ficou fora de si quando não conseguiu o que queria.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q626: Quando você viu uma pessoa sendo maltratada ou humilhada, você sentiu compaixão por ela.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

Aparência e Saúde

Você tem algum problema permanente de saúde ou alguma deficiência que impede ou dificulta que você faça as mesmas coisas que outros adolescentes da sua idade costumam fazer? Podem ser problemas visuais, auditivos, motores, de fala, nos membros ou até mesmo de aprendizagem, memória ou

Q700: Você tem algum desses problemas?

1-Sim

0-Não

Q701: Em geral, como você acha que está a sua saúde?	Muito boa 1- <input type="checkbox"/>	Boa 2- <input type="checkbox"/>	Regular 3- <input type="checkbox"/>	Ruim 4- <input type="checkbox"/>	Muito Ruim 5- <input type="checkbox"/>
--	--	------------------------------------	--	-------------------------------------	---

Regras, leis e a polícia

Abaixo aparecem algumas afirmações sobre o que as pessoas pensam a respeito de regras, leis e polícia. Quanto você concorda com essas afirmações?

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q751: Tudo bem você fazer o que quiser desde que não machuque ninguém.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q752: Se você segue as regras, frequentemente fica em desvantagem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q753: Você tem uma boa sensação quando quebra uma regra sem ser pego.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q754: Para fazer coisas que você quer fazer, às vezes é necessário não seguir as regras e a lei.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q755: Não existem caminhos certos ou errados para se conseguir dinheiro: só existem caminhos fáceis ou caminho difíceis.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q756: Leis existem para serem quebradas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q757: A polícia trata as pessoas com dignidade e respeito.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q578: Tenho certeza de que a polícia faz bem seu trabalho.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q579: A polícia sempre aplica as leis igualmente mesmo a pessoas diferentes.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Violência, *bullying* e assédio

As próximas perguntas dizem respeito à violência que você pode ter sofrido na sua vida e no último ano (desde agosto de 2016). Isso pode ter acontecido em vários lugares diferentes, por exemplo na rua, na escola ou com seus irmãos em casa. O agressor pode estar sozinho ou em grupo. Abaixo, descrevemos algumas formas de violência.

Essas perguntas não se referem a situações onde você briga, propositalmente, com seus amigos por diversão.

	Isso aconteceu alguma vez na sua vida?	Quantas vezes isso aconteceu no último ano?
Q1010: Alguém roubou algo seu, usando ou ameaçando usar violência, p. ex. sua bolsa, sua bicicleta ou seu dinheiro?	<input type="checkbox"/> 1-Sim <input type="checkbox"/> 0-Não → pule para ☿ 3	<input type="checkbox"/> 0-Nunca → pule para ☿ 3 _____ vezes (Q1015)

Agora pense na última vez que isso aconteceu com você no último ano

<p>Q1010a: Qual a sua relação com o agressor (ou com o agressor principal, caso a agressão tenha sido em grupo)? Selecione apenas 1</p> <p><input type="checkbox"/> 1- Parceiro(a) ou ex-parceiro(a), p. ex. namorado(a), ficante. <input type="checkbox"/> 2- Pai, mãe ou adulto responsável por você. <input type="checkbox"/> 3- Outro adulto da família <input type="checkbox"/> 4- Outro adulto conhecido. <input type="checkbox"/> 5- Um policial ou guarda <input type="checkbox"/> 6- Um adulto desconhecido <input type="checkbox"/> 7- Irmão, irmã, primos, prima ou outra criança ou adolescente da família <input type="checkbox"/> 8- Um adolescente ou uma criança conhecida. <input type="checkbox"/> 9- Um adolescente ou uma criança desconhecida <input type="checkbox"/> 10- Outra pessoa. Quem? (Q1010o)</p>
--

Φ 4 Continue aqui	Isso aconteceu alguma vez na sua vida?	Quantas vezes isso aconteceu no último ano?
Q1030: Alguém bateu tanto em você, que você ficou ferido (p. ex. ferida com sangramento, olho roxo etc.), sem que essa pessoa tenha usado uma arma ou um objeto para isso	<input type="checkbox"/> 1-Sim <input type="checkbox"/> 0-Não → pule para ⊕ 5	<input type="checkbox"/> 0-Nunca → pule para ⊕ 5 _____ vezes (Q1035)

Agora pense na última vez que isso aconteceu com você no último ano

<p>Q1030b: Qual a sua relação com o agressor (ou com o agressor principal, caso a agressão tenha sido em grupo)? Selecione apenas 1</p> <p><input type="checkbox"/> 1- Parceiro(a) ou ex-parceiro(a), p. ex. namorado(a), ficante. <input type="checkbox"/> 2- Pai, mãe ou adulto responsável por você. <input type="checkbox"/> 3- Outro adulto da família <input type="checkbox"/> 4- Outro adulto conhecido. <input type="checkbox"/> 5- Um policial ou guarda <input type="checkbox"/> 6- Um adulto desconhecido <input type="checkbox"/> 7- Irmão, irmã, primos, prima ou outra criança ou adolescente da família <input type="checkbox"/> 8- Um adolescente ou uma criança conhecida. <input type="checkbox"/> 9- Um adolescente ou uma criança desconhecida <input type="checkbox"/> 10- Outra pessoa. Quem? (Q1030o)</p>
--

⊕ 5 Continue aqui!	Isso aconteceu alguma vez na sua vida?	Quantas vezes isso aconteceu no último ano?
Q1040: Por meio de força, violência ou ameaça, alguém obrigou você a realizar atos sexuais contra sua vontade.	<input type="checkbox"/> 1-Sim <input type="checkbox"/> 0-Não → pule para ⊕ 6	<input type="checkbox"/> 0-Nunca → pule para ⊕ 6 _____ vezes (Q1045)

Agora pense na última vez que isso aconteceu com você no último ano

Q1040b: Qual a sua relação com o agressor (ou com o agressor principal, caso a agressão tenha sido em grupo)?	
Selecione apenas 1	
<input type="checkbox"/> 1- Parceiro(a) ou ex-parceiro(a), p. ex. namorado(a), ficante.	
<input type="checkbox"/> 2- Pai, mãe ou adulto responsável por você.	
<input type="checkbox"/> 3- Outro adulto da família	
<input type="checkbox"/> 4- Outro adulto conhecido.	
<input type="checkbox"/> 5- Um policial ou guarda	
<input type="checkbox"/> 6- Um adulto desconhecido	
<input type="checkbox"/> 7- Irmão, irmã, primos, prima ou outra criança ou adolescente da família	
<input type="checkbox"/> 8- Um adolescente ou uma criança conhecida.	
<input type="checkbox"/> 9- Um adolescente ou uma criança desconhecida	
<input type="checkbox"/> 10- Outra pessoa. Quem?	(Q1040o)

Ⓜ 6 Continue aqui	Isso aconteceu alguma vez na sua vida?	Quantas vezes isso aconteceu no último ano?
Q1050: Alguém bateu em você (deu murro, soco, tapa) sem que você tenha ficado ferido por isso	<input type="checkbox"/> 1-Sim <input type="checkbox"/> 0-Não → pule para + 7	<input type="checkbox"/> 0-Nunca → pule para + 7 _____ vezes (Q1055)

Agora pense na última vez que isso aconteceu com você no último ano

Q1050b: Qual a sua relação com o agressor (ou com o agressor principal, caso a agressão tenha sido em grupo)?	
Selecione apenas 1	
<input type="checkbox"/> 1- Parceiro(a) ou ex-parceiro(a), p. ex. namorado(a), ficante.	
<input type="checkbox"/> 2- Pai, mãe ou adulto responsável por você.	
<input type="checkbox"/> 3- Outro adulto da família	
<input type="checkbox"/> 4- Outro adulto conhecido.	
<input type="checkbox"/> 5- Um policial ou guarda	
<input type="checkbox"/> 6- Um adulto desconhecido	
<input type="checkbox"/> 7- Irmão, irmã, primos, prima ou outra criança ou adolescente da família	
<input type="checkbox"/> 8- Um adolescente ou uma criança conhecida.	
<input type="checkbox"/> 9- Um adolescente ou uma criança desconhecida	
<input type="checkbox"/> 10- Outra pessoa. Quem?	(Q1050o)

<p>Agora vamos falar sobre abuso, <i>bullying</i> e maus tratos. Às vezes, adolescentes podem tratar mal uns aos outros. Qual a sua experiência sobre isso? No último ano (desde agosto de 2016), você foi maltratado ou abusado por outros adolescentes? Isso pode ter acontecido na escola, no caminho da escola, no seu tempo livre, em casa ou na internet.</p>						
Quantas vezes, desde agosto de 2016 outros adolescentes...	Nunca	1 ou 2 vezes	3 a 10 vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Todo dia
Q1101: ... ignoraram ou excluíram você de propósito?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1102: ... riram de você, tiraram sarro de você ou ofenderam você?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1103: ... bateram em você, morderam você, chutaram você ou puxaram seu cabelo?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1104: ... pegaram, destruíram ou esconderam suas coisas de propósito?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>

Q1105: ... assediaram você sexualmente (p. ex. deram em cima de você de forma invasiva que provocou desconforto, tocaram você ou falaram algo constrangedor)?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
---	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------

E você? Você assediou ou maltratou outro adolescente neste último ano, desde agosto de 2016? Isso pode ter acontecido na escola, no caminho da escola, no seu tempo livre, em casa ou na internet.						
<i>Quantas vezes, desde agosto de 2016 você...</i>	Nunca	1 ou 2 vezes	3 a 10 vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Todo dia
Q1151: ...ignorou ou excluiu um outro adolescente de propósito?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1152: ...riu de outro adolescente, tirou sarro de outro adolescente ou ofendeu outro adolescente?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1153: ... bateu em outro adolescente, mordeu outro adolescente, chutou outro adolescente ou puxou o cabelo de outro adolescente?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1154: ... pegou, destruiu ou escondeu alguma coisa de outro adolescente de propósito?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q1155: ... assediou outro adolescente (p. ex. deu em cima de forma invasiva que provocou desconforto, tocou outro adolescente ou falou algo constrangedor)?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>

Como você vê as pessoas

Agora o assunto é a forma como você vê as pessoas no dia a dia. Abaixo aparecem algumas afirmações. Marque em que medida elas se aplicam a você.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q1201: Dá para confiar na maioria das pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1203: As pessoas geralmente tentam ajudar os outros.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1205: A maioria das pessoas tenta ser justa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

]

Abaixo estão alguns tipos de droga, cigarro e outras substâncias. Você já usou alguma delas? Se sim, quantas vezes nos últimos 12 meses (ou seja, desde agosto de 2016)?									
	Alguma vez você já usou?		Que idade você tinha quando usou pela primeira vez?	Com que frequência você usou nos últimos 12 meses?					
	Não	Sim		Nunca	Uma vez	2 a 5 vezes	Todos os meses	Todas as semanas	(Quase) diariamente
Qn1311: Tabaco: cigarro, charuto, cachimbo etc.	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1312)	1- <input type="checkbox"/> Qn1313	2- <input type="checkbox"/> Qn1313	3- <input type="checkbox"/> Qn1313	4- <input type="checkbox"/> Qn1313	5- <input type="checkbox"/> Qn1313	6- <input type="checkbox"/> Qn1313
Qn1321: Bebidas alcoólicas fermentadas: cerveja, vinho etc.	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1322)	1- <input type="checkbox"/> Qn1323	2- <input type="checkbox"/> Qn1323	3- <input type="checkbox"/> Qn1323	4- <input type="checkbox"/> Qn1323	5- <input type="checkbox"/> Qn1323	6- <input type="checkbox"/> Qn1323
Qn1331: Bebidas alcoólicas destiladas: cachaça, vodka, uísque etc.	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1332)	1- <input type="checkbox"/> Qn1333	2- <input type="checkbox"/> Qn1333	3- <input type="checkbox"/> Qn1333	4- <input type="checkbox"/> Qn1333	5- <input type="checkbox"/> Qn1333	6- <input type="checkbox"/> Qn1333
Qn1341: Haxixe, maconha	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1342)	1- <input type="checkbox"/> Qn1343	2- <input type="checkbox"/> Qn1343	3- <input type="checkbox"/> Qn1343	4- <input type="checkbox"/> Qn1343	5- <input type="checkbox"/> Qn1343	6- <input type="checkbox"/> Qn1343
Qn1361: Ecstasy, MDMA, bala	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1362)	1- <input type="checkbox"/> Qn1363	2- <input type="checkbox"/> Qn1363	3- <input type="checkbox"/> Qn1363	4- <input type="checkbox"/> Qn1363	5- <input type="checkbox"/> Qn1363	6- <input type="checkbox"/> Qn1363
Qn1371: Anfetaminas, metanfetaminas, ice, cristal	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1372)	1- <input type="checkbox"/> Qn1373	2- <input type="checkbox"/> Qn1373	3- <input type="checkbox"/> Qn1373	4- <input type="checkbox"/> Qn1373	5- <input type="checkbox"/> Qn1373	6- <input type="checkbox"/> Qn1373
Qn1381: Cocaína	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1382)	1- <input type="checkbox"/> Qn1383	2- <input type="checkbox"/> Qn1383	3- <input type="checkbox"/> Qn1383	4- <input type="checkbox"/> Qn1383	5- <input type="checkbox"/> Qn1383	6- <input type="checkbox"/> Qn1383
Qn1411: Crack	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1412)	1- <input type="checkbox"/> Qn1413	2- <input type="checkbox"/> Qn1413	3- <input type="checkbox"/> Qn1413	4- <input type="checkbox"/> Qn1413	5- <input type="checkbox"/> Qn1413	6- <input type="checkbox"/> Qn1413
Qn1391: LSD, ácido, doce, cogumelos alucinógenos	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1392)	1- <input type="checkbox"/> Qn1393	2- <input type="checkbox"/> Qn1393	3- <input type="checkbox"/> Qn1393	4- <input type="checkbox"/> Qn1393	5- <input type="checkbox"/> Qn1393	6- <input type="checkbox"/> Qn1393
Qn1401: Suplementos hormonais para aumentar a massa muscular (anabolizantes, esteroides, hormônios de crescimento etc.)	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1402)	1- <input type="checkbox"/> Qn1403	2- <input type="checkbox"/> Qn1403	3- <input type="checkbox"/> Qn1403	4- <input type="checkbox"/> Qn1403	5- <input type="checkbox"/> Qn1403	6- <input type="checkbox"/> Qn1403
Qn1421: Medicamentos como ansiolíticos, antidepressivos, ritalina etc. (Não inclua nada que seja receitado por um médico para tratamento de saúde.)	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1422)	1- <input type="checkbox"/> Qn1423	2- <input type="checkbox"/> Qn1423	3- <input type="checkbox"/> Qn1423	4- <input type="checkbox"/> Qn1423	5- <input type="checkbox"/> Qn1423	6- <input type="checkbox"/> Qn1423
Qn1431: Loló, lança, éter, benzina, tinta, aguarrás, tinner, esmalte, gasolina.	0- <input type="checkbox"/>	1- <input type="checkbox"/> →	____ anos (Qn1432)	1- <input type="checkbox"/> Qn1433	2- <input type="checkbox"/> Qn1433	3- <input type="checkbox"/> Qn1433	4- <input type="checkbox"/> Qn1433	5- <input type="checkbox"/> Qn1433	6- <input type="checkbox"/> Qn1433
Qn1435: Alguma vez, desde agosto de 2016, você teve problema com a polícia por causa de álcool ou drogas? <input type="checkbox"/> -1 Sim → _____ vezes (Qn1435a) <input type="checkbox"/> -0 Não									

Qn1405: Você tomou bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias?		
<input type="checkbox"/> 1-Sim <i>Responda às duas perguntas ao lado →</i>	Em quantos dias você tomou 5 ou mais doses de bebida alcoólica (cerveja, vinho, <i>vodka</i> , bebidas misturadas etc.)? (Q1371a)	Em _____ dias
<input type="checkbox"/> 0-Não <i>Continue nas perguntas abaixo</i>	Quantas vezes você ficou tão bêbado, que mal conseguiu lembrar no dia seguinte o que aconteceu? (Q1371b)	Em _____ dias

Quase todos os adolescentes já fizeram coisas que não lhes eram permitidas fazer, como, por exemplo, roubar ou quebrar coisas. Alguns adolescentes também já bateram em alguém ou machucaram uma pessoa de propósito. Nos últimos 12 meses (ou seja, desde agosto de 2016), você fez alguma dessas coisas?

<i>Desde de agosto de 2016 você...</i>		Se sim, quantas vezes desde agosto de 2016?
Q1401: ...matou uma aula de propósito?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1401b)
Q1413: ...colou ou trapaceou de alguma forma em uma prova da escola?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1413b)
Q1406: ...roubou algo na escola?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1406b)
Q1414: ...fugiu de casa?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1414b)
Q1405: ...roubou algo em casa?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1405b)
Q1407: ...roubou algo que vale menos do que R\$ 150,00 de uma loja ou de uma banca?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1407b)
Q1408: ...roubou algo que vale mais do que R\$ 150,00 de uma loja ou de uma banca?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1408b)
Q1409: ...roubou uma bicicleta ou algum outro veículo?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1409b)
Q1415: ...andou de moto ou carro sem ter a carteira de habilitação?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1415b)
Q1416: ...baixou ilegalmente arquivos da internet (p. ex. músicas, fotos, programas)?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1416b)
Q1417: ...arrombou um carro ou um lugar (como um apartamento ou uma loja) para poder roubar algo de dentro?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1417b)
Q1418: ...vendeu drogas (maconha, cocaína, ecstasy etc.)?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1418b)
Q1410: ...usou trem, ônibus ou metrô sem ter pago a passagem ou sem estar com bilhete único/passe livre?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1410b)
Q1419: ...pichou ou grafitou ilegalmente um muro ou algum meio de transporte público?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1419b)
Q1411: ...danificou propositalmente janelas, latas de lixo, iluminação pública, assentos no metrô, no trem ou no ônibus, ou coisas parecidas?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1411b)
Q1420: ...carregou com você uma arma ou um objeto perigoso para se proteger de alguém, ameaçar ou atacar outra pessoa?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1420b)

Q1424: ...teve problema com a polícia?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1424b)
Q1423: ...forçou uma pessoa, contra a vontade dela, a ter contato sexual com você?	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1423b)

Desde de agosto de 2016 você...

		Se sim, quantas vezes desde agosto de 2016?
Q1421: ...ameaçou usar violência contra alguém para obter dinheiro ou objetos? Você pode ter feito isso sozinho ou em grupo. Pode também ter se utilizado de armas para isso.	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1421b)
Q1422: ...pegou dinheiro ou objetos de alguém à força, ou seja, contra a vontade dele/dela. Você pode ter feito isso sozinho ou em grupo, com ou sem uso de armas	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1422b)
Q1412: ...agrediu, chutou, cortou ou machucou alguém de propósito? Pode ter sido, por exemplo, um adolescente na sua escola, em quadras de esporte, na rua, mas também alguém em casa, um irmão, uma irmã ou seus pais.	<input type="checkbox"/> 0-Não <input type="checkbox"/> 1-Sim →	___ vezes (Q1412b)

♣ Na última pergunta, você marcou que já agrediu, chutou, cortou ou machucou alguém de propósito?

Se a resposta foi **Sim** → Passe para a próxima pergunta

Se a resposta foi **Não** → Pule as próximas perguntas e continue em ♣ 8

Tente se lembrar da última vez, desde agosto de 2016, em que você agrediu, chutou, cortou ou machucou alguém de propósito.

Quando isso aconteceu?	No ano de 20___ mês _____ (escreva o ano e o mês) (Q1451) (Q1451a)
Q1461: Você usou algum objeto perigoso ou uma arma (p. ex. faca, vara, porrete, revólver) para machucar a outra pessoa ou o grupo?	<input type="checkbox"/> 0-Não. Machuquei sem arma. <input type="checkbox"/> 1-Sim. Usei este objeto ou esta arma: _____. (Q1461o)

Como você se vê

Agora voltamos para mais algumas perguntas gerais. Primeiro, vamos falar sobre como você se vê. Abaixo aparecem diferentes afirmações. Por favor, marque com um X o quanto você concorda ou discorda de cada uma delas.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q1701: Quase sempre faço coisas sem pensar.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1719: Quando eu enfrento dificuldades, acho caminhos ou formas para conseguir superá-las	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1702: Eu tento conseguir o que quero mesmo quando sei que isso causa problemas para outras pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1703: Às vezes eu faço coisas perigosas e corro riscos somente por diversão.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1704: Quando eu não consigo imediatamente o que quero, fico com raiva muito rapidamente.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1714: Eu geralmente me sinto mal quando faço algo que sei que é errado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1715: Eu nunca minto.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1720: Eu sei lidar bem com situações inesperadas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
1706: Eu prefiro sair e fazer algo fora de casa a ficar em casa lendo ou pensando.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Sua maneira de lidar com conflitos

Abaixo aparecem alguns tipos de reação que adolescentes podem ter quando estão em conflito com outros. Por favor, indique a frequência com que você reage de tal maneira quando se envolve em um conflito: nunca, raramente, às vezes, frequentemente ou muito frequentemente.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente
Q1751: Eu ameaço que vou bater em alguém.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q1753: Eu perco a cabeça e grito com outra pessoa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q1754: Eu escuto com cuidado, para que não haja mal-entendido.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q1755: Eu bato na pessoa para que eu seja respeitado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q1756: Eu tento controlar minha raiva e minha irritação.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q1758: Sem gritar, eu digo o que me incomoda.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

Escola

Q1800: Há quanto tempo você estuda nessa escola?	Desde ____ mês ____ ano
--	-------------------------

Como você está na escola? Marque se as afirmações abaixo se aplicam a você na sua escola atual. Se você tem mais que um professor, expresse o que acha em geral.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q1801: Eu gosto de ir à escola.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1802: No geral, meus professores me tratam de forma justa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1803: Nós somos bem unidos na nossa turma.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1810: Eu erro muito nas lições de casa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1811: Eu gostaria de ter um emprego interessante quando for mais velho e agora faço de tudo para conseguir isso.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1804: Eu gosto de fazer lição de casa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1805: No geral, eu me dou bem com meus professores ou minhas professoras.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1806: Eu me dou bem com os adolescentes da minha turma.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1812: Eu frequentemente tiro notas ruins.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

...Continue aqui!

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q1813: Eu me esforço na escola para conseguir um bom emprego no futuro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1807: Eu acho que a escola não serve para nada.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1808: No geral, meus professores me ajudam quando eu preciso deles.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1809: Os outros adolescentes da minha turma são legais comigo.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1814: Eu frequentemente tenho dificuldades para acompanhar a aula.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1815: O bom desempenho escolar é importante para mim.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1816: Na minha escola, todos são tratados de maneira justa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1817: Na minha escola, os alunos violentos, que se aproveitam dos outros, costumam se livrar dos problemas e geralmente nada acontece com eles.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1818: Na minha escola, professores e funcionários conseguem manter a ordem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1819: Na minha escola, professores e funcionários agem de forma coerente com aquilo que eu acho certo ou errado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1820: Mesmo que eu não concorde com os professores ou os funcionários da minha escola, tenho de escutá-los e obedecer ao que eles dizem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1821: A maioria dos professores e dos funcionários da minha escola fazem bem seu trabalho.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1822: Confio nos professores e nos funcionários da minha escola.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1823: Na minha escola, os castigos são determinados ou as decisões são tomadas de forma justa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1824: Na minha escola, alguns alunos são tratados melhor do que outros.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1825: É justificado desobedecer aos professores, aos funcionários ou às autoridades da minha escola.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Pensando nos últimos 12 MESES (desde agosto e 2016), com que frequência você presenciou (viu) ou ouviu falar que alguma das situações abaixo aconteceu na escola onde você estuda atualmente (esta escola):

	Nunca	Poucas vezes (1 ou 2)	Algumas vezes (3 ou 4)	Muitas vezes (5 ou +)
Q1826: Briga com agressão física entre alunos	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1827: Briga com agressão física envolvendo alunos e professores e/ou funcionários	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1828: <i>Bullying</i> entre alunos (humilhação, pirraças, agressão verbal, xingamentos, persistente e recorrente contra alunos específicos)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1829: Venda e/ou consumo de drogas na escola	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1830: Alunos portando armas de fogo e/ou faca	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1831: Algum tipo de violência ou agressão sexual envolvendo alunos	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1832: Algum tipo de violência ou agressão sexual envolvendo alunos e professores e/ou funcionários	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1833: Brigas com xingamento entre alunos	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Q1834: Brigas com xingamento envolvendo alunos e professores e/ou funcionários	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1835: Roubos ou furtos acontecidos no interior da escola	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

<i>...continue aqui!</i>	Nunca	Poucas vezes (1 ou 2)	Algumas vezes (3 ou 4)	Muitas vezes (5 ou +)
Q1836: Vandalismo praticado por alunos contra os bens da escola (p. ex. quebrar, destruir, pichar)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q1837: Vandalismo praticado por professores e/ou funcionários contra bens da escola (p. ex. quebrar, destruir, pichar)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Televisão, computador e celular

As próximas perguntas são sobre o seu dia a dia em casa e em seus momentos de lazer. Primeiro sobre a televisão, o computador, o celular ou outros aparelhos eletrônicos.

	Sim	Não
Q1901: Você tem um celular próprio?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q1902: Você tem um computador com internet no seu quarto?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q1903: Você tem uma televisão no seu quarto (inclui assistir televisão pela internet no quarto)?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>

Se você for pensar nos últimos 12 meses, ou seja, desde agosto de 2016, quantas vezes você realizou alguma das atividades abaixo?

	Nunca	De 1 a 2 vezes	De 3 a 12 vezes	Várias vezes por mês	Uma vez por semana	Todos os dias
Q2001: Assistiu a filmes de terror indicados para maiores 18 anos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2007: Assistiu a filmes pornográficos indicados para maiores de 18 anos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2002: Assistiu a outros filmes (suspense, ação etc.) indicados para maiores de 18 anos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2003: Procurou e viu na internet imagens de violência.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2008: Procurou e viu na internet conteúdo pornográfico.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2004: Assistiu no celular a vídeos de violência e os compartilhou com amigos ou colegas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2005: Gravou com o celular cenas de violência, como, por exemplo, de alguém sendo espancado.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>

Q2006: Jogou jogos de computador ou vídeo game indicados para maiores de 18 anos, nos quais os inimigos são mortos de forma realista ou aparece sangue (jogos de tiro etc.).	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
--	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------

Seu tempo livre

Q2570a: Quantos Reais de mesada para seu tempo livre você recebe por mês dos seus pais?

1-Eu não recebo mesada dos meus pais.

2-Eu recebo _____ reais por mês (favor indicar, quantos reais por mês. P. ex.: 15) (Q2570)

0-Não.

1-Sim, ganho _____ reais adicionais por mês. (Por favor coloque quantos reais adicionais por mês. p. ex: 30) (Q2575)

Seu tempo livre fora de casa

O que você faz quando está fora de casa no seu tempo livre? Considere como tempo livre o tempo que você passa fora da escola ou em que você não tem aula. Quantas vezes você realiza as seguintes atividades?

	Nunca	Algumas vezes por ano	Mais ou menos uma vez por mês	Mais ou menos uma vez por semana	De 2 a 3 vezes por semana	Diariamente
Q2607: Encontra colegas à noite para fazerem algo juntos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2608: Encontra amigos para brigarem com outros adolescentes.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2609: Faz algo durante o dia com outros adolescentes fora de casa.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2611: Vai ao cinema ou ao teatro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2612: Encontra amigos para fazerem algo ilegal só por diversão.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2625: Encontra amigos para fumarem cigarros ou maconha ou beberem álcool.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2613: Encontra colegas em uma casa em que não há adultos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2615: Encontra amigos para juntos roubarem algo de uma banca ou de uma loja.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2617: Vai a uma festa durante o dia.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2618: Vai a uma festa à noite com amigos.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2629: Tem um encontro amoroso.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2630: Encontra-se com amigos em um café ou restaurante (p. ex. <i>McDonald's</i> , <i>Habib's</i>)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
Q2631: Sai para um bar ou um clube com amigos à noite.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>

Q2621: Passa o tempo em um parque, na rua ou em um shopping com amigos à noite, para se divertirem.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>	6- <input type="checkbox"/>
---	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------

Seus amigos e colegas

As próximas perguntas são a respeito de amigos e colegas com os quais você passa o tempo fora da escola. Muitas vezes adolescentes têm um grupo, ou uma galera, que se encontra regularmente para fazer alguma coisa ou simplesmente passar o tempo.

Q2651: Você participa de um grupo assim?	<input type="checkbox"/> 1- Sim	<input type="checkbox"/> 2- Não → Continue em ☺ 9	
Q2652: Contando com você, quantas pessoas participam desse grupo?	<input type="checkbox"/> 1- 2 pessoas <input type="checkbox"/> 2- 3 a 10 pessoas	<input type="checkbox"/> 3- 11 a 20 pessoas <input type="checkbox"/> 4- 21 a 50 pessoas	<input type="checkbox"/> 5- 51 a 100 pessoas <input type="checkbox"/> 6- Mais de 100 pessoas
Q2653: Qual é a média de idade dos integrantes desse grupo?	<input type="checkbox"/> 1- Abaixo de 12 anos <input type="checkbox"/> 2- Entre 12 e 15 anos	<input type="checkbox"/> 3- Entre 16 e 18 anos <input type="checkbox"/> 4- Entre 19 e 25 anos	<input type="checkbox"/> 5- Mais de 25 anos

Q2654: Quem faz parte do seu grupo de amigos? Vocês são mais meninos ou mais meninas?	<input type="checkbox"/> 1- Todos são do sexo masculino <input type="checkbox"/> 2- A maioria é do sexo masculino <input type="checkbox"/> 3- Há mais ou menos o mesmo número de meninas e meninos	<input type="checkbox"/> 4- A maioria é do sexo feminino <input type="checkbox"/> 5- Todos são do sexo feminino
Q2655: O seu grupo passa muito tempo em lugares públicos como ruas, parques ou shopping center?	<input type="checkbox"/> 1- Sim	<input type="checkbox"/> 2- Não
Q2656: Há quanto tempo seu grupo existe?	<input type="checkbox"/> 1- Há menos de 3 meses <input type="checkbox"/> 2- De 3 meses a 1 ano	<input type="checkbox"/> 3- De 1 a 4 anos <input type="checkbox"/> 4- Há mais de 4 anos
Q2657: Seu grupo acha que é aceitável fazer coisas ilegais?	<input type="checkbox"/> 1- Sim	<input type="checkbox"/> 2- Não
Q2658: As pessoas do seu grupo fazem juntas coisas ilegais? (p.ex. consumir drogas, roubar lojas ou destruir coisas)	<input type="checkbox"/> 1- Sim	<input type="checkbox"/> 2- Não
Q2659: Alguém do seu grupo já teve problemas com a polícia?	<input type="checkbox"/> 1- Sim	<input type="checkbox"/> 2- Não

<i>Quantas vezes o seu grupo realiza as seguintes atividades?</i>	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
Q2661: Ameaça, briga ou bate em pessoas	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2662: Rouba coisas (p. ex. carros) ou invade casas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2663: Assalta pessoas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2664: Pede pagamento em dinheiro para proteger alguém, para que uma pessoa não seja agredida ou sua propriedade seja invadida.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2665: Vende drogas ilegais, como maconha, cocaína, ecstasy, bala etc.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2666: Porta armas (anda armado).	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2667: Picha ou destrói algo.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2668: Consome álcool ou drogas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2669o: Faz outras coisas ilegais. Especifique: _____ (Q2669e)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Agora algumas perguntas sobre seus amigos, suas amigas e seus conhecidos, que podem ser adolescentes da suaturma ou da sua vizinhança, por exemplo. Não contam os amigos que moram em outra cidade, Estado ou País e amigos que você conhece só pela internet.

Quantos amigos ou conhecidos seus fizeram alguma das coisas descritas abaixo, nos últimos 12 meses, desde agosto de 2016?

	Nenhum	1	2	3 a 5	Mais de 5
Q2706: Bateu em uma pessoa, chutou ou machucou fisicamente alguém de propósito	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2707: Roubou algo de uma banca ou de uma loja.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2712: Vendeu drogas.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2708: Matou aula.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2709: Consumiu álcool.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2710: Fumou cigarro.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2711: Usou drogas, como maconha, cocaína etc.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>
Q2713: Teve problemas com a polícia por ter feito algo ilegal.	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>	5- <input type="checkbox"/>

O seu bairro

Agora queremos saber algumas coisas sobre o bairro onde você mora (se você mora em mais de uma casa pense na casa que você passa mais dias na semana):

Q2801: Há quanto tempo você mora neste bairro?	Desde _____ de _____ (diga o mês e o ano)
--	---

Pensando nos últimos 12 MESES, desde agosto de 2016, com que frequência você viu ou ouviu falar que alguma das situações abaixo aconteceu no bairro você mora:

	Nunca	Poucas vezes (1 ou 2)	Algumas vezes (3 ou 4)	Muitas vezes (5 ou +)
Q2802: Tiros ou tiroteio	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2803: Alguém foi preso pela polícia	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2804: Alguém vendendo drogas	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2805: Alguém foi espancado ou agredido fisicamente	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2806: Alguém foi assassinado	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2807: Alguém teve a casa invadida/roubada	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2808: Alguém foi esfaqueado	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2809: Alguém levou um tiro	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2810: Pessoas circulando com armas de fogo na rua (que não sejam policiais ou pessoas autorizadas a usar armas de fogo)	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2811: Pessoas usando bebida alcoólica na rua	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2812: Alguém foi assaltado com uma arma de fogo ou faca	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2813: Alguém sofreu algum tipo de violência sexual	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2814: Alguém foi agredido por um policial	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>
Q2815: Alguém foi subornado por um policial	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>	3- <input type="checkbox"/>	4- <input type="checkbox"/>

Sua alimentação e atividades físicas

As próximas perguntas referem-se a sua alimentação. Leve em conta tudo o que você comeu em casa, na escola, na rua, em lanchonetes, em restaurantes ou em qualquer outro lugar nos últimos 7 dias.

NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu ou bebeu:

Q3000: Feijão	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	
Q3001: Salgados fritos. Ex: Batata frita (sem contar a batata de pacote) ou salgados fritos como coxinha de galinha, quibe frito, pastel frito, acarajé, etc.	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	
Q3002: Hambúrguer, salsicha, mortadela, salame, presunto, nuggets ou linguiça	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	
Q3003: Pelo menos um tipo de legume ou verdura crus ou cozidos? Exemplo: couve, tomate, alface, abóbora, chuchu, brócolis, espinafre, etc. Não inclua batata e aipim (mandioca/macaxeira).	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	
Q3004: Biscoitos ou bolachas, doces ou salgados	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	
Q3005: Salgadinho de pacote ou batata frita de pacote	0- <input type="checkbox"/> Não comi	3- <input type="checkbox"/> 3 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias
	1- <input type="checkbox"/> 1 dia	4- <input type="checkbox"/> 4 dias	7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
	2- <input type="checkbox"/> 2 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias	

Q3006: Guloseimas (doces, balas, chocolates, chicletes, bombons ou pirulitos)	0- <input type="checkbox"/> Não comi 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 2- <input type="checkbox"/> 2 dias	3- <input type="checkbox"/> 3 dias 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias 7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
Q3007: Frutas frescas ou salada de frutas	0- <input type="checkbox"/> Não comi 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 2- <input type="checkbox"/> 2 dias	3- <input type="checkbox"/> 3 dias 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias 7- <input type="checkbox"/> Todos os dias
Q3008: Refrigerante, suco de pozinho, refresco ou suco de caixinha.	0- <input type="checkbox"/> Não bebi 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 2- <input type="checkbox"/> 2 dias	3- <input type="checkbox"/> 3 dias 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias	6- <input type="checkbox"/> 6 dias 7- <input type="checkbox"/> Todos os dias

Q3009: Você costuma almoçar ou jantar com sua mãe, pai ou responsável?	1- <input type="checkbox"/> Não 2- <input type="checkbox"/> Sim, todos os dias 3- <input type="checkbox"/> Sim, 5 a 6 dias por semana 4- <input type="checkbox"/> Sim, 3 a 4 dias por semana 5- <input type="checkbox"/> Sim, 1 a 2 dias por semana 6- <input type="checkbox"/> Sim, mas apenas raramente
Q3010: Você costuma assistir TV, usar o celular ou o computador durante as refeições (café da manhã, almoço ou jantar)?	1- <input type="checkbox"/> Não 2- <input type="checkbox"/> Sim, todos os dias 3- <input type="checkbox"/> Sim, 5 a 6 dias por semana 4- <input type="checkbox"/> Sim, 3 a 4 dias por semana 5- <input type="checkbox"/> Sim, 1 a 2 dias por semana 6- <input type="checkbox"/> Sim, mas apenas raramente

As próximas perguntas referem-se apenas a sua alimentação NA ESCOLA.

Q3011: Você costuma comer a comida (merenda/almoço) oferecida pela escola? <i>(não inclui comida comparada na escola, apenas oferecida gratuitamente pela escola)</i>	1- <input type="checkbox"/> A minha escola não oferece comida 2- <input type="checkbox"/> Não, não costumo comer a comida oferecida pela escola 3- <input type="checkbox"/> Sim, todos os dias 4- <input type="checkbox"/> Sim, 3 a 4 dias por semana 5- <input type="checkbox"/> Sim, 1 a 2 dias por semana 6- <input type="checkbox"/> Sim, mas apenas raramente
Q3012: Em um dia de aula comum, onde você costuma adquirir seu lanche que come na durante o período de aulas?	1- <input type="checkbox"/> Eu não como nada no intervalo da escola. 2- <input type="checkbox"/> Compro meu lanche na cantina da escola. 3- <input type="checkbox"/> Compro meu lanche de algum vendedor ambulante perto da escola. 4- <input type="checkbox"/> Compro meu lanche em algum estabelecimento próximo à escola. 5- <input type="checkbox"/> Trago meu lanche de casa. 6- <input type="checkbox"/> Ganho lanches dos meus colegas. 7- <input type="checkbox"/> A escola fornece alimentação gratuitamente. 8- <input type="checkbox"/> Adquiro meu lanche de outra maneira.

EM UMA SEMANA DE AULAS COMUM (5 dias letivos), em quantos dias você comeu ou bebeu NA ESCOLA (inclua os alimentos que você comeu durante o intervalo, mesmo que seja do lado de fora da escola):

Q3000a: Feijão	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3001a: Salgados fritos. Ex: Batata frita (sem contar a batata de pacote) ou salgados fritos como coxinha de galinha, quibe frito, pastel frito, acarajé, etc.	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3002a: Hambúrguer, salsicha, mortadela, salame, presunto, nuggets ou linguiça	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3003a: Pelo menos um tipo de legume ou verdura crus ou cozidos? Exemplo: couve, tomate, alface, abóbora, chuchu, brócolis, espinafre, etc. Não inclua batata e aipim (mandioca/macaxeira).	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3004a: Biscoitos ou bolachas, doces ou salgados	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3005a: Salgadinho de pacote ou batata frita de pacote	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3006a: Guloseimas (doces, balas, chocolates, chicletes, bombons ou pirulitos)	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3007a: Frutas frescas ou salada de frutas	0- <input type="checkbox"/> Não comi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias
Q3008a: Refrigerante, suco de pozinho, refresco ou suco de caixinha	0- <input type="checkbox"/> Não bebi } - <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia } - <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias } - <input type="checkbox"/> 5 dias

Q3013: Você está fazendo algo em relação ao seu peso atual?	1- Não estou fazendo nada. 2- Estou tentando perder peso. 3- Estou tentando ganhar peso. 4- Estou tentando manter o mesmo peso.
As próximas questões falam sobre atividade física, que pode ser feita ao praticar esportes, brincar com os amigos ou caminhar até a escola. Alguns exemplos de atividade física são: correr, andar de bicicleta, dançar, jogar futebol, voleibol, basquete, handebol, nadar, andar de skate, etc.	
Q4000: EM UMA SEMANA DE AULAS COMUM (5 dias letivos), em quantos dias você vai ou volta a pé ou de bicicleta para a escola? (Não considerar garupa ou bicicleta elétrica)	0- <input type="checkbox"/> Nenhum dia (0 dia) 3- <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias
Q4007: Quando você vai ou volta da escola a pé ou de bicicleta, quanto tempo você gasta por dia? (se você vai e volta, some o tempo que gasta)	0- <input type="checkbox"/> Não vou ou volto da escola a pé ou de bicicleta 1- <input type="checkbox"/> Menos de 10 minutos 2- <input type="checkbox"/> 10 a 19 minutos 3- <input type="checkbox"/> 20 a 29 minutos 4- <input type="checkbox"/> 30 a 39 minutos 5- <input type="checkbox"/> 40 a 49 minutos 6- <input type="checkbox"/> 50 a 59 minutos 7- <input type="checkbox"/> 60 ou mais minutos
Q4001: EM UMA SEMANA DE AULAS COMUM (5 dias letivos), quantos dias você teve aulas de educação física na escola?	0- <input type="checkbox"/> Nenhum dia (0 dia) 3- <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias
Q4002: Na última semana, quantos dias por semana você participou das aulas de educação física?	0- <input type="checkbox"/> Nenhum dia (0 dia) 3- <input type="checkbox"/> 3 dias 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 4- <input type="checkbox"/> 4 dias 2- <input type="checkbox"/> 2 dias 5- <input type="checkbox"/> 5 dias
Q4003: Na última semana, quanto tempo <u>por dia</u> você fez atividade física ou esporte durante as aulas de educação física na escola?	0- <input type="checkbox"/> Não fiz aula de educação física na escola 1- <input type="checkbox"/> Menos de 10 minutos 2- <input type="checkbox"/> 10 a 19 minutos 3- <input type="checkbox"/> 20 a 29 minutos 4- <input type="checkbox"/> 30 a 39 minutos 5- <input type="checkbox"/> 40 a 49 minutos 6- <input type="checkbox"/> 50 a 59 minutos 7- <input type="checkbox"/> De 1 hora a 1 hora e 19 minutos 8- <input type="checkbox"/> 1 hora e 20 minutos ou mais

Q4004: NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, sem contar as aulas de educação física da escola, em quantos dias você praticou alguma atividade física como esportes, dança, ginástica, musculação, lutas ou outra atividade?	0- <input type="checkbox"/> Nenhum dia (0 dia) 1- <input type="checkbox"/> 1 dia 2- <input type="checkbox"/> 2 dias 3- <input type="checkbox"/> 3 dias 4- <input type="checkbox"/> 4 dias	5- <input type="checkbox"/> 5 dias 6- <input type="checkbox"/> 6 dias 7- <input type="checkbox"/> 7 dias
Q4005: Normalmente, quanto tempo <u>por dia</u> duram essas atividades (como esportes, dança, ginástica, musculação, lutas ou outra atividade) que você faz? (SEM CONTAR as aulas de educação física)	0- <input type="checkbox"/> Não pratico nenhuma dessas atividades 1- <input type="checkbox"/> Menos de 10 minutos 2- <input type="checkbox"/> 10 a 19 minutos 3- <input type="checkbox"/> 20 a 29 minutos 4- <input type="checkbox"/> 30 a 39 minutos 5- <input type="checkbox"/> 40 a 49 minutos 6- <input type="checkbox"/> 50 a 59 minutos 7- <input type="checkbox"/> 1 hora ou mais minutos	
Q4006: EM UM DIA de semana comum, quanto tempo você fica sentado (a), assistindo televisão, usando computador, jogando videogame, conversando com amigos (as) ou fazendo outras atividades sentado (a)? (não contar sábado, domingo, feriados e o tempo sentado na escola)	0- <input type="checkbox"/> Menos de 1 hora por dia 1- <input type="checkbox"/> 1 a 2 horas por dia 2- <input type="checkbox"/> 3 a 4 horas por dia 3- <input type="checkbox"/> 5 a 6 horas por dia 4- <input type="checkbox"/> 7 a 8 horas por dia 5- <input type="checkbox"/> Mais de 8 horas por dia	

Para finalizar, algumas perguntas adicionais sobre a sua casa:		
	Sim	Não
Q5000: Você tem algum trabalho, emprego ou negócio atualmente?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5001: Você recebe dinheiro por este trabalho, emprego ou negócio?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5002: Na sua casa tem telefone fixo (convencional)?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5003: Na sua casa tem computador (de mesa, ou <i>netbook</i> , <i>laptop</i> , etc)? – Excluir <i>tablet</i> , <i>smartphone</i> e <i>palm top</i>	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5004: Você tem acesso à <i>internet</i> em sua casa?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5005: Alguém que mora na sua casa tem carro?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5006: Alguém que mora na sua casa tem moto?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5007: Tem empregado(a) doméstico(a) recebendo dinheiro para fazer o trabalho em sua casa, cinco ou mais dias por semana?	1- <input type="checkbox"/>	2- <input type="checkbox"/>
Q5008: Quantos banheiros com chuveiro têm dentro da sua casa?	0- <input type="checkbox"/> Não tem banheiro com chuveiro dentro da minha casa 1- <input type="checkbox"/> 1 banheiro 2- <input type="checkbox"/> 2 banheiros 3- <input type="checkbox"/> 3 banheiros 4- <input type="checkbox"/> 4 banheiros ou mais	

Você chegou ao fim, parabéns!
**Obrigada por ter aceito participar desta
pesquisa!**

Caso queira contar mais alguma coisa, ou fazer algum comentário sobre algo que não perguntamos, você pode escrever aqui:

Agora, por favor, procure os entrevistadores para registrarem o seu peso e sua altura.